

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO DO SUL  
INSTITUTO DE MATEMÁTICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

LEONOR FERNANDA VOLPATO DE MORAES

**AVALIAÇÕES E SEUS ATRAVESSAMENTOS EM PRÁTICAS PROFISSIONAIS  
DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA**

CAMPO GRANDE - MS

2021

LEONOR FERNANDA VOLPATO DE MORAES

AVALIAÇÕES E SEUS ATRAVESSAMENTOS EM PRÁTICAS PROFISSIONAIS DE  
PROFESSORES DE MATEMÁTICA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Mestrado em Educação Matemática da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para a obtenção título de Mestre em Educação Matemática.

Orientador: João Ricardo Viola dos Santos.

CAMPO GRANDE - MS

2021

LEONOR FERNANDA VOLPATO DE MORAES

**Avaliações e seus atravessamentos em práticas profissionais de professores  
de Matemática**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Mestrado em Educação Matemática da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação Matemática.

Aprovado em: \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**Banca Examinadora**

---

Prof. Dr. João Ricardo Viola dos Santos  
Presidente da banca  
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

---

Prof. Dr. Carla Regina Mariano da Silva  
Examinadora  
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

---

Prof. Dr. Cleyton Hércules Gontijo  
Examinador  
Universidade de Brasília

Dedico este trabalho aos meus três filhos  
Arthur, Fabiola e Sara que me ensinaram  
o significado do verbo amar.

## **AGRADECIMENTOS**

Existem situações na vida em que é fundamental poder contar com o apoio e a ajuda de algumas pessoas. Nesses anos de mestrado, de muito esforço e dedicação, gostaria de agradecer a algumas pessoas que me acompanharam e foram fundamentais para a realização de mais este sonho. Por isso, expresso aqui, através de palavras sinceras, um pouquinho da importância que elas tiveram, e ainda têm, nesta conquista e a minha sincera gratidão a todas elas.

Ao professor João Ricardo Viola dos Santos, orientador deste trabalho, pelos seus conhecimentos, sua atenção, meus sinceros agradecimentos pela amizade e paciência dedicada, o que mais aprendi com sua convivência é acreditar na educação, ser humilde e lutar. Muito obrigada!

Aos professores membros da banca de qualificação e defesa Carla Regina Mariano da Silva e Cleyton Hércules Gontijo, pelos pertinentes apontamentos e contribuições que engrandecem esse estudo.

A todos os professores do PPGEduMat, Carla, Luzia, Marcio, Aparecida, Fernanda, Edilene, Thiago, João, Marilene, Paola, Klinger, Rachid pela oportunidade de aprendizagem durante as aulas.

Aos professores que participaram das entrevistas, Cristiane, Ivanei, Leandro, Leonardo pela cordialidade com que me receberam em suas casas e pela prestação das valiosas informações que serviram de estudo para o presente trabalho.

Ao Grupo FAEM pela convivência e ajuda em especial há: Edivagner, Jhenifer, João Paulo, Bruna, por sempre me apoiarem e ajudarem mostrando que podemos ser um grupo colaborativo.

Aos meus pais Zenaide e Nilson e aos meus irmãos Rodrigo e Rogério, que sempre me apoiaram, e desculpe pelo vazio deixado nesses dois anos muitas vezes ausente, pela minha dedicação ao mestrado.

Aos amores de minha vida, marido Alonso e meus filhos trigêmeos Arthur, Sara e Fabiola pelo apoio e compreensão desses anos de estudo e dedicação, muito obrigada! Não teria conseguido sem o apoio e amor de vocês.

Aos gestores da Escola Padre José Valentim, Carmem, Paulo e coordenadora Patrícia por organizarem meu horário de aula, para poder frequentar as aulas do mestrado, obrigada!

Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas

Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o voo.

Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que eles amam são pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro dos pássaros. O voo não pode ser ensinado. Só podem ser encorajados.  
Rubem Alves.

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é investigar como as avaliações atravessam práticas profissionais de professores que ensinam matemática no Ensino Fundamental. Analisamos como professores lidam com avaliações externas, avaliação da aprendizagem e avaliação da aprendizagem em tempos de pandemia, em suas práticas profissionais. Por meio de entrevistas realizadas com quatro professores de matemática, em três momentos, produzimos leituras e discussões a fim de analisar efeitos, práticas, processos e atravessamentos de avaliações no dia a dia de professores que ensinam matemática. A pesquisa é de natureza qualitativa e os pressupostos teórico-metodológicos são o Modelo dos Campos Semânticos (MCS) e a História Oral (HO). Nossas principais considerações, que foram produzidas ao longo de nossas travessias, por meio das textualizações das entrevistas que realizamos e de nossas discussões a respeito de avaliações escolares, são: a) efeitos de avaliações externas que controlam, moldam e direcionam a prática político-pedagógica do professor; b) em poucas possibilidades de interações entre professor e alunos, durante os meses de ensino remoto, o que acarretou em uma avaliação basicamente burocrática e que oferecia poucas potencialidades para regular processos de ensino e de aprendizagem. Educar matematicamente alunos da Educação Básica em tempos de pandemia foi algo desafiador para os professores, com demandas e urgências imediatas sem muito tempo para planejamentos. As avaliações ocuparam um espaço importante e intrigante nas práticas profissionais desses professores que ensinam matemática.

**Palavras-chave:** Avaliações externas. Avaliações da Aprendizagem. Avaliações em tempos de Pandemia. Professores de matemática. Modelo dos Campos Semânticos. História Oral.

## ABSTRACT

The aim of this work is to investigate how assessments cross the professional practices of teachers who teach mathematics in elementary school. We analyze how teachers deal with external assessments, learning assessment and learning assessment in times of pandemic, in their professional practices. Through interviews carried out with four mathematics teachers, in three moments, we produced readings and discussions in order to analyze effects, practices, processes and assessment crossings in the daily lives of teachers who teach mathematics. The research is qualitative in nature and the theoretical-methodological assumptions are the Semantic Fields Model (MCS) and Oral History (OH). Our main considerations, which were produced throughout our journeys, through the textualizations of the interviews we conducted and our discussions about school evaluations, are: a) effects of external evaluations that control, shape and direct political-pedagogical practice of the teacher; b) in few possibilities of interactions between professor and students, during the months of remote teaching, which resulted in a basically bureaucratic evaluation that offered little potential to regulate teaching and learning processes. Mathematically educating Basic Education students in times of pandemic was something challenging for teachers, with immediate demands and urgencies without much time for planning. Assessments occupied an important and intriguing space in the professional practices of these teachers who teach mathematics.

Keywords: External reviews. Learning Assessments. Evaluations in times of Pandemic. Math teachers. Semantic Fields Model. Oral History.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>CAPÍTULO I - TRAVESSIAS DE UMA PROFESSORA DE MATEMÁTICA.....</b>	<b>10</b>
1.1	minhas aproximações com o programa de pós-graduação e educação matemática.....	14
<b>2</b>	<b>CAPÍTULO II - TRAVESSIAS DE UMA PROFESSORA DE MATEMÁTICA E ALUNA DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA .....</b>	<b>20</b>
2.1	Modelo dos campos semânticos (MCS) .....	21
2.2	História Oral.....	27
<b>3</b>	<b>CAPÍTULO III - TRAVESSIAS METODOLÓGICAS DE NOSSA PESQUIS.....</b>	<b>32</b>
<b>4</b>	<b>CAPÍTULO IV - TRAVESSIAS COM PROFESSORES QUE ENSINAM MATEMÁTICA A RESPEITO DE SALA DE AULA E AVALIAÇÕES.....</b>	<b>40</b>
4.1	Primeira etapa .....	40
4.2	Segunda etapa .....	56
4.3	Terceira etapa .....	77
<b>5</b>	<b>CAPÍTULO V - TRAVESSIAS EM CONVERSAS COM PESQUISADORES SOBRE SALA DE AULA E AVALIAÇÕES .....</b>	<b>97</b>
5.1	Um olhar para avaliação da aprendizagem.....	97
5.2	Um olhar para avaliação externa como uma estratégia de violência contra o trabalho do professor .....	105
5.3	Um olhar a respeito de efeitos da avaliação externa na avaliação da aprendizagem .....	111
5.4	Um olhar para avaliação da aprendizagem durante as aulas remotas.....	115
<b>6</b>	<b>CAPÍTULO VI - TRAVESSIAS OUTRAS: AVALIAÇÕES E SALA DE AULA DE MATEMÁTICA .....</b>	<b>119</b>
6.1	Efeitos de avaliações externas na prática pedagógica de professores que ensinam matemática.....	119
6.2	Práticas avaliativas e interações entre professor e alunos em tempos de pandemia.....	123
6.3	Desafios enfrentados por professores e alunos no ano letivo de 2020.....	130
<b>7</b>	<b>UMA TRAVESSIA FINAL.....</b>	<b>136</b>

**REFERÊNCIAS.....142**

**ANEXOS .....146**

## **1 CAPÍTULO I - TRAVESSIAS DE UMA PROFESSORA DE MATEMÁTICA**

Nascida no interior do Mato Grosso do Sul, na cidade de Coronel Sapucaia, divisa com a cidade de Capitan Bado, fronteira seca entre Brasil e Paraguai, sou filha de uma professora com um agricultor e pecuarista. Por intermédio de minha mãe, aos 14 anos já estava matriculada no curso de Magistério, antigo Ensino Médio, o qual tinha por finalidade a formação de professores para a Educação Infantil e para as séries iniciais do Ensino Fundamental. Enquanto estudante do Magistério substituía professores quando necessário. Minhas travessias como professora, começam já com 17 anos.

Aos 18 anos, depois de concluir o ensino médio, final do ano 2000, concorri e fui aprovada via vestibular para cursar Licenciatura Plena em Matemática, na Universidade Para o Desenvolvimento Do Estado e da Região do Pantanal (UNIDERP), tendo em vista que o curso era na modalidade semipresencial comparecia para as aulas presenciais durante as férias escolares de janeiro e de julho. Durante esse intervalo, retornava para minha cidade no objetivo de trabalhar como professora durante restante do ano.

Meu primeiro emprego foi como professora de Educação Infantil com alunos de pré-escola. E em meados de abril de 2001, após ser aprovada em concurso público fui convocada para fazer parte do quadro de funcionários efetivos da prefeitura da cidade de Coronel Sapucaia, como professora de Educação Infantil. Estava muito bem, pois já trabalhava e era efetiva, tinha minha rotina com meus alunos. No entanto, uma inquietação que acompanhavam meus dias: todos à minha volta pediam para eu desistir do curso de Matemática e fazer Pedagogia, porém, minha resposta era sempre a mesma: “eu quero ser professora de Matemática”.

Quando ingressei na faculdade, em janeiro de 2001, logo no primeiro ano conheci meu marido, que também é professor de Matemática, o único que me apoiava a finalizar meu processo de formação nessa licenciatura. Decorrido três anos após de relacionamento, casei-me e passei a morar em Campo Grande, capital do estado. Sendo assim, concomitantemente, 2004 foi o ano do meu casamento e de minha formação universitária.

Assim que me formei, comecei a ministrar aulas de Matemática nas séries finais do Ensino Fundamental, na Escola Estadual Lúcia Martins Coelho, lugar no qual permaneci por 2 anos. No final de 2006, participei e fui aprovada no processo

seletivo de provas e títulos destinado a professores que ministravam aulas na Rede Estadual de Educação, a qual designou-me a lecionar Matemática na Escola Estadual 26 de Agosto, no ano de 2007. Foi um desafio trabalhar nessa escola, pois o diretor não era professor. Lembro-me com minúcias de detalhes de atitudes desse diretor, o que me fez estudar muito para entrar no concurso público da Rede Municipal de Educação (REME). Uma delas: “Os professores convocados nessa escola, no final do ano, limpem seus armários e entreguem a chave, vocês sabem que podemos trocar os professores na hora que eu quiser”. Depois dessa fala, que para mim foi uma humilhação, estudei muito e naquele mesmo ano passei no concurso da REME. No início de 2008, foi homologada minha aprovação no concurso público da Rede Municipal de Educação e fui para Escola Municipal Padre José Valentim.

Quando iniciei meus trabalhos nessa instituição de ensino fiquei impactada, pois, a escola era [e ainda é] muito organizada, com todo um trabalho pedagógico, um acompanhamento por parte da gestão e da coordenação. O que sempre achei ótimo e sempre é um destaque da escola. Com o passar do tempo, consegui adaptar-me plenamente a escola, onde estou até hoje.

Em setembro de 2010, fui surpreendida com uma descoberta: estava grávida. Uma alegria que não me continha. Entretanto, não era uma gravidez que pudesse passar despercebida, pois, estava grávida de trigêmeos, eu e meu marido fomos abençoados com duas meninas e um menino, que receberam os nomes de Arthur, Fabiola e Sara. Essa gravidez não foi nada fácil, primeiro uma gravidez de alto risco por ser trigemelar, os médicos me diziam tempo todo: “—olha se prepara porque é muito difícil nascer todos esses bebês” - e eu somente respondia: “— doutor vai dar tudo certo”. Devido a excepcionalidade do caso, minha gestação foi assistida por um professor doutor ministrante do curso de Medicina na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

Nesse processo, eu precisava comparecer semanalmente ao Hospital Universitário (HU), a fim de realizar exame de ultrassom e as consultas. Além de acompanhada pelo médico responsável, os exames e consultas também eram observadas pelos alunos do curso de medicina, o consultório estava sempre cheio de estudantes, pois, afinal, não era sempre que aparecia uma mulher grávida de três bebês.

Passaram-se 32 semanas até o nascimento dos trigêmeos, eles nasceram dia 25 de abril, em uma segunda-feira. Fui fazer o último exame de ultrassom e o médico disse: “ – Mãe você pode escolher, a água da placenta de uma das suas filhas está secando, ou nasce os três hoje, ou pode deixar ela morrer e ficar somente com duas crianças”. Imediatamente sai da sala de ultrassom e direto para Hospital.

Meus bebês nasceram, respectivamente as 13h:17min, 13h:18min,13h:19min. Não é um filme, mas sim uma realidade mesmo. Minha filha Fabiola que havia perdido um pouco de liquido nasceu menor e com menos peso, Sara e Arthur maiores e mais pesados. Ficamos internados por 20 dias naquele hospital, até a Fabiola ganhar o peso necessário para irmos para casa. Meu marido ficou de licença médica por trinta dias, me acompanhou o tempo todo, durante os dias e as noites em que ficamos hospitalizados. Em maio de 2011, meus filhos receberam alta, e todos demos adeus ao hospital. Vida nova, com três crianças e pais de primeira viagem. Contávamos apenas com uma ajudante que vinha durante o dia, sendo que a noite, éramos só nós dois (mãe e pai). As dificuldades foram passando, as crianças foram crescendo e hoje elas já têm 10 anos.

Enquanto mãe de trigêmeos, posso afirmar que vivenciei situações ímpares na escola e, em específico, em relação à avaliação escolar. Meus três filhos estudavam na mesma escola e na mesma turma, o que de alguma forma criava uma situação peculiar para os três. Uma situação que merece destaque, nesses escritos de minhas travessias como professora de matemática, aconteceu início do ano de 2019, quando a professora regente e a coordenadora da escola solicitaram minha presença no intuito de comunicar-me que minha filha, Fabiola, tinha dificuldade e precisaria de reforço escolar. Na conversa que tivemos, elas insistiram em questionar como Fabiola tinha conseguido chegar ao 3º ano, devido as dificuldades que apresentava, segundo a avaliação da professora e da coordenadora. Elas também solicitaram uma avaliação de Fabiola por um neurologista, pois, segundo a professora, minha filha tinha problemas neurológicos e, por isso, não aprendia. Na conversa, um questionamento da professora era: “Por que sua filha não aprende, mãe? ”

Todas essas alegações de uma professora e da coordenadora basearam-se em uma avaliação, uma leitura de minha filha. Uma avaliação e uma tomada de decisão que classifica, identifica e cria um rótulo para uma criança que, simplesmente, não se adequa ao sistema de avaliação escolar.

Levamos Fabiola para realizar exames neurológicos e o parecer do especialista constatava que não havia nenhum tipo de problema neurológico com minha filha. O parecer foi encaminhado à escola, e mesmo frente ao laudo emitido pelo neurologista, a professora a reprovou, com argumentos de que ela preguiçosa e sem boa vontade com os estudos e que por isso, tinha dificuldades de aprendizagens.

Como mãe, tenho meu coração partido por essa reprovação que, em minha leitura, não têm justificativas plausíveis. Sou professora de matemática e sempre estou presente nos estudos de meus três filhos. Fabíola tem certas dificuldades, nada estranho a vários de meus alunos. Entretanto, ao longo do ano ela teve uma evolução escolar, fato que a professora não levou em consideração. A professora avaliou minha filha de modo pontual e sem olhar para o processo. Esse fato marcou minhas relações com avaliações escolares. Como praticamos? Quais efeitos de nossas práticas? Quantas vezes cometemos sérias injustiças? Como processos avaliativos atravessam vidas de alunos e professores no contexto escolar?

Meus outros dois filhos não têm muitas dificuldades e conseguem resolver as avaliações escolares e tirar notas muito boas. A Fabiola foi retida, mesmo dedicando-se diariamente e conseguindo uma evolução em seus estudos. Para mim, esse é um exemplo clássico de como a avaliação promove uma exclusão escolar, pois já no começo do ano, a professora já havia deliberadamente concluído que o melhor para Fabíola, seria repetir de ano. Acompanhei e constatei esse fato pelo caderno escolar da minha filha, com os recados: “aproveite esse bimestre para melhorar e se dedicar mais aos estudos”. Nos cadernos dos meus outros dois filhos, o tom era diferente com palavras carinhosas e figurinhas. Essa diferença de tratamento ficou muito evidente, quando fui à reunião de pais pegar os boletins do segundo bimestre, e ela me disse: “– Olha, mãe, a Sara e o Arthur vão para o 4º ano, mas, a Fabiola não posso fazer nada, não tem jeito”. Até que chegou o dia em que a Fabiola me disse: “– Mãe, sabe aquela história de você me trocar de escola? Me muda, por favor! ”. Com isso, os trigêmeos foram separados de ambiente escolar. Como professora, em um processo de produzir pesquisas sobre avaliação escolar e mãe presente, atenta e sempre junto aos meus filhos, percebo como o aluno que não se adapta ao modelo tradicional de avaliação escolar, sofre e é excluído por meio de avaliações que já pré-determinam seu destino.

## 1.1 MINHAS APROXIMAÇÕES COM O PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

Na rede municipal de educação é de costume que no início do ano letivo aconteçam os cursos de formação de professores, conhecido também como semana pedagógica. Sendo assim, em 2014, na semana em que ocorria tal evento no prédio da SEMED, durante o período do intervalo, um professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, que hoje é o orientador desta pesquisa, fez um convite para que os professores de matemática participassem de um grupo de trabalho, que seria realizado na UFMS. Em sua fala, um grupo de trabalho seria um espaço para discussões, diálogos e construção de possibilidades para salas de aulas. Não era um curso, nem mesmo uma oficina. Seria um espaço de discussão.

Fiquei interessada com o convite e conversei com a diretora da escola, professora Carmem Ligia. Expliquei que o grupo aconteceria às quartas-feiras, no período da manhã, no horário do meu planejamento, a cada 15 dias. Com a autorização da diretora, efetuei minha inscrição para participar do GT (Grupo de Trabalho). Depois de alguns dias, recebi um telefonema do professor confirmando minha inscrição. Os encontros seriam realizados na UFMS, no PPGEduMat.

Uma das propostas construídas no GT foi a discussão e problematização de atividades que seriam propostas para os alunos do Ensino Fundamental. Depois, essas atividades escritas seriam trazidas para o GT, a fim de que fossem novamente discutidas e resultassem em outras atividades para os próximos encontros do GT. No ano de 2014, o mestrando Edivagner Santos, realizou sua pesquisa de mestrado com esse GT.

Em 2015, o GT continuou, com outra proposta construída e discutida com todos os professores que participavam. Os professores deveriam escolher um assunto e uma série do Ensino Fundamental para proposição de atividades e um processo de discussão e escritas dessas experiências com os alunos. Nesse ano, a professora Elaine Ovando, realizou sua pesquisa de mestrado com as discussões, problematizações e produções realizadas no GT. Minha participação nesses dois GTs, despertou meu interesse e vontade em realizar o mestrado em Educação Matemática. Essas foram minhas primeiras travessias em uma aproximação, na direção de uma professora de matemática, também ser atravessada pelas experiências de pesquisa de uma aluna de mestrado.

No ano de 2019, ingressei no mestrado de Educação Matemática, no PPGEduMat Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da UFMS, tendo como orientador o professor João Viola. Conseqüentemente, tornei-me uma integrante do Grupo de Pesquisa em Formação, Avaliação e Educação Matemática (FAEM).

Logo após a homologação de minha aprovação no processo seletivo do PPGEduMat, minha diretora, Carmem Ligia, que externou satisfação e felicidade por minha escolha, solicitou a organização do meu horário de aulas na escola. Esse horário ficou dividido entre segundas-feiras, terças-feiras e quartas-feiras, nos períodos matutino e vespertino. Com isso, pude frequentar as aulas do mestrado. Gosto de reforçar esse fato, pois não tive algum tipo de afastamento para realizar o mestrado. Porém, com essa organização de minha diretora, tive uma oportunidade de cursar as disciplinas e participar das reuniões do grupo de pesquisa.

Atualmente, no grupo FAEM, estão em andamento duas teses de doutorado: a do professor Edivagner e da professora Dayane, ambas com linha de pesquisa relacionada à avaliação externa. A minha pesquisa de mestrado vem ao encontro com essa mesma linha de pesquisa. Essas investigações têm como temática geral investigar efeitos de avaliações externas nas práticas profissionais de professores de Matemática. Outras temáticas derivam desta, em relação à avaliação.

Minha temática de pesquisa é a avaliação escolar. Meu interesse nesse tema vem de um desconforto e de uma reflexão que começou a partir do momento em que entrei como professora na Rede Municipal de Ensino. Logo nos primeiros meses, percebi que a gestão e o corpo de professores agiam diferente das escolas estaduais, onde eu havia trabalhado por 7 anos. Fui adaptando-me com os novos alunos e colegas de trabalho e, no ano seguinte, em 2009, já era período de prova Brasil.

Certo dia, deste mesmo ano, a diretora me chamou para conversar, em sua sala de aula, e informou-me que a Secretaria Municipal de Educação (SEMED) tinha liberado reforço para algumas turmas e alunos com dificuldade, ou seja, 5º ano e 9º ano, questionando-me se eu estaria disponível para dar aquelas aulas de reforço. Ela continuou dizendo que a escola tinha um banco de questões de simulados para trabalhar com os alunos do 9º ano, e a partir daquele momento essas questões seriam semanalmente aplicadas via simulados com os alunos, e depois aquelas atividades seriam corrigidas, no intuito de ensinar os estudantes como calcular e

achar a resposta correta. Então, já que a diretora me pediu, parei o conteúdo de matemática e fiquei treinando os alunos para realizarem a prova Brasil. O resultado do IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) demora por volta de 8 meses para ser liberado e, quando saiu, foi muito satisfatório, pois a escola subiu o índice. A cada dois anos, as escolas passam por essa avaliação de larga escala, e os professores de Matemática e de Língua Portuguesa trabalham em torno dessa prova. Este índice significa mais do que um simples valor numérico.

Os anos foram passando, e incorporou-se à escola em que trabalho um nível ótimo no que tange aos resultados no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica. Entretanto, a realidade é bem diferente, porque quando encontro meus ex-alunos e converso com eles ou conhecido deles constato que muitos reprovam no 1º ano de Ensino Médio e acabam abandonando os estudos. Poucos ingressam no Ensino Superior, e boa parte deles não prosseguem com seus estudos. Fico incomodada, pois o sistema municipal obriga os professores a passarem os alunos, mesmo sem terem conhecimento. Isso devido a espera pelo resultado da nota final do IDEB.

Nas escolas municipais, soma-se a nota da prova Brasil e multiplica-se pelo índice de reprovação dos alunos. Portanto, a escola que retém muitos alunos, mesmo se tirar uma nota boa na prova Brasil, terá um IDEB baixo. Logo, a escola com o IDEB baixo sofre intervenção por parte da SEMED por meio de um acompanhamento dos técnicos de cada área. A gestão e os professores ficam em curso o ano todo, fazendo relatório de como vão recuperar os alunos com dificuldades. Enfim, um transtorno para o professor e para o coordenador.

Esse sistema me atravessa, pois, fico refletindo se estamos fazendo o “certo” ao aprovarmos alunos sem conhecimento. Será que é correto parar o conteúdo de Matemática do 9º ano para ficar treinando os alunos para avaliações externas? Na educação, parece que não temos melhoria, somente aquela faixa em frente à escola: *“Parabéns aos professores e diretores! O IDEB da escola foi 6,2, o maior da Rede Municipal”*.

Minha experiência como professora, a partir de minha reflexão e de alguns diálogos nos encontros do GT em que participei ativamente, revelou-se meu interesse de realizar a pesquisa com os professores da Rede Municipal de Educação. Será que esses professores também se sentem incomodados com os

atravessamentos das avaliações externas na escola? O que os professores pensam desse modelo de avaliação externa, em específico a Prova Brasil?

O meu objetivo inicial era pesquisar como acontecem as práticas de ensino dos professores de matemática do 9º ano do ensino fundamental em ano do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB) - dos anos finais do Ensino Fundamental, conhecido como Prova Brasil. Porém, esse objetivo foi atravessado pela pandemia da Covid-19 que acarretou em mudanças importantes ao contexto escolar do dia para a noite. Em 2019, meu orientador e eu decidimos que seria feito um conjunto de 3 entrevistas com quatro professores sobre a avaliação SAEB e a sala de aula de Matemática. As entrevistas foram gravadas no final do ano de 2019, pois, nesse ano foi realizada a avaliação SAEB e os professores falariam com mais consistência sobre o assunto.

Em março de 2020, o Brasil, bem como o mundo, foi atravessado pela pandemia da COVID-19. As escolas diretamente atingidas e esta pesquisa também foi afetada pela situação. Frente a esse novo cenário, meu orientador e eu pensamos que deveríamos entrevistar os professores falando sobre a avaliação em tempo de aulas remotas, surgindo assim, um novo debate sobre o assunto “*avaliação*”.

O que os professores de matemática pensam sobre avaliação em tempo de pandemia? Será que tem sentido pensar em avaliação? Como os professores estão lidando com as aulas remotas? Esses questionamentos me entusiasmaram, pois, sabia que os professores tinham muito a dizer. Dessa forma, ampliamos nosso olhar na pesquisa, produzindo junto aos professores seus afetos, falas e modos a respeito de avaliações em tempo de pandemia.

Assim, o objetivo desta é investigar como as avaliações atravessam práticas profissionais de professores de Matemática. Analisamos como professores que ensinam matemática no Ensino Fundamental lidam com avaliações externas, avaliação da aprendizagem e avaliação da aprendizagem em tempos de pandemia em suas práticas profissionais. Por de entrevistas realizadas com professores de matemática em três momentos, produzi minhas leituras e discussões a fim de analisar efeitos, práticas, processos e atravessamentos nos quais essas avaliações fazem parte do dia a dia de professores de Matemática.

Assim, além dos elementos pré e pós textuais, esta pesquisa foram produzidas em meio a travessias de uma professora de matemática, uma aluna de

mestrado em Educação Matemática, uma professora e pesquisadora que toma demandas de sua prática profissional como possibilidades para produção de conhecimentos científicos.

O primeiro capítulo consiste em uma “TRAVESSIA COMO PROFESSORA DE MATEMÁTICA”, na qual apresento como me tornei professora, encontrei o grupo FAEM e construí um projeto de pesquisa que se materializa neste relatório.

O segundo capítulo, intitulado “TRAVESSIAS DE UMA PROFESSORA DE MATEMÁTICA E ALUNA DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA”, apresento meus referenciais teórico-metodológicos, o Modelo dos Campos Semânticos e da História Oral.

O terceiro capítulo, intitulado “TRAVESSIAS METODOLÓGICAS DE NOSSA PESQUISA”, apresentamos nossos processos e procedimentos metodológicos. Fazemos uma descrição de nossas escolhas e decisões durante a realização da pesquisa.

O quarto capítulo, intitulado “TRAVESSIAS COM PROFESSORES QUE ENSINAM MATEMÁTICA A RESPEITO DE SALA DE AULA E AVALIAÇÕES”, apresentamos as textualizações das entrevistas que realizamos com quatro professores que ensinam matemática em três etapas.

O quinto capítulo, intitulado TRAVESSIAS COM PESQUISAS A RESPEITO DE AVALIAÇÕES EM CONTEXTOS ESCOLARES, produzimos uma discussão em diálogos com alguns teóricos da área de avaliação e avaliação e educação matemática.

O sexto capítulo, intitulado TRAVESSIAS OUTRAS: AVALIAÇÕES E SALA DE AULA DE MATEMÁTICA, produzimos nossas discussões na direção de desdobramentos de todos movimentos realizados nos capítulos anteriores. Em três temáticas de discussões tecemos nossas considerações a respeito de avaliação e seus atravessamentos na prática profissional de professores que ensinam matemática.

O sétimo capítulo, intitulado UMA TRAVESSIA FINAL, são minhas considerações, desta pesquisa o fechamento do nosso trabalho.

Em cada capítulo, travessia, produzimos significados a respeito de nossa temática de pesquisa. Não se trata de por um lado apresentar referenciais teórico-metodológicos para depois implementá-los em processos analíticos. Noções do MCS e da HO são usadas de maneira articulada em grande parte dos

movimentos de teorizações. Não buscamos algo a ser defendido, mas sim desdobramos discussões a respeito de atravessamentos de práticas avaliativas que acontecem no cotidiano escolar de professores que ensinam matemática. Muitas vezes, muitas das discussões realizadas remetem a demandas e problemáticas de minha própria prática, como professora de Matemática do Ensino Fundamental.

As textualizações das entrevistas são produzidas e apresentadas integralmente no relatório por também se caracterizarem como movimentos de análise, processos de produção de significados outros em relação às avaliações escolares.

Nas duas últimas travessias, produzimos desdobramentos outros nos quais sintetizamos algumas considerações de maneira a encaminhar algumas tessituras de nosso trabalho.

A prática educativa de avaliação, em suas múltiplas facetas, ainda se coloca como uma demanda a ser mais discutida, problematizada e produzida em possibilidades outras nas práticas profissionais de professores que ensinam matemática. Neste trabalho produzimos algumas discussões que acreditamos ser importantes para esta área de pesquisa na Educação Matemática.

## 2 CAPÍTULO II - TRAVESSIAS DE UMA PROFESSORA DE MATEMÁTICA E ALUNA DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

Neste capítulo apresentamos nossas fundamentações teórico-metodológicas que fundamentam a pesquisa: O Modelo dos Campos Semântico (MCS) e História Oral (HO). Juntas, essas teorizações oferecem um suporte para realização desta dissertação.

O Modelo dos Campos Semânticos, vai à contramão do ensino da matemática tradicional, a qual nós professores fomos formados dentro das universidades, e a qual metodologia ainda é muito utilizada nas escolas. De maneira geral, as noções do MCS pressupõem produção em sala de aula de alunos e professores em processos de interação e intervenção. Podemos (ou devemos) produzir com nossos alunos em sala de aula, sem que o professor fique sozinho falando para as paredes e os alunos fiquem apenas em silêncio, apenas ouvindo o professor. O MCS, de certa maneira, tira o professor do centro, de uma atitude de todo poderoso conhecedor e o coloca em movimento, em ação, em explorar maneiras de colocar os alunos para produzir, dialogar e tomar decisões. Apresentamos algumas noções desta teorização que nos fundamentaram em nosso processo de produzir as entrevistas e ler as falas dos professores.

Junto ao MCS, utilizamos a História Oral, como uma maneira de produção de pesquisa qualitativa em Educação Matemática na direção de produzir fontes com as textualizações de nossas entrevistas. A história oral como método de pesquisa qualitativa em educação matemática se configura como uma possibilidade para realizar trabalhos no qual envolvem, intencionalmente, a produção de fontes por meio de entrevistas. Segundo Garnica (2010)

*/.../ um trabalho – em Educação Matemática ou em qualquer área que seja – produz irremediavelmente uma fonte histórica. A diferença é que os que usam a História Oral intencionalmente as produzem (p. 31).*

Nossa intenção, então, foi produzir textualizações de entrevistas realizadas com professores que ensinam matemática no Ensino Fundamental de uma escola municipal de Campo Grande – MS a respeito de como suas práticas profissionais são atravessadas pelas avaliações externas, avaliações da aprendizagem e avaliações da aprendizagem em tempos de pandemia.

Usamos algumas noções do MCS e da HO, que foram centrais para a produção de nossos dados e nossas discussões. A seguir, apresentamos essas noções que constituem nossas referências teórico-metodológicas.

## 2.1 MODELO DOS CAMPOS SEMÂNTICOS (MCS)

O Modelo dos Campos Semânticos se constitui como um modelo de fundamentação teórico-metodológica na Educação Matemática e oferece algumas ferramentas para a produção de pesquisas. Na obra “Modelo dos Campos Semânticos e Educação Matemática: 20 anos de história” [um compilado de produções diversas de autoras e autores que se interessavam na profundidade da leitura que podiam realizar] diferentes autores apresentam usos dessa teorização em seus detalhes. Nesta obra, Romulo Lins compartilhou suas experiências a respeito de noções de Modelo do Campos Semânticos, devido aos seus próprios questionamentos, os quais emergiram de sua experiência enquanto docente (LINS, 2012, p.11).

Segundo o autor, sua inquietude nascia das concepções que seus alunos tinham a respeito de seus próprios erros, de sua curiosidade em desvelar as razões que levavam os discentes aos desacertos na execução das atividades propostas em sala de aula, ou seja, de alguns questionamentos, tais como: O que tinham em mente enquanto erravam? Quais fundamentos os levavam a pensar nas possíveis soluções aplicadas na realização dos exercícios propostos por ele? (LINS, 2012).

Diante de suas indagações, e frente à ausência de subsídios teóricos consistentes que o levasse a respostas esclarecedoras, Lins encorajou-se a investigar sobre significados produzidos por alunos, sendo que sua tese tratou de significados algébricos de alunos.

Segundo Lins (2012), uma noção central no Modelo dos Campos Semânticos (MCS) é a de conhecimento. Conhecimento é constituído por uma tríade: crença-afirmação e justificação. Para o autor, o conhecimento está atrelado ao processo de enunciação.

Lins (1999) afirma que, no campo da Educação Matemática, “conhecimento é algo do domínio da enunciação” (p. 88). Sendo assim, para o autor, o conhecimento

é o domínio da fala, e não do texto. Portanto, os livros são resíduos de enunciação, eles são marcas de um processo de produção de conhecimento que aconteceu.

Se uma mesma operação matemática, simples, como uma multiplicação numérica for apresentada a uma criança e a um adulto, certamente terão respostas justificadas de maneiras diferentes, mesmo que apresentem resultados iguais: “a criança exhibe os dedos, o matemático fala de conjuntos”; isso porque apesar da conclusão ser a mesma usaram caminhos distintos, e apresentam justificativas diferentes (LINS, 2012, p.12). Este método baseia-se na construção de diferentes significados ao exercício da enunciação, trata-se da exposição de termos pelos quais atribui-se a tarefa de produzir individualmente a linguagem direcionada a um interlocutor.

O MCS não se aplica apenas enquanto um modelo teórico, mas também como uma teorização a perpetuar-se na sala de aula. Segundo Lins (2012, p.11), o MCS “só existe em ação, ele não é uma teoria para ser estudada, é uma teorização para ser usada”. De modo geral, Lins (2012) define um campo semântico da seguinte forma:

É como se fosse um jogo no qual as regras (se existem) podem mudar o tempo todo e mesmo serem diferentes para os vários jogadores dentro de limites; que limites são estes, só sabemos a posteriori: enquanto a interação continua, tudo indica que as pessoas estão operando em um mesmo campo semântico (LINS, 2012, p.17).

Sendo assim, o autor indica que no âmbito do campo semântico disponibiliza-se um conjunto de interpretações e probabilidades para Ensino da Matemática, pelo qual constitui-se por meio de um diálogo entre professor e aluno que trabalha no intuito de efetivar o desenvolvimento da Educação dentro de um contexto variado por intermédio da Matemática. Deste modo, define-se Campo Semântico como “um processo de produção de significado, em relação a um núcleo, no interior de uma atividade” (LINS, pg. 17, 2012).

O autor compreende que quando o indivíduo afirma algo por meio de uma enunciação ele está reiterando sua crença-afirmação e a justifica através da legitimidade justaposta no enunciado. Para Lins (1999), o conhecimento, conforme o MCS é “uma crença afirmação junto com uma justificação que me autoriza a produzir aquela enunciação” (p.88). Neste sentido a crença, a afirmação e a justificação

apresentam-se como as três colunas que fundamentam o conhecimento no âmbito do MCS. Explica Silva (2003):

Há três aspectos-chave para conhecimento são: a crença, a afirmação e a justificação. O sujeito acredita naquilo que está afirmando, o que implica que ele acredita estar autorizado a ter aquela crença. Mas não é suficiente que a pessoa acredite e afirme; é preciso também que ela justifique suas crenças-afirmações para que a produção do conhecimento ocorra. Porém, o papel da justificação não é explicação à crença-afirmação, mas tornar sua enunciação legítima, o que faz com que as justificações tenham um papel central no estabelecimento do conhecimento do sujeito. (SILVA, 2003, p. 6)

No âmbito do MCS o conhecimento é “uma crença que afirmamos [...], e que assim o fazemos porque nós, que o enunciamos, acreditamos termos uma justificação para fazê-lo, e não precisamos esperar por uma autorização exterior para isto (LINS, 2008, p. 541).

Crença é ter convicção, certeza em algo, mesmo sem evidências; é acreditar a ponto de conduzir e adequar suas ações fundamentadas naquilo que se reconhece como autêntico. A justificação no MCS vai além do exercício da elucidação de discursos; a justificação é o próprio exercício da enunciação como justificativa da crença-afirmação.

Justificação não é justificativa. Não é explicação para o que digo. Não é algum tipo de conexão lógica com coisas sabidas. É apenas o que o sujeito do conhecimento (aquele que o produz, o enuncia) acredita que o autoriza a dizer o que diz. (LINS, 2012, p. 21).

Nesse sentido, para Lins (2012), no contexto do MCS, nem toda afirmação é verídica e válida na edificação do conhecimento, ela apenas caracteriza as propriedades pelas quais o conhecimento é produzido, já a legitimidade ocupa-se (ou não) de maneira a promover significado à afirmação.

Segundo Lins (2012), o MCS equipara-se a partir da Teoria de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) de Vygotsky, pois, utiliza-se da experiência do outro para habilitar-se em um dado aprendido (Vygotsky, 1993). O autor qualifica esse processo como o ato ocupar-se da legitimidade do outro para autenticar seus enunciados em determinados momentos locais, e explica:

Na ZDP, segundo o MCS, o que se internaliza não é conteúdo, não são conceitos, e sim legitimidades: a pessoa já era capaz de fazer, mas não sabia que nesta ou naquela situação aquilo era legítimo, que nesta ou

naquela situação aquele modo de produção de significado era legítimo (LINS, 2012, p.20).

O conhecimento não se justifica por meio do domínio do texto, e sim pela habilidade de reconhecer por quais meios o conhecimento enunciado no texto foi pensado, construído e repassado; como ele tornou-se uma verdade, um fato legítimo e compreensível a ponto de ser apropriado. Acredita-se que, “como consequência de ser enunciado na direção de um interlocutor, e de ter o mesmo sido produzido, todo conhecimento é verdadeiro. Isto não quer dizer que aquilo que é afirmado seja ‘verdade’” (LINS, 2012, p.21).

Sendo assim, entende-se que todo conhecimento é gerado a partir daquilo que o sujeito incorpora como verdade; uma mesma informação pode obter um caráter verdadeiro, ou não, isso vai depender do significado que o sujeito insere à essa informação, uma vez que o sujeito cria seu conhecimento por intermédio daquilo que acredita ser legítimo (LINS, 2016).

Lins (2012) explora a ideia de “Verdade/Legitimidade” no contexto do MCS como uma concepção do modo de Leitura, a qual o autor denomina Leitura Plausível/Leitura Positiva. Paro (2016) acredita que a Leitura Plausível procura entender o conhecimento do sujeito pelo que ele absorveu, percebendo suas legitimidades, contrapondo-se a percepção pelo erro, pela ausência. Sendo assim, instituindo-se como uma leitura positiva, em que não seja punido pela falta, porém seja reconhecido pelo conhecimento adquirido (PARO, 2016).

De acordo com Lins (2012), a leitura plausível é aplicável no desenvolvimento produtivo do conhecimento e do significado, e indica “um processo no qual o todo do que eu acredito que foi dito faz sentido” (LINS, 2012, p.23). Neste contexto, emprega coerência, assertividade, e ainda confere propriedade ao que foi enunciado. Em uniformidade com as ideias expostas pelo autor, Francisco (2009) acredita que:

Quando fazemos uma leitura plausível, pensamos na aproximação de um olhar antropológico que procura conhecer como a cultura de um determinado grupo social funciona, sem a necessidade de alteração ou mudança desse ambiente por julgá-lo menos ou mais importante aos olhos de quem o estuda (FRANCISCO, 2009, p.9).

Observa-se a expressividade empregada ao exercício de interpretar o mundo sob a óptica do autor (anunciante), assim como olhar o universo sob o ponto de vista

dele, “de usar os termos que ele usa de uma forma que torne o todo de seu texto plausível” (LINS, 1999, p.93). Neste sentido ressalta-se a relevância do professor compreender como o aluno recebe e significa um dado conteúdo; no intuito de decodificar suas crenças e entender como o aluno assimila o conteúdo, analisando sob o ponto de vista do outro; no que o discente acredita ser verdade e como ele legitima/justifica o conhecimento e o significado aplicado a ele.

Por exemplo, o professor oferece o conteúdo sobre potenciação e mostra aos alunos a potenciação  $2^3$ ; quando indagados, os alunos respondem que o resultado é 6. O professor intervém, explicando que, se a potência é a multiplicação da base e o expoente indica quantas vezes essa base está sendo multiplicada, será que essa resposta é mesmo 6? Poderia ter outra? Como vocês me explicam isso? Como vocês justificam essa resposta? Dessa forma, o professor faz uma intervenção sem a ideia do erro, mas em tentativas de produzir com os alunos, construir espaços comunicativos.

Os sujeitos produzem significados e constituem objetos em uma direção. Nesse processo, espaços comunicativos podem ser construídos. Cada pessoa traz consigo uma cultura familiar, uma cultura religiosa, e isso significa que podemos falar uma palavra que vai fazer sentido para alguém, mas que, para outra pessoa, não. Se eu chegar em minha casa, por exemplo, e falar: “pega a mala”, minha filha vai compreender a mala no sentido de objeto que guarda roupas para viajar, mas meu marido pode entender “qual dos três”, pensando nas três crianças. Como nós temos três filhos, a mesma palavra pode ter um significado para meu marido e outro significado para minha filha, pois podemos operar em campos semânticos diferentes.

Sendo assim, justifica-se a dificuldade que o aluno apresenta na compreensão do conteúdo exposto pelo professor ao considerar fato de professor e aluno estarem em campos semânticos distintos. Uma possibilidade é ler plausivelmente os alunos. Em nosso caso, ler plausivelmente as falas dos professores de matemática que entrevistamos.

Em sua tese de doutoramento, Paulo (2020)<sup>1</sup> apresenta a Leitura Plausível como método de análise dos espaços comunicativos. Em seus estudos, o autor sintetiza:

Realizar uma leitura plausível é, nessa perspectiva, estabelecer um espaço comunicativo com o autor daquele resíduo a partir do qual se produz significado, lembrando que esse estabelecimento se refere a um espaço no qual interlocutores são compartilhados, onde um enuncia coisas que outro enunciaria, com as justificações que outro adotaria (PAULO, 2020, p. 15)

Sempre produzimos significados, mesmo quando não estamos no mesmo campo semântico. Veja-se esse caso de meu marido e minha filha apresentado anteriormente. Ambos produzem significado constituindo o objeto “mala”, mas cada um está em um campo semântico.

Paulo (2020) refere-se à capacidade de produzir uma “leitura fina” dos processos de produção de significados. Portanto, para o autor, por meio deste tipo de leitura estabelece-se coerência entre as falas de um autor; que sempre se referem “às justificações que possivelmente ele esteja mobilizando” (Paulo, 2020, p. 17).

Ao instituir uma direção de interlocução a partir de resíduos de enunciação, estamos, também, instituindo um horizonte do possível, do que pode ser dito. Nesse sentido é que os significados produzidos a partir de um resíduo não são um feixe de possibilidades divergentes (PAULO, 2020, p. 18).

De acordo com o autor, os sujeitos encontram-se num mesmo campo semântico a partir do momento em que internalizam as legitimidades culturais, da forma que desenvolve uma comunicação entre os pares.

Assim, as noções centrais do MCS para nossa pesquisa são: conhecimento, significado, interlocutor e leitura plausível. Produzimos nossos roteiros de entrevistas na direção de produzir junto com os professores. Estes produziram significados para as perguntas que fizemos. Logo, nosso movimento foi de ler plausivelmente estes significados produzidos e tentarmos produzir outros significados que poderiam se

---

<sup>1</sup>Paulo, João Pedro Antunes de. Compreendendo formação de professores no âmbito do Modelo dos Campos Semânticos. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro-- Rio Claro, 2020, 294 p.

desdobrar outras discussões a respeito de avaliações que acontecem em salas de aula de matemática.

Uma direção central foi a produzir junto com os professores, não a respeito do que falta a eles, buscando erros e limitações em seus modos de lidar com as avaliações, mas sim em uma tentativa de produzir conhecimentos outros que possam oferecer outras ferramentas. Apresentamos, a seguir, algumas noções da HO que nos auxiliaram na produção desta pesquisa.

## 2.2 HISTÓRIA ORAL

Neste estudo apresenta-se a História Oral como mais um fundamento teórico-metodológico dentre os movimentos de pesquisa em Educação Matemática, o qual mostra-se como um importante dispositivo de análise de abordagem qualitativa, como uma possibilidade conhecimentos de como os professores produzem (e são produzidos) em práticas avaliativas que acontecem na escola.

Na perspectiva do Grupo de História Oral e Educação Matemática (GHOEM, 2015), o Ensino da Matemática serve-se da História Oral como um instrumental analítico, o qual implica no estudo dos fundamentos para ações de diversas naturezas. Porém, é importante pré-estabelecer quais compreensões planeja-se obter por intermédio dos depoimentos orais (GARNICA, 2006). Segundo o autor:

Os registros de narrativas orais são fontes historiográficas. Para servir a pesquisas, usualmente narrativas orais são registradas por escrito devido à durabilidade do suporte e a facilidade de manuseio. Narrativas orais tornadas narrativas escritas são fontes historiográficas legítimas. A história oral é um modo de produzir narrativas orais e com essa finalidade tem sido mobilizada por inúmeros agentes, dentro e fora da academia (GARNICA, 2015, p.40).

Para o autor, a História Oral fundamenta-se na Historiografia, e é descrita por Garnica (2015) como apontamentos fieis de narrativas. Por intermédio da metodologia de História Oral possibilita-se a promoção de diálogos entre os indivíduos investigados, a audição de suas vozes, e a textualização de seus relatos; meios pelos quais subsidia-se a construção da história oficial.

Neste trabalho utilizamos a História Oral a partir de narrativas de quatro professores de matemática convidados a participarem desta pesquisa no intuito

discutir a respeito das práticas avaliativas na sala de aula (física e/ou virtual), tanto quanto a execução de avaliações em grande escala, como é o caso da Prova Brasil. A partir de um roteiro pré-elaborado em nosso grupo de pesquisa, realizamos nossas entrevistas com os professores, em três etapas, e textualizamos cada uma dessas entrevistas. Esse processo se constitui como um movimento no qual entrevistado e entrevistador constroem uma narrativa em conjunto, um texto que emerge deste encontro. Ao fim de um processo este texto é validado por ambos, constituindo como uma textualização de uma entrevista.

Segundo Garnica, Fernandes e Silva (2011) utilizar a história oral como uma possibilidade metodológica é inserir-se em um movimento dinâmico, constituído e avaliado em trajetória. Entretanto, mesmo com um movimento mais aberto a novas configurações, podemos estabelecer alguns procedimentos um pouco mais estáveis, regulares, como os que seguem:

(a) a questão diretriz da pesquisa indica um grupo inicial de depoentes cuja memória é julgada importante para compreender o tema levantado pela questão diretriz. Ao serem convidados para participar da pesquisa, esses depoentes usualmente indicam outros depoentes – é o que se chama critério de rede para a formação do núcleo de colaboradores do trabalho; (b) os roteiros de entrevistas são elaborados e devem estar à disposição dos depoentes, caso eles os solicitem previamente para organizar suas exposições; (c) as entrevistas podem estar direcionadas a compreender um tema específico, que é parte das experiências vivenciais do depoente (nesse caso, seguimos uma perspectiva conhecida como História Oral temática) ou, sem fixar tema específico, podem estar interessadas em perspectivas vivenciais amplas, num conjunto de experiências de vida relatadas por determinados atores sociais (nesse caso, a perspectiva é a que temos chamado de História Oral de vida); (d) as entrevistas – realizadas em tantas sessões quantas forem necessárias, seguindo as disposições do pesquisador e do convidado – são gravadas e/ou filmadas para, posteriormente, serem transformadas em textos escritos numa sequência de momentos aos quais chamamos transcrição (ou degravação) e textualização: do registro da oralidade (em suportes digitais) passa-se à degravação bruta (elaborando-se um primeiro registro escrito); dessa degravação bruta (ou transcrição, como temos chamado) passa-se à primeira textualização (que implica editoração da transcrição), à qual seguem tantas textualizações quantas julgadas necessárias para apurar o texto, sempre em negociações com o depoente (p. 235-236)

Seguimos esses procedimentos, em algumas modificações peculiares aos nossos depoentes, e produzimos textualizações de entrevistas, às quais nos debruçamos para produzir nossas discussões.

Nossa produção de dados foi realizada em três etapas com entrevistas abertas nas quais discutiu-se sobre as barreiras e possibilidades da avaliação de

larga escala, avaliação da aprendizagem e avaliação em tempos de Pandemia. Neste sentido, realizou-se um total de 12 (doze) textualizações/narrativas, as quais ofereceu a produção de um material rico, porém intrigante, principalmente no que toca à temática do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb) – realizada no Brasil a cada 2 (dois) anos.

Posto isto, consideramos que, mediante as novas fontes orais produzidas a partir das entrevistas, fomentamos a produção de historiografias legitimadas. Processos de produção de significados que foram construídos por professores que ensinam matemática. Por um lado, essas textualizações se constituem como narrativas que compõem integralmente o corpo desta pesquisa e oportunizar uma discussão sobre avaliação fundamentada não apenas nas experiências acadêmicas, mas nas vivências de alguns professores da educação básica e uma professora pesquisadora. As narrativas produzidas com os professores também constituem um movimento de análise a respeito de nossa temática. Elas não estão em anexos.

Segundo as autoras Luiza Silva e Heloísa Souza (2007), narrar revela-se como uma forma de expor acontecimentos por meio de relatos, neste sentido, os estudos acadêmicos como uso de História Oral enquanto instrumento analítico incorpora a função explicitar o transcorrer dos fatos e de que forma as coisas constituíram-se. A autora Regina Silva (2015) expõe ainda que:

Na metodologia aqui adotada vejo que o trabalho com múltiplos olhares, explicitados em múltiplas narrativas, é privilegiado, uma vez que possibilita aqueles que comumente não ocupam papel de destaque na sociedade ou em algum de seus setores- no caso, a academia-, a participação ativa na produção de histórias que os compuseram como sujeitos ao mesmo tempo em que eles as compuseram (SILVA, 2015, p.25)

O autor destaca a importância da História Oral no que toca a academia, tendo em vista que por meio de cada narrativa construída representa-se diferentes perspectivas sobre dado objeto; o que torna cada um dos atores de uma interlocução, tanto produtores quanto disseminadores de algum conhecimento.

Portanto, as histórias expostas oralmente pelos sujeitos, suas narrativas, “servem para construir outras narrativas nas quais a voz do pesquisador está irremediavelmente contaminada pelas vozes daqueles que teve como interlocutores” (GARNICA, 2010, p.34). Sendo assim, na medida em que “ensina-se”, do mesmo modo também “aprende-se”.

A ideia de plausibilidade deve estar presente na escolha da metodologia, nas fontes e nos olhos do pesquisador e de seu orientador, se o objetivo de pesquisa é dialogar sobre a avaliação, e suas diversas complexidades, dentro de uma determinada escola, em uma disciplina específica, não basta somente o olhar da prova final, ou o olhar de relatórios da secretaria de educação, é necessário buscar entrevistas com os alunos ou professores que estudam/trabalham naquela escola, naquele tempo.

Quem usa a História Oral visando a compreender o que quer que seja, estará intencionalmente, produzindo fontes que podem - ou não – servir para expor perspectivas biográficas e contextuais não só sobre aquilo que se estuda, mas sobre aqueles que, com seus depoimentos, permitem-nos uma aproximação ao objeto analisado. Um trabalho em História Oral é, pois, sempre, um inventário de perspectivas irremediavelmente perpassado pela subjetividade, um desfile de memórias narradas, um bloco multifacetado de verdades enunciadas. (GARNICA, 2010, p.31)

Fundamentar-se na história oral enquanto metodologia de pesquisa é admitir a influência que a oralidade exerce no resgate da história, é produzir e ancorar a compreensão e produção de significados por meio dos resíduos de enunciação.

Segundo as autoras Luiza Souza e Heloisa Silva (2007, p.151), a narrativa constituída a partir de situações de entrevistas, coloca-se como um “importante “meio” de conhecer as histórias de professores e alunos” que vivenciaram mudanças e propostas, talvez, “inovadoras” de uma certa época. Em consonância com Fernando Guedes Cury, as autoras acreditam que:

Tal priorização vê nas narrativas orais a possibilidade de explorar diversos olhares sobre situações históricas e ampliar os significados sobre elas de modo que se possam compreender aspectos que de outro modo talvez nem fosse abarcado. Com isso, o estudo aprofundado das narrativas e sua teorização por pesquisa na linha da História da Educação Matemática através da História Oral se tornaram indispensáveis. (CURY, SOUSA e SILVA, 2014, p.911)

Logo, propõe-se neste estudo a movimentação de alguns procedimentos da História Oral (HO) em Educação Matemática. Produzimos intencionalmente fontes orais em um diálogo com algumas noções do Modelo de Campos Semânticos (MCS).

Ao narrar, reconstruímos histórias, ou seja, contamos nossas próprias versões sobre elas, produzimos nossas histórias. Neste contexto, incorpora-se o

papel de personagem principal, reconhece-se na própria vida algo de nossa prática, momentos importantes que ficam notados em nossas memórias, esse contar se dá em direção do outro, do pesquisador.

Desse modo as narrativas oferecem em si a possibilidade de uma análise, se concebermos análise como um processo de produção de significados a partir de uma retroalimentação que se inicia quando o ouvinte/leitor/apreciador de um texto se apropria deste texto, de algum modo, tecendo significados que são seus, mesmo que produzimos de forma compartilhada com o autor do texto, e constrói uma trama narrativa própria que será ouvida/lida/vista por um terceiro, que, por sua vez, retorna ao início do processo. (CURY, SOUZA, SILVA, 2014 p. 915)

Em relação às transcrições/narrativas não compete ao pesquisador examiná-las, no intuito de decidir se estão certas ou erradas, verdadeiras ou falsas, a ele sim cabe a função de falante e ouvinte, pois o falante, nesse caso o professor entrevistado diz algo, de sua rotina, de sua prática, de coisas que está acostumado de ver, e naquele momento da entrevista, achou interessante de falar e expor.

Nas narrativas, então, reside a própria possibilidade e potencialidade do que temos chamado História Oral, e tratamos de pensa-las não mais como constituindo “a” história, mas como constituidoras de histórias possíveis, versões legitimadas como verdades dos sujeitos que vivenciaram e relatam determinados tempos e situações. Tanto quanto é a descrição para a pesquisa qualitativa, as narrativas orais fixadas pela escrita são tomadas como fontes históricas, intencionalmente constituídas, que não estão subjugadas a um critério de valor definido por meio da ‘realidade’ e da ‘concretude’ do mundo. As descrições constituem o solo no qual estão fincados os conceitos das Humanidades. (GARNICA, 2010, p.34-35)

Por meio de um roteiro construído, produzimos nossas entrevistas com professores de matemática em quatro etapas. A partir das gravações, produzimos nossas textualizações em um movimento em conjunto com os professores. Estas textualizações se constituem como narrativas em nosso texto, pois já se inserem em um movimento de produzir discussões a respeito das avaliações na prática profissional de professores de matemática.

Junto ao MCS, a HO nos oferece um quadro teórico-metodológico para a produção e análise de nossos dados. Temos uma intenção política em produzir junto com os professores, fazendo com que suas produções estejam junto com as nossas. A partir destas, outras discussões e problematizações foram produzidas.

### **3 CAPÍTULO III - TRAVESSIAS METODOLÓGICAS DE NOSSA PESQUISA**

O objetivo deste trabalho é investigar efeitos das avaliações que atravessam a sala no tocante ao ensino da Matemática. Tais efeitos são produzidos em função de avaliações da aprendizagem, avaliações externas e avaliações em tempos de pandemia, sendo esta última, uma temática que configura um cenário bastante contraditório em relação ao cotidiano escolar de escolas públicas no MS.

Por meio de textualizações de entrevistas realizadas com quatro professores de matemática da rede municipal de Campo Grande, MS, foram produzidas nossas discussões. A pesquisa é de natureza qualitativa e os pressupostos teórico-metodológicos são o Modelo dos Campos Semânticos e a História Oral.

A escolha da escola não foi ao acaso, tendo em vista que sou professora efetiva e atuo há mais de 12 anos na instituição. Por esse motivo, o contato com os professores tornou-se um elemento facilitador, devido a confiança em conversar sobre o trabalho pedagógico (digo conversar, porque as entrevistas parecem mais uma conversa entre dois professores).

É importante destacar que esta escola tem mais de 50 anos, e situa-se no bairro Jóquei Club, o local atende um público variado com alunos e alunas de diferentes classes e situações econômicas, moradores de vários bairros da cidade de Campo Grande, no estado de Mato Grosso do Sul.

A escola possui um grande número de professores efetivos, o que a torna peculiar, com uma gestão comprometida com o ensino e a aprendizagem dos alunos, chegando a ser comparada pelos pais dos estudantes a uma instituição particular, ou seja, é uma escola estruturada com profissionais comprometidos.

A seleção dos professores participantes desta investigação deu-se a partir de uma conversa com o orientador desta pesquisa, pela qual delimitou-se a professores de uma única escola. Então, decidido isso, convidei os professores de matemática a participarem de minha pesquisa.

Todos os professores trabalharam no ano de 2019 nesta escola, indico o verbo trabalhar no tempo passado, pois temos professores convocados que no ano de 2020 foram para outra rede e outra instituição. Visto que, nos anos de 2019 e 2020 houveram convocações do concurso público para professores da REME,

motivo pelo qual alguns dos professores foram remanejados para outras instituições de ensino.

Como sou professora da Educação Básica e atuante na escola, não tive dificuldade em encontrar professores; pelo contrário, vários outros profissionais gostariam de ser entrevistados e, até nos encontros de polo, onde se reúnem todos os professores por área de disciplinas, alguns colegas comentaram que gostariam de participar da pesquisa.

Os convites foram feitos sem muita formalidade aos colegas professores, pelos corredores da escola mesmo, todos prontificaram-se a serem entrevistados. Apesar da ocorrência de alguns desencontros, no ano 2019, pois os horários que os professores tinham disponíveis, por vezes, não atendiam aos meus horários, que estariam comprometidos por conta das disciplinas do mestrado, naquele ano.

Tencionou-se nesta pesquisa realizar três etapas de entrevistas com os quatro (4) professores. A temática central da pesquisa até o ano de 2020 era a de investigar efeitos de avaliações externas na prática profissional de professores de Matemática durante um período maior de tempo (talvez um ano ou um ano e meio). Esse estudo visava o enfoque em uma única instituição escolar, a Escola Municipal Padre José Valentim, na direção de promover entrevistas com alguns dos docentes da instituição em diferentes momentos.

Entretanto, em 2020, o mundo e o Brasil enfrentaram uma pandemia, até então, algo desconhecido por grande parte da população brasileira. Deste modo, alguns encaminhamentos da pesquisa alteraram-se e uma discussão a respeito de avaliação em tempos de pandemia foi necessária. Sendo assim, para este estudo projetou-se três etapas de entrevistas com quatro professores de matemática. A primeira entre outubro de 2019 e janeiro de 2020, a segunda sucedeu-se durante o mês de agosto de 2021, enquanto que, a terceira etapa de entrevistas promoveu-se entre dezembro de 2020 e janeiro de 2021, já em tempos de pandemia.

A intenção desta terceira etapa de entrevistas foi discutir, problematizar a respeito das discussões feitas pelos professores nas entrevistas anteriores. Outra dimensão é tentar investigar sentimentos e atravessamentos de praticamente o ano todo de trabalho no formato remoto, devido a pandemia da COVID-19.

Nas primeiras entrevistas apresentou-se o seguinte roteiro:

Fale sobre você, sua formação e sua prática de sala de aula.

De quando você começou a lecionar como professor até os dias atuais houve alguma mudança?

Atualmente a disciplina de matemática teve um desdobramento da matemática para aplicação matemática. Qual a influência disso na sua prática?

Qual sua opinião sobre a maneira de trabalho de organização sobre a aplicação matemática<sup>2</sup>?

Qual a influência, dessa disciplina, no resultado da Prova Brasil?

Há algum tipo de formação, por parte da SEMED, que influencia na sua prática? E o que motiva essa formação?

Que aspecto influencia no resultado da Prova Brasil? Positivamente? Negativamente?

Duas turmas distintas, com o mesmo professor, mesmo material, podem apresentar resultados diferentes?

Quando a escola tem um bom ou mau resultado nas avaliações externas, na Prova Brasil, o que acontece na escola? Na prática dos professores?

No seu ponto de vista, professor, o que a escola pode fazer para ter um bom resultado na Prova Brasil?

Você como, professor, já observou que as turmas são tratadas diferentemente?

Sendo assim, no intuito de reproduzir os pontos de vista dos entrevistados no que toca as avaliações externas - procurou-se investigar as perspectivas dos quatro professores selecionados para participarem desta pesquisa. Entretanto, em diligência na realização desta investigação deparei-me com um obstáculo, a dificuldade na utilização dos equipamentos de gravação.

O empecilho deu-se em razão da descoberta de que não sabia como ligar uma câmera. No propósito de solucionar tal problema procurei o grupo FAEM, sendo prontamente auxiliada pela Bruna, aluna do mestrado, que me orientou sobre o que faria com os tripés e as câmeras, e mostrou-me como filmar e passar as filmagens para o computador. Desatado os “nós”, as primeiras entrevistas foram textualizadas e compondo deste modo o corpo deste relatório.

No mês de outubro, marquei a primeira entrevista com o professor Leandro, que ocorreu no dia 05 de outubro do ano de 2019; professor formado em

---

<sup>2</sup> Aplicação Matemática disciplina adicionada no 9º anos do ensino fundamental das escolas municipais MS um desdobramento da matemática.

Licenciatura Plena em Matemática, sua formação ocorreu nos anos de 2011 a 2014, pela UNESPAR (Universidade Estadual do Paraná) - Campus de Paranavaí. O professor Leandro recebeu-me em sua casa no sábado à tarde, por volta das 15 horas. O professor e sua esposa, também professora me receberam com cafezinho; após um pouco de conversa fomos gravar a primeira entrevista em sua sala de estar. A entrevista foi filmada pela câmera e também via áudio pelo aparelho celular.

No mês de novembro consegui marcar a segunda entrevista, sendo esta realizada com o professor Ivanei, numa sexta-feira, às 18 horas, em sua casa. Tivemos, porém, um desencontro: fiquei aguardando o professor e ele esqueceu; liguei para ele e me pediu desculpa; e marcamos para a próxima semana, na outra sexta-feira.

Chegado o dia, mais especificamente 08 de outubro de 2019 fui à casa do professor Ivanei, docente formado em Licenciatura Plena em Matemática, pela UNIDERP (Universidade Para o Desenvolvimento Do Estado e da Região do Pantanal). Neste dia, a recepção ficou por conta de sua esposa e filhas.

Na ocasião, fiquei aguardando-o em sua área de lazer com uma conversa muito agradável entre sua esposa e eu. O professor chegou e fomos logo à gravação da entrevista, a qual, de igual modo, viabilizou-se com câmera de vídeo e áudio via aparelho celular.

No mês de dezembro, numa terça-feira à tarde, 16h, marquei com o professor Leonardo, a entrevista ocorreu 17/12/19; professor formado em Licenciatura Plena em Matemática pela UFMS Universidade Federal do Mato Grosso do Sul no ano de 2018, esse que preferiu gravar a entrevista na universidade, na sala de estudo reservado para os alunos do PPGEducMat. Essa entrevista também foi muito oportuna, pois o professor é novato na educação e já traz muitas ideias novas que aparecem na entrevista. A conversa foi gravada por câmera e também pelo celular via áudio.

Com a professora Cristiane, foram muitos desencontros, pois, além de trabalhar 40 horas semanais, seu filho sofreu um acidente de moto e precisou de cirurgia e cuidados. Então a professora, que também é mãe, em seu tempo vago, levava-o para clínica para fazer fisioterapia. Lembro-me, no final do ano, na festa de comemoração, ela disse: “eu não me esqueci de sua entrevista, vamos gravar agora na última semana de dezembro”. Eu respondi: – *“Nossa! Professora, descanse um pouco, quando for janeiro, já que você não pode viajar, vamos gravar”*.

Em janeiro, a professora fez questão de mandar mensagens pelo WhatsApp, e marcamos em minha casa. A entrevista com a professora Cristiane aconteceu 06 de janeiro 2020; professora formada em Licenciatura Plena em Matemática pela UFMS (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul), no ano de 2013. Recebi a colega com um cafezinho, conversamos um pouco e logo gravamos a entrevista em minha sala. A entrevista foi gravada pela câmera de vídeo e também via áudio do aparelho celular.

Concluído o primeiro conjunto de entrevistas com os professores, organizou-se, no início de 2020, o segundo conjunto das entrevistas. O ano de 2020 começou com tranquilidade, com todos retornando à escola em fevereiro para início de ano letivo, quando a humanidade foi atacada por um inimigo invisível e perigoso conhecido como COVID-19, o que afetou diretamente as escolas.

Tendo em vista os progressivos entraves trazidos pela Pandemia, em meados de março de 2020, as aulas na cidade de Campo Grande, capital do Mato Grosso do Sul foram suspensas por um decreto municipal assinado pelo prefeito Marquinhos Trad; neste contexto, deu-se início às aulas remotas.

A pandemia do Coronavírus afetou diretamente esta pesquisa, porque estava investigando sobre como os professores lidam com efeitos de avaliações externas em suas práticas profissionais. Em uma conversa com o orientador, decidimos aproveitar esse momento de pandemia e investigar o que os professores pensam sobre avaliação em tempo de aulas remotas, como estão lidando com as tecnologias, e o que ponderam a respeito da avaliação nesse momento.

Portanto, devido a esses fatores decidimos aguardar o final do 2º bimestre, que no ano de 2020 encerrou em agosto, por conta da antecipação das férias escolares, para fazer a segunda etapa de entrevistas. Ansiosamente esperei o fim do segundo bimestre e, enquanto isso, mandei mensagem para os professores participantes questionando se poderia contar com a colaboração deles na pesquisa, e todos confirmaram que concederiam a segunda entrevista.

A segunda etapa de entrevistas tinha o seguinte roteiro:

Na sua opinião os instrumentos avaliativos utilizados pelos professores afetam a aprendizagem dos alunos? Você pode explicar?

Qual sua leitura das avaliações sobre a aprendizagem dos alunos?

Como esse período de pandemia afeta a avaliação da aprendizagem?

Qual o sentido de pensar em avaliação durante essa pandemia?

Qual sua leitura de atividades dos alunos nas aulas remotas, tanto por Whatzapp ou por e-mail?

Quais os seus instrumentos de avaliação na aprendizagem? Você utiliza os mesmos instrumentos usados antes da pandemia? O que pensa sobre a pós pandemia dentro do processo avaliatório?

O que você pensa sobre o ano letivo de 2020?

A intenção era focar nas práticas que os professores estavam utilizando para realizar suas aulas com o ensino remoto, focando uma discussão sobre as práticas avaliativas. No intuito de promover o aperfeiçoamento do trabalho, foi necessário criar um e-mail institucional com o nome da Universidade a fim de viabilizar a gravação das entrevistas, pois, nos e-mails comuns, não fazemos reunião gravada.

Neste propósito, novamente a Bruna orientou-me na criação de um e-mail para a realização de uma reunião teste. Como todos nós estamos em quarentena em casa, foi mais fácil marcar com os professores. Assim, para minha surpresa, consegui fazer todas as entrevistas em duas semanas

A primeira entrevista da segunda rodada foi com o professor Leandro e aconteceu no dia 05 de agosto do ano de 2020 pelo Meet, gravada a distância, com todas as normas de segurança. Foi uma conversa muito produtiva e com poucos percalços, pois só a internet, às vezes falhava havendo a necessidade de retomar perguntas.

A segunda entrevista da segunda rodada foi com o professor Leonardo, no dia 10 de agosto de 2020, e de igual forma ocorreu pelo Meet, tendo sido gravada a distância com todas as normas de segurança. Foi uma conversa muito interessante, pois ele é um professor novato com ideias enriquecedoras, porém, por algumas vezes, a internet falhou resultando em recorrência de uma mesma indagação.

A terceira entrevista da segunda rodada foi com a professora Cristiane, no dia 11 de agosto de 2020, também aconteceu pelo Meet e foi gravada a distância com todas as normas de segurança. Foi uma conversa muito produtiva, que mostrou a fala da professora com muitas propriedades, o que de fato evidenciou que realmente conhece a escola em sua forma mais profunda. Essa entrevista ocorreu sem quaisquer problemas de conexão.

A quarta entrevista da segunda rodada foi com o professor Ivanei, e aconteceu no dia 14 de agosto de 2020, gravada a distância pelo Meet, como todas

as outras da segunda rodada, com todas as normas de segurança. Foi uma conversa muito interessante, que agregou credibilidade à pesquisa. Essa entrevista ocorreu sem problemas de conexão.

No dia 07 de dezembro de 2020, 13 horas no fuso horário de Mato Grosso do Sul aconteceu a qualificação com a banca desta dissertação, muitas contribuições surgiram naquela tarde, e uma delas foi um pedido da banca para realizar outra entrevista com esses professores, devido ao novo contexto organizacional que a escola enfrentava frente à Pandemia.

Algo interessante aconteceu esperei o fim do ano letivo e marquei com os professores todos marcaram no mesmo dia 18 de dezembro de 2020. Tendo em vista o cenário inusitado vivido pela escola à época, elaborou-se uma terceira etapa das entrevistas com o seguinte roteiro:

Olá professor, gostaria de saber como foi o ano pedagógico de 2020? Desde de o momento que começou a pandemia, até o final do ano?

Como foi sua interação com os alunos? Como foi a interação entre os alunos?

Do que você teve acesso, como foram as discussões dos alunos com seus familiares, em relação às tarefas e atividades que você propôs?

Como você realizou suas avaliações da aprendizagem durante a pandemia?

Quais foram os instrumentos?

Quais foram as potencialidades destes instrumentos?

Como essas avaliações, esses instrumentos, ajudaram na sua prática profissional?

Como foi a elaboração dos cadernos? Como foram as correções desses cadernos? E qual a importância das correções destes cadernos?

Como foi feita a devolutiva das correções dos cadernos para os alunos?

Como foi o diálogo da SEMED e da SED, com os professores? Como foi o diálogo com as escolas?

Qual sua opinião sobre a TV REME<sup>3</sup>?

O que mais te marcou neste ano escolar?

A terceira etapa de entrevistas sucederam na seguinte ordem: primeiro professor Leandro, seguido dos professores Ivanei e Leonardo. Entretanto, a

---

<sup>3</sup> TV REME é um canal de TV aberta, parceria com a TV educativa do Estado, que os professores da rede municipal de Campo Grande gravavam aulas durante a pandemia de 2020.

professora Cristiane não participou, visto que, neste dia tinha sido internada, sendo o motivo de sua hospitalização o acometimento pelo vírus do covid-19.

Diante de tais fatos, a entrevista com a professora Cristiane só aconteceu no dia 07 de janeiro de 2021. Pois, achei por bem aguardar que a mesma se recuperasse dos sintomas gerados pelo vírus; e assim pudesse contribuir para nossa pesquisa, como todos os outros desta última rodada, o encontro também aconteceu à distância, pelo Meet.

Todas essas entrevistas foram textualizadas e compõem o corpo desta dissertação, onde muitas falas dos professores explicitam como foi o ano escolar de 2020, o que sentiram, qual as dificuldades encontradas, ou seja, preocupações que vão além da aprendizagem dos alunos.

Minha prática profissional, mais especificamente minhas práticas avaliativas, em termos de conflitos, realizações, limites e oportunidades também fazem parte de toda discussão que tenho feito. Também sou professora da escola e sou atravessada por essas três dimensões das avaliações: avaliações externas, avaliação da aprendizagem e avaliações em tempos de pandemia.

#### **4 CAPÍTULO IV - TRAVESSIAS COM PROFESSORES QUE ENSINAM MATEMÁTICA A RESPEITO DE SALA DE AULA E AVALIAÇÕES**

Neste capítulo apresentamos as textualizações das entrevistas realizadas com quatro professores que ensinam matemática no Ensino Fundamental. Essas entrevistas foram produzidas em três etapas. Na primeira, nosso foco foi em discussões a respeito de avaliações externas e seus efeitos nas práticas pedagógicas dos professores. Na segunda etapa, nosso foco foi a avaliação da aprendizagem em tempos de pandemia, pois mesmo que não tivéssemos a intenção de investigar esse período, as falas dos professores se voltaram quase que completamente para as dificuldades, dilemas e problemáticas de ministrar aulas e produzir alguma avaliação neste período. Na terceira, e última etapa, nosso foco foi aprofundar as conversas com os professores a respeito deste momento pandêmico que alterou completamente não só suas práticas profissionais, bem como suas vidas pessoais.

#### 4.1 PRIMEIRA ETAPA

### **“Eu aprendi ser professor, sendo professor”**

Professor Leandro

Fernanda (F.): Professor Leandro, fale sobre você, sua formação e sua prática de sala de aula...

Leandro (L.): Eu, professor, voltei a estudar aos 31 anos de idade e minha formação foi de 2011 a 2014, no Paraná. Tive parado por 14 anos meus estudos e tive dificuldade quando retornei. Estive envolvido em vários projetos durante minha formação. Formei pela UNESPAR, no Noroeste do Paraná. Estive envolvido, durante a graduação, com os projetos PIBID e reforço escolar e iniciação científica.

F. Você é do Paraná, certo? Como foi essa mudança para Campo Grande?

L. A vinda para cá foi pela família. Minha esposa passou no concurso e foi nomeada, então eu acompanhei ela, até pela estabilidade financeira... toda pessoa que faz uma licenciatura quer uma estabilidade. Aqui também temos mais oportunidade, mesmo vindo depois que começou o ano escolar eu consegui trabalhar, sempre pela SEMED nunca pela SED, no estado ainda não consegui atuar.

F. De quando você começou a lecionar como professor até os dias atuais houve alguma mudança?

L. Sim, porque quando você prepara uma aula e retorno naquele conteúdo a gente pode pontuar o que deu certo e o que não deu, vem com mudanças e experiências pedagógicas de alguma situação que, quando ocorrer de novo, você já sabe como reagir. A experiência conta muito, não querendo criticar a universidade, mas saímos totalmente despreparados para situações do cotidiano escolar. Do meu ponto de vista, até o estágio na universidade deixou a desejar. Eu aprendi ser professor sendo professor, não foi no estágio, por isso na época procurei me envolver em vários projetos para buscar maior bagagem possível.

F. Atualmente a disciplina de matemática teve um desdobramento da matemática para aplicação matemática. Qual a influência disso na sua prática?

L. Essa parte da aplicação de matemática pra mim é nova, lá no Paraná não existe essa parte de aplicação, quando se fala de aplicação estamos falando de 9º ano do Ensino Fundamental II. Muitas vezes, a defasagem dos alunos não nos dá o suporte para aplicar todo o conteúdo e contextualizar ele no cotidiano. O professor se limita em alguns conteúdos e exemplos.

F. Qual sua opinião sobre a maneira de trabalho de organização sobre a aplicação matemática?

L. Muda um pouco, porque você está aplicando-a, muitas vezes, de uma maneira não muito correta, mais uma prática minha, utilizar a aplicação para cumprir a ementa de matemática. Muitas vezes quando vou trabalhar função eu direciono a parte das situações problemas para aplicação. Alguns capítulos dos livros já deixo reservado para poder trabalhar em aplicação matemática.

F. Qual a influência, dessa disciplina, no resultado da Prova Brasil?

L. Se for bem direcionada e organizada ela vem dando uma grande ajuda. Às vezes, colocamos essa organização como responsabilidade do professor, mas não é só isso, a responsabilidade não é só do professor, há vários fatores que estão influenciando ali, o ambiente da sala, porque uma sala não é igual a outra, um resultado não vem igual da outra turma, tem também o perfil do aluno, perfil da escola, no meu caso, sou contratado, eu passo por mais escolas, não sou um concursado que ficou fixo em uma realidade, são realidades diferentes de escolas e turmas, mas se você se organizar e traçar uma meta, vem sim a ajudar. A minha aula eu levo listas de exercícios, vou buscando fora dos livros didáticos, na internet, monto as listas e construo a minha aula.

F. Há algum tipo de formação, por parte da SEMED, que influencia na sua prática? E o que motiva essa formação?

L. Nas formações, na minha prática, não vejo muita ajuda, apesar que a SEMED oferece cursos semanais na sua disciplina, tanto que em 2019 as quartas-feiras foram direcionadas para a matemática, participei de 3 encontros de formação, não é muito significativo.

F. Que aspecto influência no resultado da Prova Brasil? Positivamente? Negativamente?

L. A Prova Brasil, hoje, como estão postas as questões, está mais ligada a aplicação. Por trás disso tudo tem uma cobrança, por parte da instituição, não é somente avaliar os alunos, nós professores somos cobrados e ficamos treinando o aluno a fazer provas para ter um bom resultado na avaliação da Prova Brasil, às vezes deixamos de passar o conteúdo da ementa para trabalhar conteúdo da Prova Brasil. A parte negativa da Prova Brasil é o desinteresse dos alunos, às vezes uma escola sai prejudicada porque os alunos não leram as questões, eles não têm a preocupação de interpretar as questões, falta o interesse do adolescente que é o grande desafio na nossa prática incentivar os alunos, ensinar quem não quer aprender. Se o aluno não quer participar, é complicado medir essa escola. Às vezes há um olhar diferenciado para aquelas turmas de Prova Brasil, faltando uns dois meses para a aplicação nós professores deixamos a ementa de lado e focamos somente na Prova Brasil.

F. Duas turmas distintas, com o mesmo professor, mesmo material, podem apresentar resultados diferentes?

L. Sim, pois as realidades são diferentes, normalmente o professor prepara a mesma aula para dois 6 ou 7 ou 8 ou 9 anos, os resultados não são o mesmo. Mesmo professor, mesmo material, mesma explicação, mas cada sala absorve de um jeito. No mesmo colégio alunos que moram em bairros diferentes apresentam outras realidades, o resultado nunca é o mesmo.

F. Quando a escola tem um bom ou mau resultado nas avaliações externas, na Prova Brasil, o que acontece na escola? Na prática dos professores?

L. Existe um reconhecimento quando atingimos a meta de IDB, mas por outro lado, quando não atingimos também, no próximo ano da avaliação temos que nos movimentar para recuperar aquela nota, existe um movimento dentro da escola, uma cobrança, principalmente, para com os professores de português e matemática, muitos projetos para recuperar o conteúdo que o aluno não aprendeu, todos os lados, coordenação e direção, traçam uma meta para aquela escola.

F. Então, quando não tem um bom resultado, a prática da sala de aula é repensada e aquele 9º ano é visto com um olhar carinhoso por parte da gestão escolar?

L. É repensada, mas, no meu ponto de vista, o erro ali é repensar ela só no 9º ano, para se ter um bom resultado não pode ser pensado só dois meses antes, é um trabalho de acompanhamento desde o 6º, 7º, 8º e 9º anos. Muitas escolas somente se preocupam quando a turma chega no 9º ano, está equivocado, em meu ponto de vista, é um trabalho a ser traçado nos quatro anos do ensino fundamental. Mas também não é só o aluno, porque na escola onde não tem professor efetivo, às vezes passa até 3 professores de matemática durante o ano, então o aluno fica prejudicado, não existe um acompanhamento de um bom profissional. Essa etapa final da Prova Brasil fica muito prejudicada se tiver uma rotatividade de professores na turma, e não é justo punir ou cobrar somente o professor ou um coordenador, pois são vários fatores importantes para se ter um bom resultado na Prova Brasil.

F. No seu ponto de vista, professor, o que a escola pode fazer para ter um bom resultado na Prova Brasil?

L. Se pegarmos a Prova Brasil e analisarmos ela, veremos ali que não está somente o conteúdo do 9º ano, existem outros conteúdos das séries escolares. A escola poderia trabalhar um projeto, direcionado às questões anteriores e provas paralelas, fazendo testes um por semestre ou bimestre, em todos os anos finais do ensino fundamental, pois quando chegar nos 9º anos os alunos já estão acostumados, não será novidade para eles. Muitas vezes o aluno chega no 9º ano com dificuldade de preencher um gabarito.

F. Você como, professor, já observou que as turmas são tratadas diferentemente?

L. Sim, no ano de Prova Brasil aqueles 9º anos são tratados diferentes, tem uma atenção melhor, percebemos que há uma cobrança tanto no 5º ano como no 9º ano. É preciso tomar consciência de trabalhar com os alunos todos os anos, é algo que não podemos mudar, precisa haver tomada de consciência por parte da gestão escolar. E o fluxo do professor, meu desejo é acompanhar uma turma desde 6º ano do ensino fundamental até 3º ano do ensino médio, criar um vínculo com os alunos. Em minha opinião, para melhorar a educação tínhamos que acompanhar as turmas, abraçar uma turma no 6º ano e entregar no 9º ano.

*Com duração de 25 minutos, esta primeira entrevista foi realizada com o professor Leandro no dia 05 de outubro de 2019, na cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Formado desde 2014, Leandro leciona matemática para alunos do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Educação de Campo Grande, MS.*

## **“Há problemas com a educação e a formação futura dos alunos”**

Professor Ivanei

Fernanda (F): Professor Ivanei fale sobre você sua formação e sua prática de sala de aula?

Ivanei (I.): Sou formado em matemática licenciatura plena UNIDERP Universidade para o Desenvolvimento Do Estado e da Região do Pantanal, Campo Grande - MS. Minhas práticas de sala de aula às vezes são muito questionadas, com relação ao futuro da educação, como os professores têm chegado em sala de aula, como eles estão diante dos alunos. Há problemas com a educação e a formação futura dos alunos. A prática em sala de aula hoje vem sendo questionada, devido a alguns detalhes, porque professor ele não caminha sozinho, pois existe uma grande necessidade de os pais estarem presentes no acompanhamento além da classe, como os alunos estão estudando. Meu questionamento, em relação a minha prática, é como está esse acompanhamento? Não somente aquele momento professor aluno, mais como está professor, aluno e família em sala de aula. O que queremos que os alunos alcancem, porque nós somos apenas um auxílio para que eles possam prosseguir com a vida deles em diante.

F. De quando você começou a lecionar como professor, até os dias atuais, houve alguma mudança?

I. Não, eu acredito que não. Tentamos implantar algumas coisas em sala de aula, tentamos acrescentar os jogos, tentamos melhorar nossa aula, mais com relação se houve mudança ou não, eu acredito que não. Na minha prática quando a gente começa a lecionar temos aquela vontade maior de estar ali com os alunos, mas de falar que você consegue auxiliar os alunos na aprendizagem realmente, com o passar do tempo você vai vendo que existe alguns detalhes que não depende só de você. Eu tento motivar os alunos, com algumas aulas diferenciadas, focar em algumas coisas que vai atrair os alunos, muitas vezes você é mais um motivador em sala do que um professor que tenta ensinar.

F. Atualmente a disciplina de matemática teve um desdobramento da matemática para aplicação matemática. Qual a influência disso na sua prática?

I. Eu acredito que a aplicação não é muito diferente da matemática. Essa disciplina tem pouco tempo, muitas vezes para o professor fica ruim porque o tempo é curto, ele passa o conteúdo e se não houver um acompanhamento maior extraclasse, daquele conteúdo, chega na próxima aula os alunos não estudaram, não aprenderam. Com isso temos que rever aquele conteúdo tudo de novo. Seria melhor a escola voltar 4 tempos de aula para o 9º ano, e o professor mesmo, de matemática, trabalhar alguns problemas e exercícios diferenciados em cima do conteúdo, para não ter essa folga no tempo.

F. Qual a influência, dessa disciplina no resultado da Prova Brasil?

I. Ela tem uma certa influência no conteúdo aplicado, já que as provas aplicadas pela prova Brasil, tentam buscar a realidade no estilo ENEM, próximo daquilo. Se for melhor aproveitado essa disciplina, eu acredito que as aplicações matemáticas ajudam sim, porém no meu ponto de vista ou tem um desdobramento a aplicação ou deixar tudo para matemática para melhor aproveitamento.

F. Qual sua opinião sobre a maneira de trabalho de organização sobre a aplicação matemática?

I. Precisa voltar os 4 tempos para matemática, porque o professor concilia melhor o trabalho, tem como buscar um elo entre o conteúdo e a própria aplicação. A aplicação nada mais é que um conteúdo específico que ele vai lá e aplica em problemas. É resolver exercícios e tentar jogar pro dia a dia e, o que já acontece que muitos professores fazem na disciplina de matemática também.

F. Há algum tipo de formação por parte da SEMED, influenciada na sua prática? E o que motiva essa formação?

I. Eu acredito que não, pois as formações da SEMED ficaram muito direcionado no modelo que quando em sala de aula vai aplicar aquilo aí. Você não consegue conciliar e alcançar os objetivos, muito teoria um tempo a mais para preparar o material que eles almejam. Na prática não conseguimos alcançar o resultado esperado. Porque não consegue o resultado, pois a realidade é diferente da teoria, você fazer uma explicação para sala de aula de adulto é diferente de fazer uma explicação para sala de aula onde tem pessoas em transformações de tudo quanto é jeito. Você não consegue conciliar nada.

F. É a nossa sala de aula é muito diversificada mesmo. Que aspecto influenciam, no resultado da Prova Brasil? Positivamente? Negativamente?

I. Eu acredito que tem uma grande preocupação com o resultado, positivo se despertasse maior interesse nos alunos. Chegou uma Prova Brasil o aluno vai falar: mais uma prova! vale nota? Ele vem com essa pergunta e, se você responder que sim ele vai realizar a prova, mais se o professor dizer que não vale nota, o aluno nem lê o que está escrito. Essa prova traz um impacto na escola mais não mostra a realidade dos alunos.

F. Duas turmas distintas com o mesmo professor, mesmo material, podem apresentar resultados diferentes?

I. Eu acredito que não, mesmo professor, mesmo material apresentar resultados diferentes, na minha visão como professor, elas têm que apresentar resultados semelhantes, pouca porcentagem de diferença. Precisa de um padrão um índice mínimo de diferença. Com relação aos resultados ,eu vejo essa diferença, mas deve ser o mínimo possível. Não pode ter tanta discrepância entre uma turma e outra.

F. Quando a escola tem um bom ou mal resultado nas avaliações externas, na Prova Brasil. O que acontece na escola? Na prática dos professores?

I. Muda quando a escola apresenta um mal resultado, existe uma cobrança ali por parte do professor, muitas vezes já escutei falar:- o que o professor fez todo esse tempo em sala de aula? Existe uma preocupação maior que não é somente dar aula, nós temos algumas observações, como verificar se o aluno está bem. Existe toda uma pressão além do ensinar e, essa preocupação que pesa em cima do professor depois do resultado negativo da Prova Brasil. Se o resultado é positivo aí é só elogios, enquanto time está ganhando tudo vai bem, acontece um pequeno detalhe ali como um resultado negativo, aí a pressão vem em cima do professor da disciplina. O que está acontecendo? O que você não está ensinando certo?

*Essa é uma textualização da entrevista realizada com o professor Ivanei, realizada no dia 08 de outubro de 2019, na cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Formado desde 2014, Licenciado em licenciatura Plena em Matemática,*

*Ivanei leciona para alunos do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Educação de Campo Grande, MS.*

**“O aluno aprende a ferramenta, mas não sabe utilizar”**

Professor Leonardo

Fernanda: Professor Leonardo, fale sobre você, sua formação, sua prática de sala de aula...

Leonardo (L.): Meu nome é Leonardo da Silva Lima, sou professor de matemática, estou formado desde novembro do ano passado (2019), atuando como professor em outras instituições desde então, vinculado na REME, desde agosto desse ano. Minha formação é Licenciatura em matemática na e minha prática de sala de aula é no Ensino Fundamental, Médio e no EJA da Educação Básica, atuando em 5 escolas diferentes.

F. Então, professor, você trabalha em 3 redes, estadual, municipal e particular. De quando você começou a lecionar como professor, até os dias atuais, houve alguma mudança?

L. Sim, acredito que tem havido alguma mudança para melhor. Devido a minha formação e pouca experiência, acredito que com a prática do trabalho, nós professores, temos que melhorar. Eu aprendi coisas novas, como lidar com algumas situações, acredito que isso beneficiou minha capacidade como profissional.

F. Atualmente a disciplina de matemática teve um desdobramento da matemática para a aplicação matemática. Qual a influência disso na sua prática?

L. Esse ano tive a experiência de ter uma sala de aplicações. Lá no colégio Benfica eu tinha 4 aulas no 8º ano e 1 aula somente no 9º ano, de aplicação. Analisando o que a Base Curricular pedia, minha estratégia para turma foi trazer exercícios e situações problemas matemáticos bastante contextualizados. Peguei os temas que estavam sendo abordados pelos professores, como volumes, funções, função afim, e tentei trazer o máximo de situações problemas, criações também de situações problemas, pedi também para os alunos trazerem. Um exercício que me recordo também foi o cálculo do custo do UBER, como podia estabelecer uma função, custo com tempo, custo com distância, e que tipo de função nós teríamos

são traçar tempo, custo e distância. Eu vejo que essa divisão é benéfica, além de sanar dúvidas que muito alunos têm, onde eu vou usar essa matemática da escola, além de preparar os alunos para situações semelhantes na vida.

F. Qual sua opinião sobre a maneira de trabalho de organização sobre a aplicação matemática? Você acabou de falar que o aluno compreende melhor...

L. Sim, ele compreende não só a matemática, porque podemos compreender a matemática como uma ferramenta, você aprende não só como ela funciona e acontece, mas a aplicação dela no nosso mundo, no nosso dia a dia, é muito importante, porque o aluno vai se sentir mais motivado, utilizando aquela ferramenta “alienígena”, ele vai compreender não só a matemática, mas como ele vai utilizá-la.

F. Qual a influência, dessa disciplina, no resultado da Prova Brasil?

L. Bom, devido ao meu pouco tempo de atuação, eu não consigo estabelecer uma resposta com certeza. Consigo falar do que eu estimo, do que eu conheço da estrutura da Prova Brasil, e eu acredito que aplicações matemáticas vão auxiliar muito na compreensão das questões. Acontece muito na sala de aula de o professor abordar a matemática de uma forma tradicional, mais expositiva, trazendo exercícios como calcule, calcule... fazendo com que o aluno aprenda a ferramenta, mas não saiba utilizar. Porém as questões da Prova Brasil são mais contextualizadas, em que o aluno tem que ler as situações e interpretar, utilizando as ferramentas que ele aprendeu.

F. Há algum tipo de formação por parte da SEMED influenciada na sua prática? E o que motiva essa formação?

L. Você está falando das formações continuadas. Como entrei pouco tempo, tive pouca experiência, mas o propósito da formação é trazer um auxílio para os professores. Mas a formação que eu participei acho que a influência é pouca, porque a última formação foi a BNCC, como deve ser abordado o conteúdo. O que foi trazido pra gente, muitas vezes, é o tópico, trazendo inovações para sala de aula, insistindo falar de como abordamos figuras planas, construindo figurinhas e mostrando as variações dos ângulos com aquelas estruturas, válido. Porém não para 10 horas aulas ficar com estruturas mostrando as variações dos ângulos. Está em falta, um pouco, a formação com a realidade da sala de aula.

F. Que aspectos influenciam, no resultado da Prova Brasil? Positivamente? Negativamente?

L. Bom, tendo em vista a avaliação, é muito válida a existência dela, incentiva as escolas a prepararem seus alunos. Aquele modelo de avaliação é válido também, muito positivo, pois os alunos podem se deparar com questões semelhantes em outros momentos, em outras provas. Esse incentivo que a avaliação traz é positivo, é possibilidade para trazer alunos melhores. Porém acredito que também exista o lado negativo que é a preparação em específico. Já presenciei momentos em que, onde a coordenadora aconselhava seus professores a preparar os alunos, especificamente, para esse tipo de avaliação. Perde-se um pouco da autonomia da educação, você está preparando o seu aluno, não para aprender aquele conteúdo, aquela informação, mas sim para aprender a responder àquelas questões da Prova Brasil. Acontece o mesmo com os cursos preparatórios e várias escolas que preparam os alunos para o ENEM. Eles preparam o aluno para aquele formato de pergunta. Temos que ter em vista que o ENEM, hoje em dia, tem o formato muito mais de resistência do que de capacidade de conhecimento, porque as questões não são tão complicadas, são mais extensas, complexas na sua linguagem, então o aluno deve estar mais capacitado para outras coisas do que detendo o conhecimento, segundo o nosso próprio PCN.

F. Duas turmas distintas com o mesmo professor, mesmo material, podem apresentar resultados diferentes?

L. Sim, com certeza, o resultado que cada turma apresenta depende do material básico da turma, que material que é esse, é o material humano. Você não está trabalhando com um bloco de cera, são humanos que são trabalhados individualmente de forma grupal, é claro. Além da instituição escolar, eles têm a instituição religiosa e também familiar, eles já vêm com alguma bagagem, então, mesmo que eu apresente um trabalho idêntico, muito provavelmente vai haver resposta e resultados diferentes, porque, muitas vezes, a criança pode não entender o porquê que eu estou passando a letra para o outro lado, mas ela entende muito bem o conceito de área, muito a questão de cada indivíduo está compreendendo de uma certa maneira, pela sua bagagem pela sua vivência e assim adiante. Essa ideia de que nós vamos ter resultados iguais é uma ideia vinculada como vimos

antigamente, eram os detentores do conhecimento, e hoje não funciona assim. Eu não gosto muito dessa ideia de a turma apresentar resultado, porque mesmo como aluno você via que era difícil todos os alunos aprenderem e terem o mesmo conhecimento, por isso cada aluno tem sua nota.

F. Quando a escola tem um bom ou mal resultado nas avaliações externas, na Prova Brasil, o que acontece na escola? Na prática dos professores?

L. Quando um aluno vai com 5 no boletim, lá no Valentim, eu tenho que sentar junto com a coordenadora, fazer um relatório do que eu vou fazer, a partir daquele momento, para que aquele aluno recupere aquela nota e aquele conhecimento que ele não obteve, detalhe que só acontece com os alunos que foram com notas abaixo de 6. Sendo assim, posso estender essas respostas para o geral, quando um conjunto de alunos, aquela sala, aquela escola, vai mal na Prova Brasil, vem alguma autoridade, diretor, coordenador, pessoal da SEMED, senta com os professores, e aí pessoal o que podemos fazer para recuperar essa nota? Afinal o coeficiente de aprendizagem é só um número, somos orientados a melhorar alguma coisa, seja como estamos passando aquelas informações, seja como estamos fazendo as avaliações, porque, às vezes, estamos sendo muito criteriosos, ou seja, precisamos preparar melhor para a próxima prova.

*Essa é uma textualização de uma entrevista realizada com professor Leonardo. A entrevista aconteceu no dia 17 de dezembro de 2019, na cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul; e teve duração de 18 minutos. Leonardo fixou-se enquanto professor de Matemática desde novembro de 2020, ano de seu licenciamento em Matemática, atua Ensino Fundamental, Médio e na EJA da Educação Básica, atuando em 5 escolas diferentes da Rede Municipal de Ensino da cidade de Campo Grande.*

## **“É aquela pressão para você subir, aquela nota”**

Professora Cristiane

Fernanda (F): Quantos anos você trabalha no Valentim?

Cristiane (C): Desde 2014, faz 6 anos, bastante... bastante Prova Brasil que eu já passei, [risos]

F. Professora Cristiane, fale sobre você, sua formação, sua prática de sala de aula?

C. Sou professora de matemática, dou aulas particulares sem vínculo nenhum desde os 13 anos de idade. Dava aula pra ajudar em casa, gostava de matemática. Aos 16 anos eu achava que iria ser médica, até conhecer uma professora de matemática, Jussara Brum. Brava, ela entrava na sala e todo mundo ficava mudo. Ela passava no quadro as definições, tudo sem olhar em livro nenhum, ela sabe muito, quero ser assim e aí, pronto, mudei. Resolvi que eu iria ser, professora de matemática.

Fui fazer vestibular na Federal com 16 anos, passei, comecei o curso, fiz até o último ano, no último ano me ofereceram 20 horas de aula em uma escola particular, no meio do ano me ofereceram 40 horas. Eu peguei essas 40 horas e fui trabalhar, larguei a Universidade, aí reprovei, desisti. Depois de dez anos, em 2007, eu fiz o vestibular na UFMS de novo aproveitei alguns créditos e formei em 2013. Eu me sentia frustrada por não ter meu diploma na mão, mas foi um sacrifício, pois eu já era casada e tinha dois filhos.

F. De quando você começou a lecionar até os dias atuais houve alguma mudança na sua prática?

C. Eu era bem rigorosa, muito rigorosa. Hoje em dia você não consegue ser tão rigoroso, as definições ficaram mais simples. Eu me lembro de uma época que trabalhava toda a parte de conjunto no sexto ano. Hoje os livros não trazem mais essas partes de conjunto. A nossa linguagem, hoje, deve ser mais adequada a eles. Às vezes eu fico me cobrando, porque lá na Universidade eles são tão rigorosos com a gente e aqui nas escolas públicas nós passamos a mão na cabeça dos alunos. Mas se não fizermos assim, não passa de ano quase ninguém.

F. Mas, é o sistema; não é? A culpa não é só do professor...

C. Aprendi também que, às vezes, as pessoas não têm aquela habilidade para a matemática, só por causa de matemática vai reprovar, às vezes prefiro passar, fico fazendo vista grossa [risos].

F. Atualmente a disciplina de matemática teve um desdobramento, de matemática para aplicação matemática, qual influência disso na sua prática?

C. Na verdade eu acho aplicação uma loucura, uma aula para você dar tudo o que precisa, são problemas matemáticos que você já estudou lá trás, fica difícil, porque o que os meninos estudaram ontem, eles não lembram, imagina o que foi nas outras séries, risos... Por exemplo em problemas relacionados ao MMC, tem que explica o que é o MMC o múltiplo, o divisor, entendeu? Se os alunos dominassem o conteúdo e só resolvessem os problemas, ótimo, mas não é assim que funciona, uma aula não dá pra nada, melhor voltasse essa aula para matemática, na grade, seria muito melhor.

F. Qual a sua opinião acerca da maneira do trabalho sobre aplicação matemática?

C. Só xerox, é uma loucura, eu faço a lista de exercícios, aí recorro com eles o conceito, às vezes eu entrego a lista e peço para eles resolverem. Eu os deixo trabalharem. Pode ser por meio de desenho, multiplicação, um ajudando o outro, é muito diferente de matemática. Eu sou mais chata, mais exigente, não dá tempo de respirar e nem sorrir pro aluno, tem que correr com o conteúdo, quatro aulas, se tiver tudo ok, sem feriado, menos de oito aulas, tem que dar uma bimestral.

F. Qual a influência dessa disciplina no resultado da Prova Brasil?

C. Esse ano eu fiz diferente, ano passado nós trabalhávamos o conteúdo de aplicação que está na grade, mas este ano trabalhei os descritores, descritores de área caem na Prova Brasil, mas não está na grade de aplicação. Esse ano a aplicação vai ter uma influência, sim, retomei área, volume, sistema de medida, aí sim, valeu a pena.

F. Há algum tipo de formação por parte da SEMED que motiva sua prática?

C. Eu acho, me ajudou muito aquele trabalho estatístico de um problema, trabalhou desde a educação infantil até o nono ano, achei interessantíssimo,

excelente, agora tem umas formações, essa última aí, só ficou lendo a BNCC, depende do formador.

F. Que aspecto influencia o resultado da Prova Brasil, positivamente e negativamente?

C. Positivo tem, porque você se sente parte daquilo “puxa valeu a pena” e professor é assim bobo, um pouquinho que progride, você já se sente bem, se sente feliz, mais animado. Imagina você trabalhar, trabalhar e quando chegar na Prova Brasil, o aluno tira 4,8. Mas, se acontecer de tirar uma nota ruim, é bom para rever os conceitos da minha prática, se não está dando certo, vou rever. Isso aí faço direto, dou uma avaliação e quando não deu resultado, eu já revejo o que está acontecendo.

F. Você tem duas turmas distintas, o mesmo professor, o mesmo material, elas podem apresentar resultados diferentes?

C. Sim, você sabe que pode, dependendo da turma, uma pessoa influencia toda uma sala de aula, aquela turma puxa pra trás, fica pedindo para você retomar aquele conceito e não progride. Na Prova Brasil do ano passado, 2017, tinham duas turmas muito diferentes, e éramos nós duas as professoras, dando a mesma matéria, nem sempre depende do professor. É bagagem quando a gente trabalha os 9 anos só, a gente acrescenta pouca coisa, na Prova Brasil bem pouca, eu acho que deveria trabalhar esse quinto ano bem, depois o sexto até chegar a Prova Brasil.

Todo bimestre temos que rever e ir acrescentando um pouquinho mais. Agora, chega lá no nono ano e joga uma carga de conteúdo nos guris. Tem aluno que tinha uma bagagem de conhecimento, igual os meninos da tarde que falaram que a prova estava ridícula de fácil, mas teve aluno que falou que a prova estava muito difícil, dependeu do conhecimento que ele trouxe.

F. Quando a escola tem um bom ou mau resultado nas avaliações externas, o que acontece na escola? E na sua prática?

C. Eu não espero uma Prova Brasil, vou analisando nas listas mesmo. Quando eu vejo que o conteúdo não foi compreendido, aprendido, eu já sei que eu tenho que retomar. Agora, na escola, eu já passei por uma dessa, na outra escola, lá, quando eu entrei, eles já tinham feito a Prova Brasil e a nota foi 3,8, aí o pessoal da SEMED sempre fazia visitas, a gente ficava com aquilo, que a escola estava

ruim, tinham sempre supervisão da SEMED, ficamos com gente observando durante o ano inteiro.

Nós sofremos intervenção da SEMED, o clima é horrível, como se nós professores fossemos burros, pessoal fica cuidando, eu estava no oitavo e nono e ficamos trabalhando, trabalhando, passou para 4,2 e depois chegamos no 5,0, foi uma alegria.

Quando a nota é boa, todo mundo fica contente, só alegria, agora, se saírem-se mal, as pessoas olham com desprezo, como se você não soubesse fazer nada. É horrível, horrível, as reuniões começam assim “olha, passamos por um problema, a nossa nota caiu, agora teremos acompanhamento por parte dos técnicos da SEMED”. Tem que cuidar melhor as avaliações, até material nós tínhamos mais acessos, não se pode tirar muita xerox, e lá esses anos, tudo que é apostila que eu fazia, tirava xerox à vontade, porque precisa melhorar, é aquela pressão pra você dar conta de subir aquela nota. Eu que estava como convocada no oitavo e nono ano trabalhei e joguei uma carga de matéria nos meninos, quando chegou no final, eles foram com 5,0, se não for, eu que sou convocada, perco minhas aulas, sou mandada embora. A pressão psicológica é muito grande.

*Textualização da entrevista realizada com a docente na data de 06 de janeiro de 2020, na cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, com duração de 21 minutos. Cristiane ensina Matemática desde os 13 (treze) anos, entretanto, oficializou sua função de docente no ano de 2013, quando se formou em Matemática.*

## 4.2 SEGUNDA ETAPA

### **“A aula remota é bonita só na foto”**

Professor Leandro

Fernanda. Na sua opinião, professor Leandro, os instrumentos avaliativos utilizados pelos professores afetam a aprendizagem dos alunos? Você pode explicar?

Leandro. Os instrumentos avaliativos são de suma importância pro desenvolvimento desse aluno, porque a partir do momento que você aplica uma prova objetiva ou dissertativa ele vai ter que se explicar naquele momento da prova, ele vai desenvolver alguma coisa, colocar em prática o que ele aprendeu, agora se você der uma prova de múltipla escolha, esse aluno talvez ele não desenvolva nada, resolva essa prova em cinco minutos, então é muito importante pra gente o meio avaliativo, a metodologia que a gente aplica.

As avaliações devem ser mescladas, a prova aberta é bem interessante porque o aluno vai colocar o olhar dele, ali ele vai transcrever o que ele aprendeu realmente como ele entendeu, aí é o momento do professor poder avaliar o aluno. Quando você pega uma questão dissertativa é melhor para o aluno ver o que ele está pensando sobre aquele assunto, na múltipla escolha você não tem esse olhar do aluno.

F. Qual sua leitura das avaliações sobre a aprendizagem dos alunos?

L. A prova é momento de fazer a leitura e verificar se a nossa estratégia e metodologia, no geral, foram bem aplicadas, se o modo como eu trabalhei aquele bimestre e desenvolvi ver se eles absolveram alguma coisa, porque a partir dessa leitura da avaliação eu posso me planejar ou fazer um novo planejamento para o próximo bimestre, verificar onde estou falhando para me planejar melhor. A minha leitura das avaliações é da leitura do meu aluno e também minha, de ambos os lados.

F. Como esse período de pandemia afeta a avaliação da aprendizagem?

L. Na avaliação da aprendizagem afeta diretamente e completamente, porque a avaliação é contínua, e essa continuidade a gente não está tendo, porque nós estamos através de mídias tecnológicas, nós não estamos olhando o que realmente

o aluno está fazendo. Aquele desenvolvimento do aluno que você tem a avaliação dele você não consegue ter, avaliação da aprendizagem dele, porque pra mim essa avaliação é contínua, todo dia.

F. Qual o sentido de pensar em avaliação durante essa pandemia?

L. Não se tem um sentido pensar em avaliação nesse momento, porque essas avaliações você não sabe realmente se é o aluno que está fazendo, se é um familiar, e também é cultura nossa a avaliação ser individual, lá o aluno tem acesso as mídias, aos livros, ao pai, a mãe, o tio, nesse momento a avaliação tradicional não faz sentido.

F. Qual a sua leitura de atividades dos alunos nas aulas remotas, tanto por Whatsapp ou por e-mail?

L. Pra fazer uma leitura devemos ter uma participação, a partir do momento que você tem que ter uma participação a gente consegue fazer uma breve leitura, sabemos que hoje, em algumas escolas a participação é baixa, no geral já é baixa, em algumas escolas é quase zero, fica difícil fazer essa leitura. Agora sim, quando o aluno entra na aula, pelo Whatsapp ou na reunião pelo *google meet* e ele participa e joga suas dúvidas você já faz uma leitura desse aluno, da sua aula, mas sem a participação dos alunos fica muito difícil fazer essa leitura porque a participação é baixa.

F. Na sua opinião por qual motivo os alunos não estão participando dessas aulas remotas?

L. Depende muito da realidade da família também, porque tem família que não tem condições, tem 4 ou 5 crianças e um celular para família que o pai leva para trabalhar, e tem outros que não têm interesse, têm turmas minhas que participam 7 alunos de 30 alunos, aí vem a participação da família, e outra o poder aquisitivo, não é só cobrar a família. O aluno que tem uma família com condições um pouco melhor, e uma base familiar que os pais têm um conhecimento para ajudar, esse aluno deslança. A aula remota é muito bonita, quando você coloca uma foto de uma criança dentro de um quarto, e nesse quarto tem mesa, computador, televisão, livros, mas sabemos que a grande parte da população não tem essa realidade.

F. Quais os seus instrumentos de avaliação na pandemia? Você utiliza os mesmos instrumentos de avaliação que usava antes da pandemia? O que pensa sobre a pós pandemia dentro do processo avaliatório?

L. Os instrumentos de avaliação na pandemia, eles sofrem uma alteração, não são os mesmo de antes. Porque ainda mais a disciplina de matemática ... como eu vou cobrar desse aluno me devolver um desenvolvimento, pra ele digitar uma conta tem uma maior dificuldade. Se tiver que escolher uma avaliação nesse momento mais que não seria adequado, a gente recorre mais a múltipla escolha.

O aluno tem uma facilidade de desenvolver essa atividade, manda o *link* da atividade e o aluno abre e responde de uma maneira mais rápida. Também melhora a vida da família, para devolutiva também é mais simples, quando se tem o grupo do WhatsApp os alunos resolvem tiram fotos e envia para mim; isso quando a gente consegue fazer leitura dessa folha, porque nem todo aplicativo tem scanner, conforme a devolutiva você não consegue ler essa atividade, uma foto mal tirada... Prefiro recorrer a múltipla escolha, então altera sim nessa pandemia.

Na pós-pandemia algumas coisas vão ser aproveitadas, por exemplo as atividades, os planos de aula, hoje trabalhamos pelo classroom, postamos as atividades que serão trabalhadas, acredito que essas ferramentas vão continuar a ser utilizadas, se o aluno faltou na aula não precisa recorrer ao amigo, é só acessar o classroom, a educação pós pandemia vai sofrer mudanças.

F. Professor qual sua sugestão para avaliar hoje?

C. Poderia ser uma pergunta aberta, o que ele vê da aula, o que observou, o que ele entendeu da aula até o momento, porque muitas vezes esse tipo de pergunta para nós da matemática não é feita. Como ele vê esse conteúdo, onde pode aplicar esse conteúdo, escreva o desenvolvimento da conta, faça do modo dissertativo e me explique.

F. O que você pensa sobre o ano letivo de 2020?

C. O ano letivo de 2020 não chega a ser perdido, voltamos à base familiar, dependendo da base familiar desse aluno não é um ano perdido, mais aqueles que os pais têm antiga quarta série, um ano que o aluno vai levar uma defasagem, um ano triste para alguns alunos, pra alguns alunos, o ano ainda vai ser aproveitado, para minoria eu penso. Quantas famílias que os pais têm conhecimento ou lembram

daquele conteúdo para ajudar seus filhos? Principalmente nas séries finais, 8º e 9º anos, a grande maioria não dá conta desse conteúdo. O currículo teria que ser diferenciado, e também não dá para colocar o pai de culpado, mas a defasagem da família, esse ano o aluno fica prejudicado, nem pode colocar que é perdido porque tem alguns alunos que vão aproveitar.

F. Você disse na primeira entrevista que saiu totalmente despreparado para situação do cotidiano da escola. Você acha que a Universidade e a escola estão muito distantes?

C. Eu acho que muitas vezes, é a experiência que eu senti no meio acadêmico, eles estão preparando o aluno para uma especialização, um mestrado, uma matemática aplicada muitas vezes, eles não estão visando que vai sair dali um professor, quando você se depara com o cotidiano da sala de aula, um planejamento, uma metodologia, essas aulas faltam pra gente na licenciatura.

Pra mim teve estágio no 3º e 4º anos, acho pouco, deveria começar no 2º ano, deveríamos cobrir licença médica sem remuneração e fazíamos estágios, o estágio em dupla ou acompanhado do professor, o professor nem sempre deixa você se aventurar pela sala de aula, é pouco tempo.

A preparação está bem distante, como apresentar um conteúdo para o aluno, é fácil fazer prova, mas apresentar o conteúdo para 30 crianças, a metodologia, como chamar a atenção das crianças, isso falta demonstrar isso para o acadêmico. O acadêmico sabe muito para ele, mas dentro de uma sala de aula fica muito difícil.

Falta trabalhar a parte escrita, e não só cálculo. Comento com meus colegas em provas de concurso, quando leio uma pergunta de português ou as alternativas estão todas corretas ou todas erradas [risos]... nós professores da matemática sentimos essa dificuldade. Até preparar uma aula exemplo introdução de função, qual a bagagem que preciso para trabalhar esse conteúdo, plano cartesiano, equação do 1º grau, equação do 2º grau, já começa trabalhar a defasagem dos alunos, como contornar uma situação, são situações que você se depara somente dentro da escola. Falamos assim, vamos com planejamento A e deixa guardado o B e C na manga por causa de acontecer alguma situação inusitada.

*Com duração de 34 minutos, esta é uma textualização da segunda entrevista realizada com o professor Leandro, que aconteceu no dia 05 de agosto de 2020, na cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul.*

**“Esse processo avaliativo – prova e exame – é muito eliminatório”**

Professor Ivanei

F. Na sua opinião, professor Ivanei, os instrumentos avaliativos utilizados pelos professores afetam a aprendizagem dos alunos? Você pode explicar?

I. Acho que ainda têm alguns parâmetros para serem ajustados, quando se fala em processos avaliativos nós como escola ainda ficamos restritos a avaliação tradicional, a prova. E a prova, como todos nós sabemos, existem até alguns estudiosos como Perrenoud e Luckesi... Perrenoud, principalmente, fala que esse processo avaliativo - prova e exame - é muito eliminatório e classificatório. Classificar o aluno bom se ele tirar nota boa, o aluno é ruim se ele tirar nota ruim, então o nosso processo avaliativo tem que ser revisto, eu acredito que esse processo de julgar o aluno dele sendo bom ou ruim, apenas pela nota de uma prova, torna muito eliminatório e classificatório, é o que acontece por exemplo nos exames de concurso.

O aluno por exemplo pode mostrar mais o que ele sabe através de experimentos, outros tipos de avaliação, como prática, por exemplo uma aula de volume, qual é a análise dele sobre volume, vamos construir uma caixa, vamos calcular aquilo dali, existem outras maneiras que podem ser melhor trabalhadas, em relação a somente provas, eu acredito nisso.

F. Qual sua leitura das avaliações sobre a aprendizagem dos alunos?

I. Acredito que quando o aluno vai e estuda para uma prova todo processo, toda construção de conhecimento, porque é um processo né que nós professores fazemos com o aluno, porém tem aluno aí que só se dedica para aquela prova, estudam momentaneamente, tudo que foi construído durante o processo passou despercebido, fica ruim julgar esse aluno se ele teve aprendizagem ou não com relação àquela prova, acredito que somente pela prova não tem como dizer se o

aluno aprendeu. Por exemplo, marcamos a prova, sabemos como professores de matemática que existem técnicas para resolução de certos exercícios, de repente o aluno faz a prova em cima de técnicas de cálculo, tira uma nota boa, mas o processo de construção de conhecimento ele não acompanhou.

F. Como esse período de pandemia afeta a avaliação da aprendizagem?

I. Volta na questão anterior, essa pandemia não pode ter o contato físico, porque a transmissão vírus é muito rápida, quando o professor passa uma avaliação online, vou passar uma avaliação onde o aluno vai responder em casa, existe uma cultura que o aluno tem que ser fiel naquela prova sem consultar algo, fazer como se estivesse em uma sala de aula com professor olhando, nós sabemos que existem muitos recursos com que faça os alunos a tirarem nota dez, 100% dos alunos tiram nota dez, e realmente isso é confiável, existem um nível de confiança muito baixo quando acontece de todos tirarem dez, eles podem obter as resposta pela internet de uma maneira muito rápida.

A aprendizagem fica muito comprometida no ensino remoto. Eu apliquei prova online teve notas altas e teve também notas baixas, porém nós que conhecemos nosso aluno, conheço o perfil de cada um, sabemos que o aluno pode ter copiado da internet ou não. Então comprometeu muito a avaliação da aprendizagem esse ano, nesse processo de pandemia que estamos passando.

F. Qual o sentido de pensar em avaliação durante essa pandemia?

I. É difícil pensar em avaliação justamente porque para você avaliar alguém à distância igual nós estamos, você tem que ter mais parâmetros, textos, sentimentos do aluno ver o que ele está passando, avaliar principalmente no contexto da matemática não tem sentido de construção de conhecimento nenhum. Avaliação na forma que está, não tem como chegar em uma definição, o aluno está aprendendo ou o aluno não está aprendendo, meu ponto de vista é esse. Eu atendo dois públicos, os alunos da escola particular, o celular mais fraquinho deles é um Samsung S, em contrapartida tem o lado oposto da escola pública, eu tenho ali uma turma de 6º ano por exemplo, que não consegui falar com nenhum aluno, até o momento, 5 meses parado.

F. Você atende duas redes, mesmo com os investimentos da rede particular acha que os alunos estão aprendendo?

I. Acredito que o aluno que estuda, independentemente do local, se é particular ou público, aquele tipo participativo questionador, se é presencial ou é a distância ele aprende. Agora em contrapartida, e os outros alunos, demais alunos que quando estão em sala de aula o professor falando com ele o tempo todo: “pega o material, presta atenção”, esse aluno que você tem que estar sempre em contato com ele, como vai ficar esse aluno? Acredito que essa dificuldade em sala de aula, agora nesse momento ficou maior, nesse período de pandemia, nem todos os alunos vão aprender, vamos ter uma série de alunos com um mínimo de aprendizagem ali ou nenhuma aprendizagem.

F. Qual sua leitura de atividades dos alunos nas aulas remotas, tanto por Whatsapp ou por e-mail?

I. As atividades dos alunos estão de um modo mais delicado do que já era no presencial, o ensino à distância hoje, se alguém falar que o ensino a distância veio pra ficar, isso não vai funcionar enquanto escola básica. Porque hoje você já vê falando o novo modelo de ensino, o aluno precisa do professor próximo dele, essa é minha opinião.

Porque você passa as atividades para os alunos, o aluno te dá o retorno, você dá o retorno pro aluno depois, não estamos falando de um ou dois alunos que você orienta momentaneamente, estamos falando de um público de 40 alunos por sala em média, são muitas coisas pra ficar monitorando, se ficar desse modo com aulas remotas é um professor para uma sala de aula e acabou, ninguém consegue atender mais que isso. A minha leitura sobre essas atividades, comprometeria muito o trabalho do professor, porque o professor teria que estar a todo momento dando retorno para o aluno, teria que ter também uma fidelidade grande da família, o pai teria que estar te apoiando para que o filho fizesse todas as atividades, porque nem todos fazem, em média 60% dos alunos entrega as atividades, o restante não entrega, como você vai cobrar esse aluno? Você não tem um respaldo para futura avaliações, pra você ver sua prática docente, nem todos os alunos entregam as atividades, comprometendo o ensino.

F. Quais os seus instrumentos de avaliação na aprendizagem? Você utiliza os mesmos instrumentos usados antes da pandemia? O que pensa sobre a pós pandemia dentro do processo avaliatório?

I. Antes da pandemia você tinha um controle maior dos alunos no processo avaliativo, avaliava na sala de aula, avaliava através de tarefas em casa, ou alguma experiência, construção de sólidos geométricos, modelagem, existia uma maneira melhor de avaliar, do que está acontecendo agora. Durante a pandemia nós temos passados o caderno de atividades, e esse caderno de atividades é muito comprometedor, não pode dizer fielmente se o aluno compreendeu.

Agora, pós pandemia, dentro do processo avaliatório, pode continuar como um auxílio através das atividades remotas, dentro dessas atividades remotas tem alguns programinhas que podem estar auxiliando os alunos, como *google docs*, professor pode estar passando algumas atividades para eles responderem, que vai completar o processo avaliativo que já existia antes, eu acredito nisso. Alguma coisa vai ficar, mais que o ensino à distância é comprometedor, e afeta muito a aprendizagem do aluno. Eu gravo vídeo e posto no *facebook*, alguma coisa boa vai sair desse filtro.

F. O que você pensa sobre o ano letivo de 2020?

I. O ano letivo de 2020, só pra ter uma ideia, começou em fevereiro e paramos em março, e estamos em agosto, ou seja, são 5 meses afastados dos alunos, nas aulas presenciais tínhamos um aproveitamento de 90% dos alunos, e agora no meu ponto de vista o aproveitamento é de 10% a 15 % dos alunos. Então esse ano ficou comprometido totalmente, nós vamos classificar esses alunos? Como nós iremos classificar? Vai atribuir uma nota, qual é o aluno que pode ser considerado aprovado, qual é o aluno que pode ser considerado reprovado, quais os parâmetros que vamos ter para aprovar ou reprovar os alunos? Então o ano letivo está comprometido, é minha opinião.

A aprendizagem mesmo não está acontecendo, é complicado, falei antes que o aluno bom ele aprende em qualquer contexto, mais o aluno que precisa do auxílio do professor, eu gostaria de estar lá auxiliando ele e não posso, e o aluno ruim, o ruim, é a avaliação final que vai falar se os alunos foram aprovados.

Como os alunos vão do 6º ano para o 7º ano sem saber calcular o MMC, sem saber o que é um múltiplo, o que é um divisor, como vai ser nosso próximo ano,

principalmente no ensino da matemática? Que precisamos de uma base para o aluno passar para o próximo ano.

F. Como você está lidando com toda essa tecnologia?

I. Lembrei da época da faculdade com a calculadora HP, como se aprende, apertando o botão e nos corredores a galera ensinando como é, o que faz. Foi mais ou menos isso, um professor que sabe alguma coisa gravar um vídeo e passa para os demais, quando falaram vamos utilizar o *google meet*, meu Deus! como é isso? Essa área tecnológica de recursos poucos sabem, foi assim vai tentando, vai errando, tenta de novo, foi tentativa e erro.

Agora os alunos a geração tecnológica, parece que vão aprendendo no automático, acredito que os alunos foram bem melhores que os professores. Os alunos durante a aulas no *meet*, vão bem à vontade, acordam e assistem aula sem camiseta, as meninas com roupas inadequadas, sempre aparece aquela piada, e o professor contornando tudo, as aulas são gravadas e fica muito comprometida para o professor, temos que pensar que é uma aula e precisamos nos comportar adequadamente.

*Esta é uma textualização da segunda entrevista realizada com o professor Ivanei, que aconteceu no dia 14 de agosto de 2020, na cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul e teve duração de 33 minutos;*

## **“Quem acha que avaliação é prova, está um pouco perdido”**

Professor Leonardo

F. Na sua opinião, professor Leonardo, os instrumentos avaliativos utilizados pelos professores afetam a aprendizagem dos alunos? Você pode explicar?

L. Vou responder, antes do momento atual e nesse momento, de que forma eles interferem na aprendizagem da criança. A primeira e mais óbvia é a necessidade do cumprimento de um dever. Se a criança conhece a existência da avaliação, ela se sente ou deveria no cumprimento desse dever, mas esse compromisso que falo não no sentido de fazer a prova, mais sim de realizar o que se pede.

Os professores planejam as avaliações baseados nas informações que foram passadas, as crianças têm que replicam o que elas entenderam, o que compreenderam, a primeira é a sensação da necessidade do dever de que elas têm que cumprir isso. O que isso afeta na aprendizagem é o seguinte, sem essa sensação de dever acredito que parte do conteúdo iria se perder, ou haveria descaso para alguns assuntos ou questões.

Vou pôr em pratos limpos, exemplo, é fácil ver que a maioria dos alunos estudam as matérias próximo das provas, isso é um fato verídico. Porque é tão repressivo, assustador ter uma avaliação surpresa, coisa que não é uma cultura nossa. Nunca vi nenhum professor aplicar avaliação surpresa e se sim na forma de trabalho.

Porque também é cultura do aluno deixar para revisar seus textos, seus exercícios, livros, a matéria na véspera da prova, porque eles têm o conhecimento da avaliação, então quais são as diferenças do estado dele de aprendizagem antes e depois de saber a data da avaliação, antes deles revisarem e depois de revisarem? Teoricamente se está cumprindo um papel válido de avaliação, e segundo o que nós mesmos queremos e o que se pede, aquele aluno tem que estar com o conhecimento daquele conteúdo todo. Mas não, ele pega, senta, revisa e estuda, só dele saber da avaliação já interfere completamente na linha de aprendizagem dele, porque ele separa momentos de estudo e tudo mais. É o mito da avaliação que existe, isso é só uma parte que influencia, porque um estudo sem avaliação, também tem a parte maior de você não testar a avaliação e sim seus conhecimentos. O propósito da avaliação é ver se o dever está sendo cumprido, se

ele está aprendendo, após a avaliação também você pode fazer modificação em seu trabalho.

Segundo aspecto, como avaliação da aprendizagem afeta nos dias de hoje, que estamos diante dessa pandemia, a avaliação fica muito mais dificultada, ela cumpri seu papel muito mais que anteriormente, como estamos distantes qualquer tipo de avaliação que temo são momentos importantes para sabermos se o trabalho está sendo cumprido, e principalmente não as avaliações formais, como provas e trabalho e sim a avaliação do acompanhamento da aprendizagem, essas aí como nós não estamos próximos vão influenciar muito mais na forma que a gente aprende. Tanto que é de conhecimento nosso que estamos fazendo o caderno de atividades, pelas avaliações a gente modifica completamente o que está sendo abordado, modifica a aprendizagem e o formato deste trabalho.

F. Qual sua leitura das avaliações sobre a aprendizagem dos alunos?

L. Primeiramente para entender minha leitura preciso dizer como avaliar meu aluno, novamente vou separar antes e depois da pandemia. Antes da pandemia eu utilizava o básico, duas provas, as quantidades de trabalho que julgasse necessário, no mínimo um trabalho pelo menos, avaliação de realização das atividades dentro de sala, e participação, vou especificar cada um deles.

A prova formal é a mais simples. Passei um conteúdo, expliquei o conteúdo, as crianças realizaram atividades daquele conteúdo, vou verificar se eles aprenderam numa prova formal. Tudo bem que a prova formal é um complicador, porque dizemos que existe todo um ritual para ela ser realizada, cada um na sua cadeira, não converse com os alunos, não fale com pessoal que está do lado, você irá realizar as atividades somente com que você guardou na sua mente, isso numa avaliação mais formal, porque estou focando no ritual, por exemplo, existe aluno que tem um formato diferente de aprendizagem não se vai habituar tanto, já tive alunos que sabiam bastante e ficam tão nervosos que não conseguiam tirar notas, a avaliação formal é só uma das minhas avaliações.

Os trabalhos eu acredito que são semelhantes às provas formais, a diferença é que ele tem liberdade de retirar o conhecimento de outros locais, consulte no caderno, no livro, na internet, no colega, no pai, na mãe, no vô, vai perguntar para alguém se ele não souber o conhecimento desse conteúdo, sendo assim, diferentemente da prova não há uma pressão, de retirar aquele conteúdo somente

dele. Em que isso auxilia? Eu acredito que diferente da prova que estou testando o que ele sabe sozinho, aqui eu também estou testando o que ele consegue aprender e transmitir através desse trabalho, porque ele vai pesquisar ali, nem que seja só da internet e vai copiar a página inteira, de alguma forma ele transmitiu aquele conteúdo, o mínimo que ele tem que ter feito é a leitura daquele conteúdo, a forma dele realizar aquele trabalho, do capricho não com letras mais sim de informações do conteúdo abordado, clareza, me transmite se o aluno sabe ou não sabe.

As realizações das atividades em sala de aula, pra mim é a avaliação mais importante, mais que o trabalho e talvez mais que a prova, porque em sala de aula após eu ter explicado os exercícios, eu vendo o aluno fazendo, trazendo suas dúvidas pra mim, chegando a suas conclusões, ao meu ver consigo avaliar muito melhor do que em uma prova, porque eu estou acompanhando essa realização, vejo suas dúvidas, suas dificuldades, vejo se ele entendeu ou não, porque sempre que vou perguntar consigo ver as ideias que ele, o aluno, utiliza, pra mim é a melhor realização porque vejo como ele está pensando.

A participação também acho muito importante, que a participação de aula pra mim o que é, estou explicando o conteúdo, realizando alguns exercícios e peço que os alunos contribuam com ideias, iniciamos discussões e questionamentos na sala de aula, e que fazem parte de construção de conhecimentos, todo questionamento constrói conhecimento quando respondido, respondido certo ou respondido errado, constrói conhecimento de qualquer forma. Sendo assim, a participação é muito importante, só não é a mais importante porque ela exige que o aluno fale no meio da multidão, e muitos não consegue fazer isso, só destacando que não atribuo nota de participação eu só avalio mesmo. É diferente entendeu, a minha leitura através de todos esses pontos consigo ver como os alunos estão manipulando as informações que eu passei, que expliquei, que eles procuraram, levando em conta o trabalho, não dou todas as informações eles leem, procuram, constroem, eu vejo como eles estão manipulando e transmitindo essas informações. Se eles, os alunos, conseguirem manipular e transmitir de qualquer forma, via oral, escrita, eu consigo avaliar o nível de aprendizagem deles.

Agora em tempo de pandemia esse acompanhamento dificulta, não tomei a política de aplicar provas, em nenhuma de minhas salas e em outras escolas não tomei. Só fiz avaliação de duas formas. A primeira da entrega do caderno de atividades, os alunos fizeram os cadernos, entregaram e eu avaliava durante a

correção desses cadernos. A segunda maneira é de acompanhamento da realização das atividades nos grupos, o aluno que pergunta, participa, suas dúvidas, seus questionamentos, dou uma gama de conteúdo para que eles assistam, para que eles leem, para que eles ouçam ali faço correções com eles, diálogo um por um, do mesmo modo que faço avaliações em sala eu faço online, mas é muito mais difícil de ver se o aluno está ou não aprendendo, porque a gente não está conversando diretamente, a fala pelo texto é muito mais lenta, mas é essa maneira que tento ver se o aluno aprendeu.

F. Professor, você acha que está tendo uma boa participação dos alunos nos grupos?

L. De forma nenhuma, em todas as salas que dou aulas, em todas as escolas, não somente na escola que eu e a senhora compartilhamos, não há uma procura não diria um descaso mais a participação é mínima. Porém com os alunos que participam eu tento fazer o maior proveito possível, tanto que tem vários alunos que me surpreenderam, que tinham comportamentos diferentes em sala de aula, e durante a pandemia se mostraram muito mais participativos, colaborativos em realizar as atividades, mais é uma minoria.

Nos grupos diariamente uns 3 alunos perguntam, nos dias mais movimentados 5 alunos, vários alunos somente entregam as atividades, eu só falo se está correto ou não e dou algum auxílio, tenho vários alunos que estão sendo autodidatas nessas questões, pegam as atividades, olham os vídeos postados e já fazem as atividades, muitas vezes nem fazem a correção que posto no grupo. Pouquíssimos trazem dúvidas e dialogam com algo mais.

Em salas de aulas populosas, temos que mediar os exercícios e conhecimentos que serão passados, alguns são mais rápidos outros não, então não vejo problemas de as crianças estarem realizando, só se perder algum conteúdo no caminho, que não entendam algo. As rédeas estão mais frouxas, nós temos que mediar, verificar se estão aprendendo de outra forma, inclusive só realizando as atividades.

F. Como esse período de pandemia afeta a avaliação da aprendizagem?

C. Afeta como nós estamos distantes não conseguimos acompanhar o real, pensamento e realização dos conhecimentos dos alunos, um exemplo que falo é na

matemática mesmo, estava trabalhando com alguns alunos números racionais, metade das atividades com frações e a outra metade com números decimais, aí as atividades dos alunos estão todas em decimais, e estão certas, como que eles chegaram a essa resposta correta, utilizando a calculadora.

Isso é errado não, só que não cumpre com o processo do objetivo de aprendizagem, a conta está certa só que ele não aprendeu com isso. O fato de nós estarmos longe dos alunos dificulta para identificar se eles aprenderam, as vezes nós só temos o resultado da conta. Não sabemos a construção desse resultado, se ele sabe o que ele está falando, ou pesquisou as questões na internet, ou perguntou para o pai, mãe, irmão, o fato de estarmos distante faz com que a gente não verifique se ele está pegando o conhecimento e manipulando como se alguém tivesse aprendido.

F. Qual o sentido de pensar em avaliação durante essa pandemia?

L. Essa é muito fácil, e confunde quem acha que avaliação é prova, quem pensa só em prova forma falará “não tem sentido pensar em avaliação nesta pandemia”, porque não tem como ter contato com aluno. A avaliação não é isso, avaliação é outra coisa, que já falei antes, o sentido de pensar em avaliação nesta pandemia é porque precisamos saber se eles estão aprendendo mesmo à distância, se o mínimo que estamos pedindo eles estão sabendo, esse é o sentido.

F. Qual a sua leitura de atividades dos alunos nas aulas remotas, tanto por Whatsapp ou por e-mail?

L. Isso é interessante, por leitura vamos envolver a qualidades dessas atividades, porque aqueles alunos que estão fazendo estão fazendo bem, que dialogamos acompanhando no grupo a gente tá junto estamos vendo, um ou outro faz com desleixo, não estou falando daqueles que somente entregam, porque esses que somente entregam já os entregam corrigido.

A minha leitura também é da qualidade das atividades enviadas para os alunos, o que é passado para eles, tanto que passamos por um período da fala da coordenadora, alguns pais tinham reclamado das quantidades de exercícios, eu não vi o caderno de atividade desta sala, porém do meu ponto de vista que os professores estão pedindo para que os alunos realizem é o mínimo, estamos pedindo o mínimo, muita das vezes, eu vi me chegou outros cadernos, onde nem o

mínimo está sendo pedido, é exercícios simples, bobo, fácil, tanto que a sala do 7º ano o conteúdo que está sendo abordado, era para ter abordado no ano posterior, está sendo bem feito, assim o caderno que eu sou responsável, está sendo feito o melhor possível, tanto que para outras pessoas que estão compartilhando esse caderno, sempre elogiam, os alunos, os professores.

Então assim temos que ter esse cuidado, que o objeto de avaliação também tem que ter qualidade, se enchermos o caderno de calcule que qualidade eu vou ter? só vou saber se o aluno sabe fazer conta, não vou saber se ele sabe ler, interpretar, e como estamos distantes ler e interpretar é fenomenal.

Eu vou dar todas as possibilidades para o meu aluno, todas! Você olha meu caderno, você usa meu caderno, eu escrevo o que é para ser feito, nas orientações didáticas tem acompanhamento do livro didático, então dois conteúdos descritos, todo conteúdo novo uma vídeo aula completa, e por fim durante o horário de aula estou lá, eu explico, e as vezes mando as correções por vídeos para os alunos, então se não há acesso aos vídeos por conta da internet, leia, mas se não há interpretação fica difícil.

Os professores estão mais expostos, por conta disso, da exposição mesmo, eu não gravo vídeo aparecendo o meu rosto, primeiro porque não tenho material tipo câmera, mas também não vejo necessidade de o aluno ficar olhando meu rosto, só prestando atenção no que eu falo, lendo, ouvindo.

O aluno esses dias reclamou, postou: “professor eu não entendo o que a mulher do vídeo fala”. Beleza, eu fui lá e expliquei tudo para ele. Só que assim, vou colocar uma coisa que pode ser exigir muito, mas acho o mínimo, se não entender o que uma pessoa fala, você está no *youtube*, qual a dificuldade de você copiar parte do título e colocar lá para pesquisar, pra ver outro vídeo, o que estou enviando é o material, se eu enviar três vídeos repetidos, eles, os alunos, iriam reclamar também. Então, é uma sinuca de bico, como diz o ditado popular, é uma situação que não tem como sair. Mas a procura pelo conhecimento também tem que partir dele, isso não acontece, mas é uma questão cultural.

F. Quais os seus instrumentos de avaliação na pandemia? Você utiliza os mesmos instrumentos de avaliação utilizados antes da pandemia? O que você pensa sobre a pós pandemia dentro do processo avaliatório?

L. Penso que até já respondi, as avaliações agora nesse momento ficam somente nas correções do caderno, e a realização durante o horário de orientações, não utilizo os mesmos instrumentos, mais a mesma essência de avaliação, que é se os alunos estão manipulando os conhecimentos da mesma forma.

Agora o pós pandemia que é complicado, primeira coisa tenho certeza que parte do conhecimento passado foi perdido, tempo valioso não que foi perdido, mediante a situação tivemos que pisar no freio e ir mais devagar conforme nossa coordenadora disse, penso que pós pandemia só para o próximo ano, vamos correr atrás do prejuízo, mais não de uma forma que vamos matar os alunos de exercícios porque eles não aprendem dessa forma.

Mas trabalhar de uma forma que eles consigam aprender o máximo possível com qualidade, e trabalhar para que tenhamos alunos mais questionadores, porque passaram períodos que eles não tinham nosso acesso, eles precisam aprender algo com isso, que eles não precisam necessariamente de nós, nós somos vetores que já sabem o conteúdo, podemos auxiliá-los a conseguir, mais não transmissores de conteúdo, somos alguém só para auxiliá-los, isso vai ser difícil, porque eles já estão acostumados com isso, agora na pandemia já desacostumaram, espero que eles consigam mudar esse ideal.

Agora no pós pandemia precisamos trabalhar para que eles procurem conteúdo, que eles consigam gravar esse tipo de coisa, que não tenha tanto tempo perdido daqui pra frente, pra mim todo esse ano vai ter que ser reforçado posteriormente, não acho que será necessário criar um 10º ano no ensino fundamental, mais que no próximo ano seja melhor estruturado, não seja pensado em quantidade de conteúdo mais sim em qualidade, e se for pensar em quantidade de conteúdo que nós professores tenhamos um respaldo, para que possamos exigir bastante deles, porque se esse ano não foi exigido bastante deles, não estamos próximo, a escola não está próxima para exigir no próximo ano que tenhamos respaldo disso.

F. O que você pensa sobre o ano letivo de 2020?

L. Não foi um ano perdido, de forma alguma, foi um ano de superar algumas dificuldades e sair de uma zona de conforto, foi um ano para perceber e espero que alguns professores percebam, que a vontade de estudar ela está muito baixa, não faz parte da nossa cultura, porque estudar virou obrigação, isso deveria ser bom,

mas nós temos que lembrar, as pessoas fazem naturalmente o que elas têm vontade, porque se elas não têm vontade acabam não estudando até porque elas não são cobradas, que é o caso dos alunos que nunca falam conosco. Talvez, 2020 vem para lembrar que estudo tem que ser da vontade do aluno, é um questionamento de toda estrutura curricular que a gente tem. Muitas das vezes os alunos perguntam aonde vou usar isso? Precisa mesmo saber disso? Cabe a nós não só transmitir informações, mas mostrar que aquilo também é importante. Talvez quando a pandemia acabar, vários questionamentos trabalhos de mestrado, coisas assim vão ser feitas.

F. A primeira entrevista você disse que o resultado que cada turma apresenta depende do material básico da turma. Que material é esse, é o material humano?

L. Claro que eu penso, na nossa sociedade as pessoas se unem, tem família tem filhos, criam aqueles filhos, mediado momento o casal precisa trabalhar, e mediante legislação, e diante conceito comum as crianças precisam de estudo, os pais matriculam e os filhos vão para escola ou creches, ou escolinhas, e lá elas se desenvolvem, no mínimo 9 anos do ensino fundamental e mais 3 anos no médio, o que elas fazem lá? Quando elas entram para a escola elas constituem um grupo, são alunos, e são passados vários conhecimentos, é ensinado como as coisas funcionam, os conteúdos, a linguagem matemática, geografia e assim por diante as crianças vão adquirindo esses conceitos e conhecimentos conforme o tempo, todos eles de forma nenhuma impossível aprender 100%.

Quando a gente avalie esse aluno, não estamos avaliando toda essa linha temporal é só aquele exato momento sem mudança de tempo. Quando a gente faz avaliação é isso, naquele momento sem pensar no antes e depois, qual o conhecimento daquele aluno, material humano não só esse aluno sozinho mais o grupo? Quando a gente faz avaliação o que esse grupo pode falar pra gente, mediante toda sua história, todo seu conhecimento, sua cultura, seu comportamento em casa? Vários hábitos de essas variáveis influenciam no que eles vão aprender, porque por exemplo, um aluno do sétimo ano chorou a noite inteira, no outro dia como ele vai ter a mínima capacidade de aprender soma com racionais na forma de fração? Material humano são esses alunos e tudo que eles tragam consigo, e como a gente vê isso e molda tudo isso também, temos a autoridade sobre eles nós professores então moldamos também esse material, nós questionamos e fazemos

nos questionar também, então material humano é esse grupo de experiência que eles possuem.

*Esta é uma textualização da segunda entrevista realizada com o professor Leonardo. A entrevista aconteceu no dia 10 de agosto de 2020, na cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul e teve duração de 48 minutos.*

### **“Nós professores, estamos errando muito na forma de ensinar”**

Professora Cristiane

F. Professora Cristiane, o mundo virou de ponta cabeça por quanto do Corona vírus. Estamos nos reinventando, vamos falar de avaliação, mas mudou um pouquinho o foco, vamos ver como estamos tratando a avaliação neste momento. Na sua opinião, professora Cristiane, como que os instrumentos avaliativos utilizados pelos professores afetam a aprendizagem dos alunos?

C. Eu pessoalmente acho que não afeta, o aluno ele não existe aprendizagem, eu não consigo acreditar, faz tempo que estou percebendo que não está havendo aprendizagem. O menino ele grava ou decora, não sei, ou cola mesmo passar aquilo para prova, dois dias depois ele não sabe o que ele fez, não consegue nem reproduzir o que ele fez, quanto mais generalizar aquele conhecimento em uma situação problema, utilizando aquele conteúdo.

Não há aprendizagem, estamos errando muito na forma de passar isso, na verdade eu não sei onde, mas a gente está errando, porque não está havendo aprendizagem. Agora que estou trabalhando no ensino médio, percebo que a maior dificuldade dos alunos é em conteúdo do sétimo ano, oitavo ano, o que aconteceu lá atrás, será que eles conseguem a média em algum conteúdo específico? É impressionante, nós professores ensinamos divisão hoje, amanhã eles não sabem, nós não estamos sabendo ensinar, ou talvez estamos ensinando como aprendemos aquele método antigo, que utilizaram com a gente e nós aprendemos, mas que hoje

é uma geração diferente, as coisas vêm muito rápido pra eles, a informação vem rápido, essa geração não precisa pesquisar, só acessar a internet e está pronta. Da mesma forma que ela vem muito rápido ela vai muito rápido, não precisa guardar vai ter acesso a hora que ele quiser.

Na nossa época precisava pegar um ônibus, ir ao centro da cidade, na biblioteca e pesquisar em livro, nós não tínhamos acesso aos livros, fazíamos um resumo daquele conteúdo, copiava no caderno e parece que processava. Hoje os alunos tiram fotos das atividades no celular e o aplicativo resolve para eles passo a passo. Na verdade, nós professores ficamos para trás, a escola continua ensinando como no século passado, a sociedade evolui modernizou e a escola não.

F. Como é sua leitura a respeito das avaliações sobre a aprendizagem dos alunos?

C. A avaliação não mostra a realidade, porque nós temos que fazer uma avaliação onde nós nos moldamos aos alunos, ao invés do aluno correr atrás, tentar aprender o conteúdo, resolver certos exercícios, não! Os professores que temos que pensar, se eu colocar certos exercícios os alunos não irão fazer, não adianta, as notas são baixas, e aí o que vai acontecer comigo com 50% da turma com nota baixa? A avaliação, nós acabamos mascarando, fazendo uma avaliação de um nível muito baixo, ao invés do aluno chegar no nosso nível, nós baixamos o nível das provas, o aluno tira nota boa e fica a ilusão que ele aprendeu, mas não é a realidade, o nível da prova foi fácilimo.

Hoje em dia aceitamos como “normal” o aluno saber abaixo do básico, antes o aluno chegava até a nós no sexto ano com dificuldade em divisão, aceitamos, depois não sabe fazer multiplicação, agora o camarada não sabe subtração.

F. Como esse período de pandemia afeta a avaliação da aprendizagem?

C. Olha eu não estou fazendo avaliação, estou aceitando como bom, ótimo, o aluno fazer o exercício e trazer para mim, primeiro que eu não posso exigir do aluno que ele tenha acesso à internet. Tenho alunos que vão buscar o conteúdo na escola, porque não tem como imprimir, eles não têm acesso ao celular, pega emprestado o telefone celular para mandar atividade para mim, como posso nivelar isso, para um dou avaliação para outro dou uma diferente, não faz sentido pensar em avaliação neste momento.

Olha eu tenho um aluno que tem um celular para família inteira, eu tiro dúvidas pelo celular, eu tenho que esperar a mãe chegar do emprego, tem que esperar ela chegar, e também não posso encher o celular de mensagem se não o celular dela trava.

Tenho alunos que a mãe era diarista, perdeu o emprego, na pandemia ninguém quer faxina. O pai é pedreiro, também perdeu emprego, as obras pararam. As realidades são diferentes, uns estão pensando no arroz com feijão, e outros alunos tem carrão. Não posso nivelar assim, não faço avaliação, estou avaliando a participação deles, o empenho do aluno em fazer. Tem aluno que não tem internet eu ligo para eles, ligação de celular mesmo, a menina fica na outra linha perguntando, e vira uma aula particular mesmo, eu explicando daqui.

É bem complicado avaliar, tem aluno que liga pra mim falando professora preciso conversar, estou muito sozinho, isolado mesmo, meu único lazer era ir para a escola, o único amigo era na escola, não vou jogar mais uma carga em cima do aluno. Vamos pensar na aprendizagem quando voltar, passar essa pandemia.

F. Qual o sentido de pensar em avaliação, durante essa pandemia?

C. Não tem sentido em pensar na avaliação agora. Nós humanos somos um misto de várias coisas, tenho que estar bem emocionalmente para poder produzir, tenho aluno que alguém da família pegou Coronavírus e esse aluno só chora, tenho aluno com problema de emprego, que precisa trabalhar porque não tem o que comer dentro de casa, tem aluno com depressão pois está isolado faz tempo e não aguenta mais.

Não posso pensar em avaliar agora, eu tenho que dar suporte para ele pensar em prosseguir, seguir em frente, lá na frente a gente faz atividades para esse aluno, pelo menos o que ele perdeu, mais um ano, eu não sei como, mas algo será feito nesse sentido.

Como que eu vou avaliar ainda, pior matemática que é puxado, dar aquelas apostilas imensas conteúdo, conteúdo, conteudista, que não visa nada, estou trabalhando situações problemas, para ficar mais leve para eles ter uma conexão com o dia a dia, vamos pensar em sobrevivência.

F. Qual a sua leitura sobre as atividades dos alunos nas aulas remotas, tanto por Whatzapp ou por e-mail?

C. É engraçado, eu peço atividade para o aluno lá no classroom, tem menino que desaparece chega lá no final do bimestre, aí aparece com as atividades. Porque ele espera os outros fazerem, aí né, ao invés do abençoado fazer a atividade pelo menos, pegar o conteúdo do colega e copiar e enviar pra mim, não, ele pega a foto mesmo com o nome do outro aluno e posta pra mim, risos...

A aula no *meet* é pior, porque o professor posta a aula e todos colam, colam..., eles dão a mesma resposta ao mesmo tempo, todo mundo que é da avaliação à distância tira a mesma nota. Não tem lógica, como vou exigir do aluno alguma coisa, primeiro porque nós estamos aprendendo, nós não sabemos mexer na tecnologia desta maneira, precisamos bloquear essas colas, e é assim o aluno está na nossa frente quando se fala em tecnologia.

Os professores contam que estão na aula pelo *meet*, os alunos desligam o microfone da professora, a professora fica falando e os alunos dando risadas. Nós professores precisamos aprender a mexer com esse recurso, a instigar os alunos, a criar nele a vontade real de participar. A gente não sabe, ainda estamos correndo atrás do problema, agora só estamos tapando o buraco aberto, que o mundo agora é desse jeito, de pandemia que temos contato EAD.

Agora o estado fez parceria com a Microsoft, um tal de Microsoft Eens, eu não sei o que é isso, ainda vamos correr atrás disso principalmente a gente que foi criado numa época diferente, eu estou aprendendo ainda, começando a aprender, é bom isso, só que as aulas ainda são maçantes para os alunos, precisa criar uma estratégia não sei como, de dispersar os interesses deles.

F. Quais os seus instrumentos de avaliação na pandemia? Você utiliza os mesmos instrumentos de avaliação que utilizava antes da pandemia? O que pensa sobre a pós pandemia dentro do processo avaliatório?

C. Antes nós avaliamos o que considera normal com provinhas, prova mensal, prova bimestral, simulado, hoje em dia tem professores fazendo teste no *googleform*, eu não fiz porque não acho que vale a pena fazer avaliação durante essa pandemia, não estou achando que eles estão aprendendo realmente, os alunos estão sendo instruídos, mas não há aprendizagem, vai precisar retomar isso.

Então como que eu vou avaliar? Não tem como, eu sinto que estou dando uma introdução do conteúdo, mas não estou aprofundando, se um aluno quiser fazer vestibular ou ENEM tá fraco, não estou avaliando, olho se o aluno executa o

exercício, se está pesquisando, percebe se o aluno acessa a vídeo aula, leitura do conteúdo que postei, se o aluno tem interesse em entregar as atividades na época certa, se o aluno não entrega cola. Se o aluno atrasar e entregar duas semanas depois, dou Graças a Deus que entregou. Estou analisando caso a caso, não dá para ter uma medida só para todo mundo. Tem aluno que tem acesso e consegue assistir ao vídeo, tem aluno que você fala quer que eu explique no meet, ele responde professora eu não sei mexer nessa ferramenta, não sabe postar no classroom.

Na pós pandemia acho que nossa aula vai ser diferente, estamos evoluindo, aprendendo, nós professores vamos conseguir estar mais no nível deles, bem mais próximo do aluno, pois nós estávamos muito fora da realidade deles, em um mundo perfeito, tipo conto de fadas. Eu faço uma avaliação e pronto, acomodados, e o aluno achando maçante, cansativo, estudar só por conta que o pai dá uma bronca e eles obedecem.

Só estudam pra obedecer o pai, porque não tem significado nenhum para eles da maneira que estava acontecendo, mais pra frente agora, eu penso que será mais a cara do aluno, algo atraente para eles, vai estar numa linguagem mais próxima da realidade do aluno do que agora, nós vamos conseguir avaliar realmente usando tecnologia que eles entendem, que eles conhecem.

Um ponto positivo, tive que gravar vídeos, tinha pavor de aparecer em uma câmera, eu fiz o vídeo mandei, já fiz o segundo entendeu, estamos quebrando essa barreira, no meu caso um muro enorme separando a minha realidade da realidade dos alunos. Agora estamos chegando mais próximos dos alunos, os estados estão dando suporte, a prefeitura está dando suporte, então daqui pra frente vamos preparar uma aula que tenha significado para o aluno, que ele tenha prazer de assistir, pra eles é um porre aquilo, aula de matemática, professor escrevendo de costa lá da época do epa.

F. O que você pensa sobre o ano letivo de 2020?

C. O ano de 2020 é sobrevivência, temos de agradecer a Deus por está vivo, que temos emprego, temos o que comer dentro de casa, que não estamos doentes e ninguém da nossa família doente, isso em primeiro lugar, depois pensar em aprendizagem. Na minha visão o ano letivo só continuou pela questão de não abandonar os alunos, deles ficarem tão ociosos, e iriam ficar mais vulneráveis às

doenças, como depressão, e lembrando que as crianças e adolescentes não param, e tendo esse grupo de conversar no Whatsapp, já é uma interação, o ambiente escolar faz bem pra eles, as vezes em reuniões só de olharem a carinha um do outro, já faz bem pra eles.

Os alunos fazem das reuniões pelo meet uma sala de aula, esses dias apareceram alunos com peruca, fazendo graça, talvez o mais importante é conviver com eles para cuidar do emocional dos alunos, porque aprendizagem não está havendo, ano escolar não está havendo, é muito pouco o aluno que está aprendendo alguma coisa e bem pouco.

Fazer a motivação é o essencial neste momento faz, bem pros meninos, nós precisamos dar atenção, eles ficam isolados dentro de quatro paredes, é muito difícil, hoje o aluno consegue viver sem o currículo de matemática, temos que pensar em prioridades para vida deles, no bem-estar dos lares.

Não dá pra encher de exercícios para o pai querer matar os meninos, o pai chorar junto porque não estão conseguindo, o pai sentindo inferior e o menino também, pra que isso, só pra mostrar que matemática é o máximo? Os pais não são professores, para eles é um sofrimento, aí você causa sofrimento no aluno, no pai, na família inteira, e o importante da vida agora nesse momento é isso? Claro que não. Agora precisamos levar as coisas mais leves possível, porque está vindo muita pancada aí, aumento de casos de covid, desempregos, aquele estresse danado.

*Textualização da segunda entrevista realizada com Cristiane, no dia 11 de agosto de 2020, na cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, a qual teve duração de 37 minutos.*

### 4.3 TERCEIRA ETAPA

**“Ficamos nove meses remotos e ninguém estava preparado para essa situação”**

Professor Leandro

F. Olá! Professor, gostaria de saber como foi o ano pedagógico de 2020? Desde o momento que começou a pandemia, até o final do ano?

L. Foi um ano cheio de inseguranças, se olharmos pela visão do professor contratado, vai ter aula, vamos parar, será que vai ter emprego o ano inteiro. E uma segunda insegurança é pelo novo, novos desafios, lidar com a tecnologia, o modo que lidamos nesta pandemia, não é o que estávamos habituados em sala de aula, no decorrer do ano todo sempre foi a insegurança.

F. Como foi sua interação com os alunos? Como foi a interação entre os alunos?

L. Para falar sobre interação, precisamos falar sobre a participação dos alunos, que é muito realidade de escola, eu vejo na escola do meu filho que é uma escola central a participação é alta. Agora no colégio de bairros mais afastados, eu tive 15% dos alunos participando, têm uma diferença muito grande, e um dos fatores é o recurso das famílias, bairros mais carentes, falta de recurso, isso afeta diretamente no resultado.

Não podemos tachar que são todas as famílias, porém nas escolas centrais, também os pais têm um conhecimento diferenciado, muitos pais têm curso superior. Agora nos bairros a clientela mais pobre, estão com dificuldade em acompanhar as aulas remotas, não interage com o professor, os pais não têm conhecimento para ajudar, está bem difícil para esses alunos. Foi uma realidade que eu vivi, pois trabalhei em várias escolas de bairros afastados.

F. Do que você teve acesso, como foram as discussões dos alunos com seus familiares, em relação às tarefas e atividades que você propôs?

L. Em acesso, foi lidar com o novo, gravar uma aula, filmar, eu preparava a aula com um quadro, filmava e enviava para eles, é muito diferente pois usava aplicativo dessa aula, mesmo assim com o retorno dos cadernos para correção.

Acontecia com as atividades, de muitos cadernos que eram os pais que tinham feito, ou algum responsável, percebe que eles não sabem ajudar eles vão e respondem no lugar do aluno, alguém diretamente desenvolveu porque as letras eram diferentes.

No primeiro ano do ensino médio no estado, me deparei com uma situação, uma menina me enviou uma atividade de manhã e reparei por conta da toalha da mesa que era florida, quando foi duas horas da tarde, recebi a mesma imagem, com a mesma toalha, percebe que muita cola nessas atividades.

F. Como você realizou suas avaliações de aprendizagem durante a pandemia? Quais foram os instrumentos? Quais foram as potencialidades?

C. A avaliação da aprendizagem no município não, só acompanhamento do caderno, e não é muito seguro, porque não temos certeza se foi o aluno que fez. Agora pela rede estadual nós avaliamos os alunos, provas impressas com formulários, trabalhamos no Classroom com provas online, mas acompanhar a avaliação e o progresso desse aluno já não é algo seguro. A gente não sabe quem está desenvolvendo essas atividades.

A rede municipal desenvolveu diferente da rede estadual, o município optou por desenvolvimento do caderno e sem notas, o estado já teve notas nós aplicamos prova mensal e bimestral, ficava disponível online e também poderia retirar a prova na escola impressa, ou poderia imprimir em casa conforme a organização de cada família, e também têm a questão da nota.

Chega agora no resultado, o aluno vê que está pendente, que ele vai para o exame final e existe a reprovação, enquanto na rede municipal né muito mais difícil essa reprovação. Agora com nota o professor tem um respaldo para finalizar esse ano.

O estado disponibilizou pelo EDUTECA, a plataforma do Classroom com as turmas, ali naquele espaço, nós disponibilizamos as atividades, o aluno imprimia ou copiava e resolvia a atividade, tirava fotos e enviava para o professor. Também tinha o Google Docs, que o aluno respondia e a resposta vêm direto para nosso e-mail, em relação a cola, existe, mais até que não foi tanto, tinha turma que era assim eu me esforcei, e não vou passar para meus colegas que ficaram só brincando.

O potencial depende da realidade, no matutino é uma ferramenta que vai bem, com potencial, já o noturno é outra realidade, muitos já trabalham, outros teve

a necessidade de trabalhar, esse resultado das turmas do noturno não foi satisfatório.

F. Como essas avaliações, esses instrumentos, ajudaram na sua prática profissional?

L. Eu gosto de citar o Google Formulário, é uma ferramenta que hoje com a experiência da pandemia, não deveria ser deixada, chegar ano que vêm no presencial, deveria ser implantado do 6 ao 9 ano no ensino médio, professor aplica essas provas online, leva a turminha na sala de informática e faz, para o professor é muito prático pois ele já coloca o resultado corrigido numa tabela, com nota e tudo, não precisa de correção economiza papel.

F. Como foi a elaboração dos cadernos? Como foram as correções desses cadernos? E qual a importância das correções destes cadernos?

L. A elaboração e correção foram muito desgastante, foi cogitado por muitas vezes o caderno único, tenham a impressão que caderno único no município não funcionaria, porque como eu tenho várias escolas na rede municipal, utilizo um caderno de uma escola na outra, só que esse caderno sofre alterações, modificações, não têm como usar o mesmo sem adequar.

Foi levantado no meio do ano discussões sobre caderno único, pode soltar o caderno desde que podemos fazer alterações, adaptando a realidade de cada escola, não vejo adequado apostilar o caderno do município. Para aqueles alunos que realmente participaram, a devolutiva tem que existir, é desgastante para professor corrigir aquele monte de cadernos, já estamos utilizando nosso horário no Whatzapp tirando dúvidas, o trabalho se acumula, a carga horaria aumentou e muito, porém tenho recebido muitos cadernos parciais, e em branco.

A devolução é perfil de escola, umas aceitava por fotos no Whatzapp, outras no e-mail, outras só o caderno impresso na escola, as escolas que aceitavam por e-mail e Whatzapp nos faziam na hora mesmo, olhava e devolvia, agora aquela escola que era só grupo eu fazia correção nos grupos, quando terminava a apostila, pegava duas aulas e passava todos os exercícios com os alunos.

F. Como foi o diálogo da SEMED, SED, com os professores? Como foi o diálogo com as escolas?

L. Um diálogo direto ao professor não existe, é um diálogo com os diretores que repassam para o professor, a escola faz o repasse. O que achei interessante na SED, foi que antes de começar o bimestre, apesar de termos que implementar a BNCC, foi falado de trabalhar os conteúdos mínimos para cada ano, enviavam conteúdo mínimo se der para trabalhar algo a mais ficava por conta do professor.

Na SEMED, não houve esse diálogo, essa organização, no meio do ano trabalhava em duas escolas no mesmo bairro, pareciam ser de cidades diferentes, cada escola teve sua organização, seu direcionamento com os cadernos, uma escola pode conversar no privado, na outra escola não pode, uma você disponibiliza seu e-mail, na outra não pode, em uma você posta aula de reposição no sábado, na outra aquele horário fica para tirar dúvidas da semana. Eram duas escolas totalmente diferentes. Uma escola cobra um monte de relatório e as outras não cobram tanto.

F. Qual sua opinião sobre a TV REME?

L. A TV, foi uma iniciativa boa, mas nas turmas que estava como professor, verifiquei que os alunos assistiram poucos programas, a realidade é que os pais trabalham e essas crianças estão sozinhas, com os avós, fica difícil acompanhar pelos Whatsapp, digo isso porque tenho dois filhos e eles tinham aulas no Google Meet, todos os dias integral eu achava muito desgastante, e ainda têm mais TV, eles não querem assistir aula pela TV. A pandemia alterou muito a vida das famílias, eles não convivem com os colegas, ainda cobrar as crianças para assistirem aula pela televisão, eu vejo muito complicado. A criança tem vários canais de desenho, ela não vai assistir TV REME.

F. O que mais te marcou neste ano escolar?

L. A minha surpresa foi ficar o ano inteiro com aulas remotas, nós saímos para parar quinze dias, e acabamos ficando o resto de 2020, ficamos 9 meses remotos e ninguém estava preparado para isso. Fora as dificuldades que enfrentamos no dia a dia das aulas remotas, nos reinventamos.

*Textualização da terceira entrevista com o professor Leandro, realizada na cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, no dia 18 de dezembro de 2020. A entrevista teve duração de 29 minutos.*

**“O impacto maior, foi a ausência dos alunos principalmente”**

Professor Ivanei

F. Olá! Professor, gostaria de saber como foi o ano pedagógico de 2020? Desde o momento que começou a pandemia, até o final de ano?

I. Foi um ano cheio de novidades, cheio de conhecimentos desafios, conhecimento porque, tivemos que nos adaptar da saída da sala de aula para o método online, primeiro era quadro giz ou canetão se for quadro branco, agora tudo no computador conhecimento tecnológico, conhecimento de aplicativos, adaptação da sua casa, tivemos que abrir as portas da nossa casa, isso impactou tanto, no conhecimento do professor agregou o conhecimento do professor não devemos negar isso.

Teve outras coisas que impactou também, ausência de alunos principalmente, poucos alunos buscando o auxílio do professor, em contrapartida também não devemos deixar de acrescentar um grande detalhe que não se fala, impactou financeiramente professor teve que fazer investimento e internet, computador, energia que gastamos de nossas casas, tempo em planejamento gravando vídeo, para poder dar o suporte para aluno que está em casa, não devemos esquecer que aumentou o trabalho do professor.

F. Como foi sua interação com os alunos? Como foi a interação entre os alunos?

I.A interação professor-aluno teve duas situações, porque eu trabalho em duas redes a pública e a privada, na rede pública tudo foi muito restrito, entre vários fatores entre eles a condição social de ter ou não o recurso, a interação foi bastante difícil, no início era novidade os alunos entravam nos grupos e tinham uma certa participação, depois de um certo tempo os alunos foram se acomodando, entrava menos para conversar com o professor, para estudar tirar dúvidas essas coisas,

então a falta de comprometimento desse requisito do aluno dar o retorno para o professor, porque o professor estava disponível o tempo todo para atender o aluno, foi muito ruim porque o aluno não deu esse retorno.

Conseguimos atingir um objetivo eu acredito que não, deixou muito a desejar principalmente no requisito aprendizagem. Por outro lado, na rede particular, entra o requisito recurso que eles possuem, ali a cobrança foi maior um pouquinho então o resultado foi melhor.

F. Do que você teve acesso, como foram as discussões dos alunos com seus familiares, em relação às tarefas e atividades que você propôs?

I. Acredito que não, essa interação de família e aluno está ainda muito distante, porque muitos pais entregam o aluno a escola, todo o processo de falar com o aluno pegar na mão, é feito pelo professor em sala de aula, quando esse aluno foi entregue na responsabilidade do pai e dizemos assim têm essa atividade para ser feita, o pai e a mãe está ali para auxiliar o aluno, e essa dificuldade diante de vários contexto que a mãe e o pai precisam trabalhar, e chegarem em casa ainda fazer atividade com os filhos, não foi bem sucedido, precisamos ter um resgate de cultura da valorização do estudo.

Sabe têm aquele aluno que temos que ficar cutucando, abre o caderno, copia, esses alunos com certeza foram mais difícil, acredito que têm muitos pais que tiveram que retomar de conhecer melhor o filho, muitos não tem conhecimento da escola de estar auxiliando.

F. Como você realizou suas avaliações da aprendizagem durante a pandemia? Quais foram os instrumentos? Quais foram as potencialidades destes instrumentos?

I. O sistema de avaliação nas duas redes é semelhante, sistema método de exame perguntas e respostas ali, porém com os recursos tecnológicos Google Meet, na escola particular tínhamos um retorno de interação melhor, o que faltou na escola pública mesmo foi a interação professor-aluno, na escola particular os alunos faziam as provinhas no Docs, havia participação e alta, enquanto na pública havia pouca participação ou quase nenhuma.

Na rede particular teve quatro ciclos de avaliações, simulados para os alunos responderem, avaliação com perguntas abertas, durante o período tínhamos o feedback com os alunos, faziam perguntas para o professor durante as aulas, agora

requisito aprendizagem tenho dúvidas, porque se procurar na internet, achamos respostas de todas as provas, não tem como afirmar que 100% dos alunos aprenderam aquele conteúdo, mesmo eles saindo bem nas provas.

O aluno bom, ele é bom em qualquer lugar, esforçado, estuda, pergunta, agora o aluno sai de uma nota três e vai para nota dez do dia para noite, acredito que tem cola, não remete a verdade o aluno possui outros recursos para conseguir realizar as provas.

Pra ver é só pegar um conteúdo básico deste ano e na volta das aulas presenciais, aplicar uma diagnóstica, vai ser um desastre completo. Na escola particular que voltamos fizemos retomada de conteúdo, revisamos do capítulo 1 ao capítulo 30, e ainda os alunos estão com dificuldades.

F. Como foi a elaboração dos cadernos? Como foram as correções desses cadernos? E qual a importância das correções destes cadernos?

I. A elaboração dos cadernos nós professores estamos baseado no currículo, conforme BNCC e as orientações da coordenação, que vêm direto da rede, esses cadernos procurava colocar um pouco uma introdução da teoria, e dando suporte com vídeo ou do Facebook, ou eu mesmo gravava e colocava para os alunos, nesse primeiro momento de teoria.

Agora as correções os professores iam na escola para fazer essas correções dos cadernos de atividades, porém pra mim essa correção não foi útil, como você faz a correção e o aluno não têm a devolutiva, é a mesma coisa de passar a tarefa para os alunos e na próxima aula não corrigir, o aluno que fez errado vai continuar errado e ele achando que está certo, como vai construir essa aprendizagem na cabeça do aluno, do jeito dele, não têm o auxílio do professor dizendo aqui esta certo ali errado, vai por esse caminho, vai mesmo que até o menino fez algo diferente não teve essa devolutiva para o aluno.

F. Como foi feita a devolutiva das correções dos cadernos para os alunos?

I. Na rede pública não houve essa devolutiva. Na rede particular nós dávamos aulas mesmo no Meet, só mudou o presencial as aulas continuaram normais. Ficamos o tempo integral de aula no Meet com os alunos, saímos de uma sala e íamos para outra, deixávamos os nossos slides disponíveis para os alunos, e todos os exercícios eram corrigidos junto com os alunos. Tinha uma devolutiva na hora par

eles, todas as aulas eram gravadas, e tínhamos uma orientação sobre roupas adequadas, espaço adequado.

F. Como foi o diálogo da SEMED com os professores? Como foi o diálogo com as escolas?

I. A SEMED fez algumas tentativas daquelas reflexões pedagógicas, porém era muito delicado porque, no meu caso que tenho duas redes e não tinha horário disponível, não consegui participar. Somente o que a escola repassava para os professores. A interação com a SEMED a respeito direto, de orientação para o professor, de um suporte técnico de um determinado conteúdo, alguma troca nesse sentido ficou a desejar.

F. Qual sua opinião sobre a TV REME?

I. Eu não participei nem coloquei para os alunos assistirem as programações, no início a diretora falou vocês podem ou não utilizar a TV, ou podem gravar vídeo e enviar para os alunos, eu optei fazer meus vídeos, até mesmo porque poderia ter acontecido assim, na rede podia selecionar os principais conteúdos por ano para trabalhar, cada professor planejou seus conteúdos exemplo o MMC um professor colocou no 1 bimestre, o outro professor colocou no 2 bimestre, então ficou diferente, o conteúdo não bate com a programação.

Temos uma TV REME, ótimo mais precisamos ajustar alguns detalhes, para chegar com efeito nos alunos, precisava ser ajustado os conteúdos antes. Olha só todos os professores no caderno cinco com os mesmos conteúdos, aí sim a programação voltada para aquele conteúdo.

F. O que mais te marcou neste ano escolar?

I. Acredito que ficou muito forte pra mim, foi o enriquecimento do professor, em termos método, tecnológico, porque nosso aluno já nasce com a combinação 01,01,01, o aluno continua visual, têm aluno que precisa do auxílio do professor, têm aluno que aminha sozinho, tem parte validas que nós começamos a pensar diferente, métodos, sistema avaliativos, que é muito importante e ainda não mudou está longe de mudar, estamos no sistema avaliativo que realiza por exames e é classificatório, eliminatório, são temas principalmente avaliação, vamos mudar o ensino, fazer metodologia ativa, mas como avaliar contínua no tradicional.

Na escola particular foi o ano inteiro de provas pelo docs, fizemos constantemente, só atividade teóricas, perguntas e respostas, tivemos uma plataforma que variava das questões fáceis, mediana e difícil, o aluno precisava.

*Textualização da terceira entrevista com o professor Ivanei. Com duração de 35 minutos, a entrevista foi realizada no dia 18 de dezembro de 2020, na cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul.*

### **“Foi um ano atípico, muito difícil em relação a aprendizagem ”**

Professor Leonardo

F. Olá! Professor, gostaria de saber como foi o ano pedagógico de 2020? Desde de o momento que começou a pandemia, até o final do ano?

L. Foi um ano atípico, de isolamento em relação aos alunos, muito difícil em relação a aprendizagem. No começo das aulas remotas, tínhamos um pouquinho de interação, entre o professor e aluno, agora neste final de ano a evasão escolar foi maior ainda. Do meio do ano para final, os alunos sumiram, pouquíssimos alunos se mantiveram acompanhando as aulas remotas até final do ano, uma característica são algumas turmas de 9 ano. Os alunos estão desacreditados das aulas online.

F. Como foi sua interação com os alunos? Como foi a interação entre os alunos?

L. Temos a minha interação com os alunos, que são mais próximo de mim, que interage, conversa, e os que estão distantes que não houve interação nenhuma, temos também alunos que somente entregaram as atividades na escola, no caso do município caderno, e temos os que abandonaram. E os poucos alunos presentes, que dialogaram comigo, muitas vezes, conversamos fora do horário e aula, eles mandavam no privado, explicar conteúdo, duvidas, explicar exercícios, eu atendi os alunos pelo Whatzapp, Classroom, Meet. Essa oportunidade de utilizar Meet, foi em uma escola particular, aonde eu substituo professor por uma semana, lá a aula estava no sistema Híbrido. Eu tive a oportunidade de ver, como é difícil para os alunos das escolas públicas terem acesso aos materiais postados pelos professores.

Eu penso que os alunos interagem entre si, não todos, mas aqueles que eram amigos sim eles conversam aquela relação de amizade nas aulas presenciais continuaram, agora a relação social que a escola promovia antes, não está acontecendo por conta do distanciamento, o maior problema, não acho que é culpa da interação e sim falta de interesse dos alunos de participar das aulas. Quando estamos na escola os alunos têm maior interesse em fazer as atividades lúdicas, porque não só pelo fazer, também tem o público os outros alunos assistirem.

F. Do que você teve acesso, como foram as discussões dos alunos com seus familiares, em relação às tarefas e atividades que você propôs?

L. Nós estamos tentando propor, um período de estudo, que já existia antes, como os alunos não estão na escola, e sim em casa, eles ficam reféns das tecnologias, dos horários e da ajuda dos pais, as vezes eles estão sem internet, utilizam celulares dos pais, ou até mesmo, não querem fazer as atividades e pesquisas, recorrem ao auxílio das famílias, houve a interação das famílias, até mesmo porque os pais reclamavam da quantidade de atividades, da dificuldades dos conteúdos matemáticos, ao invés dos alunos perguntarem nos grupos porque nós estávamos lá, os pais iam reclamar dos cadernos na escola.

F. Como você realizou suas avaliações da aprendizagem durante a pandemia? Quais foram os instrumentos? Quais foram as potencialidades destes instrumentos?

L. Só uma observação, seria muito difícil utilizar os mesmos instrumentos das aulas presenciais. Então recorri a interação com os alunos e aos resultados das atividades que eles devolvem. A interação são as dúvidas e os questionamentos, ou seja, do aluno que fala o que ele não sabe resolver naquela atividade.

Também na correção dos cadernos, atividades completas, parcialmente, e em branco. Conseguimos verificar aquele aluno que aprendeu um pouquinho, e também aquele que não aprenderam nada. Somente pela escrita acho muito complicado, porque as vezes não entendemos o que aluno fez, o pensamento do aluno.

O potencial foi verificar se o aluno conseguiu cumprir, um pouquinho daqueles objetivos, exemplo vou ensinar operações com os números racionais, postos vídeos, texto introdutório no caderno, passo leitura do livro didático, fico a disposição online do aluno, e no final verifico se conseguiram aprender um pouquinho daqueles

objetivos. O potencial é descobrir a porcentagem de cada sala que conseguiu aprender aquele conteúdo.

Temos três situações, a primeira dela foi que os alunos não querem participar destas atividades, primeiro a aprovação pela SEMED foi se o aluno fizer qualquer atividade durante a aulas remotas ele não será retido, se ele responder só o primeiro caderno foi aprovado, esse critério não busca nenhum tipo de avaliação da aprendizagem, ele busca avaliação de participação.

Foi pedido pra gente avaliar os cadernos, do que eles conseguiram fazer, mas somente reprovou os alunos que abandonaram a escola. O primeiro motivo foi o abandono escolar, porque não têm motivação nenhuma, porque não têm notas, porque não está sendo obrigado a ir para a escola. Segundo motivo os alunos não têm tecnologia necessária para o retorno da escola, têm alunos que os pais trabalham, e eles não têm celulares, nem internet em casa a disposição deles, e esse é um caso das minorias dos alunos. Tenho um caso do aluno do 7B que encontrei na praça, e ele conversou comigo me contou sua história e diz que ele estava guardando dinheiro para colocar internet no celular do pai a noite para poder assistir as aulas.

Então existe uma estrutura que não permite que o aluno participe dessas aulas. Como estamos numa república a gente abrange toda uma gama, de status social, qualidade financeira, somente este último pode ser perdoado os outros dois não.

F. Como foi a elaboração dos cadernos? Como foram as correções desses cadernos? E qual a importância das correções destes cadernos?

L. Eu elaborei todos os cadernos que utilizei, outros professores até utilizaram meus cadernos, compartilhei alguns, em uma escola elaborei em conjunto com outra professora, todos baseados na BNCC, já tínhamos feito ano passado uma formação que tínhamos que trabalhar a BNCC este ano, e no planejamento anual de separação de conteúdo, onde eu simplificava e explicava os conteúdos apresentando alguns exercícios, tendo uma progressão na qualidades dos conteúdos e adicionando mais informações ao decorrer da aplicações de alguns exercícios.

Com os alunos eu corrigia individual, eles me procuravam no particular, fazia a correção de onde estava errado e devolvia para eles via Whatsapp, e

posteriormente quando chegavam os cadernos na escola corrigia todos como se fossem uma prova, certo e errado, mas sem adicionar nota, mas anotando os critérios importantes, do que aquele aluno tinha feito.

A importância no critério avaliativo, vou verificar se o aluno, conseguiu atingir aquele objetivo proposto, conseguiu aprender algo, e também têm o conceito participação, estou vendo que o aluno está interessado, vendo que ele está tentando, que é o que a SEMED presou bastante, que a correção não tivesse baseado em notas e sim em participação, de engajamento.

F. Qual foi o diálogo da SEMED com os professores? Como foi o diálogo com as escolas?

L. Da SEMED com os professores, não houve muito dialogo, somente através de decreto e CEI, estabeleceu como ocorreria as avaliações os cadernos, a aprovação.

F. Qual sua opinião sobre a TV REME?

L. Eu não utilizei muito, somente para duas aulas, achei uma ferramenta boa, para quando se aplica, a TV aberta todos tem acesso, mas não batia o conteúdo, Youtube utilizei mais com vídeos aulas, era bem mais curto também as explicações.

A SEMED elaborou o primeiro caderno, ele retrocedeu, em aplicação era atividades complexas que não tinha nem na nova BNCC, precisa de uma ligação com a o que acontece na escola, eles precisam se basear mais do que relatórios, nós damos conteúdos segundo BNCC, somos avaliados pelos coordenadores, e os coordenadores pela própria SEMD. Não existe ninguém lá dentro da SEMED que conhece o chão da escola, acho que seria mais interessante para educação em geral a SEMED, observar de perto a escola, de dentro da sala de aula, pega uma escola satélite, uma escola na Moreninha, no Anache, vamos lá acompanhar.

F. O que mais te marcou neste ano escolar?

L. Não têm algo que marcou mais, simplesmente passou 2020, ano que vem estou torcendo para que volte, do jeito que está é muito ruim, eu só quero ensinar matemática, mais daqui de casa não dá, matemática não é só ensinar cálculo e sim pensar, não consegui ensinar ninguém a pensar a distância está muito difícil.

*Textualização da terceira entrevista realizada no dia 18 de dezembro de 2020, na cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. A entrevista teve duração de 33 minutos*

**“Os alunos não querem mais estudar,  
não se adaptaram a essa modalidade de ensino”**

Professora Cristiane

F. Olá professora, gostaria de saber como foi o ano pedagógico de 2020? Desde o momento que começou a pandemia, até final do ano?

C. No começo achamos que iria acabar logo essa quarentena, então o que foi sugerido lá na escola, como os alunos estavam com dificuldade de acesso, sem internet, teve menino que aproveitou, achou que era férias e sumiu. Então era pra gente avaliar só o que foi dado lá na sala de aula, nós fizemos atividades muitos alunos entregaram, uma grande parte entregou, mas teve alunos que não entregaram. Não podemos dar zero, porque significa que ele não participou de nada, pois eles assistiram metade de um bimestre. Aqueles alunos que desapareceram já no começo nós demos nota 6 para eles.

A primeira dificuldade foi como encontrar o aluno, conectar com ele na internet, depois achei que fizemos uma bobeira porque o menino não fez nada e olhou a nota estava com 6, e adivinha continuou sem fazer nada, aí tivemos que procurar menino, começar a procurar os alunos, prorrogar os prazos de entrega das atividades. E eles foram perdendo a esperança, ficou complicado porque economicamente a família foi caindo, perdendo a renda, perdendo emprego, aí os meninos começaram a trabalhar e desapareceram.

Outra dificuldade foi encontrar esse menino, e eles não queriam mais estudar, queriam largar, então eu tive que ligar para eles, marcava horário, ficava ligando, teve um rapazinho, que até hoje fica mandando mensagem pra mim, em uma semana mandei 30 mensagens para ele, ficava mendigando pra ver se o menino aparecia, baixava o nível das atividades, se você fizer somente a metade eu aceito, quando chegou no final do ano a gente aceitava tudo até resumo, na cara dura resumo de matemática, até livro em PDF mandei para os alunos fazerem pra mim

resumo das páginas, tive que até marcar para o aluno as páginas que eu queria que para ele ler e resumir. É assim nós nos rebaixamos ao máximo para ver se recebíamos alguma coisa em troca, agora falarmos em aprendizagem é difícil, muita gente aprendeu alguma coisa, correu atrás, agora a grande maioria não foi muito trabalhoso para o professor conseguir alguma coisa em troca.

Eu tenho uma história feliz para contar da aula remota de uma menina considerada especial, logo que eu entrei na sala de aula a gente conversava e tal, eu não sabia que a menina era especial, ela sempre se deu bem comigo, falava muito rapidinho, professora, professora querendo atenção, ela é mecânica uma graça mexe nos carros conserta, já tem salário e tudo, e essa menina é bem grosseirona mas tudo bem entrou a pandemia, ela enviou algumas atividade e depois ela sumiu, liguei um dia pra ela, ela atendeu passou pra mãe, a mãe dizia professora minha filha chora porque não entende a matéria, ela sempre teve professor auxiliar, e agora o estado não dá professor para ela, aí eu liguei para coordenador, diretor, conclusão conseguiram um professor de apoio e mandaram para ela, de matemática os alunos especiais não aceitaram outro professor eu tive que fazer uma apostila diferenciada para eles, eu fiz e enviei para todos meus alunos especiais. Menina que gracinha dava aula para eles e eles faziam as atividades, somente aqueles muito comprometidos não conseguiam realizar as atividades. Eu ligava para eles por telefone e ficava quase uma hora falando, conclusão foi eleita vice-líder da sala, muito elogiada pelo pessoal, tanto que ela cresceu, e foi através da aula online, ela teve que ter autonomia, não podia ficar dependendo da gente pra tudo. Ficamos amiga eu e a mãe dela, que a mãe liga pra mim perguntando como estou.

F. Como foi sua interação com os alunos? Como foi a interação entre os alunos?

C. A interação entre eles, só teve para passar cola de um para outro, essa foi rápida. Tinha menino que mandava foto do caderno de atividades, com o nome do outro, eu pensava meu Deus! O menino não quer nem copiar no próprio caderno, nos grupos os alunos falavam só bobeira, tinham muito palavrão, e nós não podíamos falar nada, cada coisa Jesus Amado.

Entre a interação professor e aluno, fiquei mais próxima deles sabe era a única pessoa que eles tinham, os pais não estavam aguentando mais aqueles meninos em casa o tempo todo, sabe que a férias é difícil, é o menino falando o

tempo todo no seu ouvido, os meus filhos são grandes já passei minha fase, difícil para os pais com o tempo todo esses meninos e fazendo o papel do professor.

Também foi bom sabe, tenho certeza que hoje muita gente está valorizando o papel do professor, porque o professor não era valorizado hoje eles sabem da importância de uma boa explicação, porque eles pensavam assim eu dou conta de explicar, os pais não deram conta a sociedade em geral não deu conta, agora eles viram a importância da escola também, da interação dos alunos, aquela parte social, de você interagir um com outro. Tenho uma aluna que estava tão preocupada com essa situação da pandemia que deu uma dor de cabeça forte nela, ela foi parar no hospital e a menina morreu.

Foi bom por uma parte que valorizou nosso trabalho, agora a sociedade sabe que não somos qualquer um, e é muito difícil ensinar os meninos, e a escola tem sua parte importante para a sociedade.

F. Do que você teve acesso, como foi as discussões dos alunos com seus familiares, em relação às tarefas e atividades que você propôs?

C. Não havia interação entre as famílias e as atividades da escola, somente a mãe daquela aluna especial que se envolvia, as outras mães não até mesmo dos outros alunos especiais deixavam o aluno de lado, primeiro no começo nós podíamos ir nas casas dos alunos especiais, depois cortou isso, e quando os professores de apoio não foram, as atividades não voltaram, ou veio só pela metade.

Depois no último bimestre, arrumaram um lugar neutro, a escola, vai o aluno especial, o professor todos de máscara, higieniza tudo e explicávamos para eles o conteúdo, a atividade da apostila. No último bimestre revezamos os professores de cada área, para atender os alunos como uma aula particular, isso para todos os alunos, porque os pais não estavam dando conta.

F. Como você realizou suas avaliações da aprendizagem durante a pandemia? Quais foram os instrumentos? Quais foram as potencialidades destes instrumentos?

C. Fazemos assim, resumo da apostila, eu tinha seis aulas semanal, cobrava seis exercícios daquele conteúdo por semana, é assim no estado são seis aulas semanal eu dava seis exercícios, nós centrávamos em qualidade e não quantidade, cada professor trabalhava um exercício por aula. Eu trabalhei com qualidade os exercícios e a elaboração da apostila, eu levava um tempão para fazer a apostila,

justamente porque preservava a qualidade. Mas mesmo assim muitos alunos não resolveram, eu tinha dois segundos anos que faziam tudo uma gracinha, eram RH, mais o ensino médio normal somente cinco entregavam, não adiantou muito essa qualidade.

A avaliação era, dividida por semana, se tinha 5 semanas eu dava dois pontos para cada atividade, e gerava uma nota e era somatória, assim foi o tempo todo, eles me mandavam a foto, eu anotava, agora quando chegou o terceiro bimestre ninguém fez mais nada, aí tivemos que mudar essa estratégia, como, fazer recuperação paralela, mandávamos três exercícios, os alunos não entregaram, aí no quarto bimestre era resumo, resumo, mandava apostila, livro e aluno não fazia, no quarto bimestre foi assim. E no conselho de classe foi assim, se o aluno tivesse mandado uma atividade de qualquer disciplina, ele não estava ausente, então não poderia ficar com zero, das outras disciplinas.

Não reprovou muito aluno, mais o trabalho foi incansável os coordenadores iam nas casas dos meninos, ligava menino não atende, coordenador e diretor batia na porta deles, agora teve menino que foi para fazenda e não apareceram para fazer as provas de exames aí eles reprovaram.

F. Como essas avaliações, esses instrumentos, ajudaram na sua prática profissional?

C. Fiquei depressiva! Fui diminuindo, diminuindo a exigência até o ponto de aceitar qualquer coisa. Não têm como analisar na pratica profissional, se não vou ficar muito chateada, aprendizagem pra mim é quando a maioria consegue alcançar alguma coisa, e eu não acredito que eles conseguiram aprender. Teve sala que foi muito bem, mais uns copiavam dos outros, e dava para perceber. Então para não ficar chateada, desistir, desanimar, comecei a pensar e só esse ano calma, isso é atípico, muitos alunos estão pedindo arrego, estão passando por momentos em casa que a gente nem imagina, não têm o que comer, os pais desempregado, passando por violência, por Whatzapp nas fotos dava pra ver, um ambiente escuro, sujo, que não é propicio para estudar, como que eu vou exigir alguma coisa.

De repente um da família pega covid-19, e eles ficam desesperado, chorando o tempo todo, muitos sentimentos, não tem como exigir coisas da escola agora, a escola pode esperar, a nossa prioridade é a qualidade de vida deles. O aluno

precisa conviver com o outro, percebeu a importância da convivência, nós crescemos com esse sofrimento da pandemia, não é só a tela, a tela é fria.

Aquele amor que existe entre eles na escola, lá na escola integral eles almoçam, então passamos no corredor eles estão sentados juntos, cada um no seu celular, porém próximos, um deitado no com a cabeça no colo do outro, essa convivência faz bem juntos eles estão preparados para enfrentar qualquer coisa, agora imagina isolados, sem fazer as refeições direitos, por que na escola tem lanche da manhã, almoço, e lanche da tarde eles vão com a barriga cheia para casa. As salas de aula têm ar condicionado eles ficam relaxados conseguem aprender, agora em casa ficam passando calor, sem ventilador. E a educação é mais que só quadro e explicação, é um conjunto que precisa estar tudo muito bem para eles conseguirem aprender.

Em casa pai e mãe desempregados, falando o dia inteiro que não têm o que comer, como eles vão aprender, nessa pressão psicológica terrível, não dá, agora eu vou tentar enfiar matemática na marra na cabeça dos meninos. Pode observar e perceber, que os mais equilibrados são de família estruturada emocionalmente e financeiramente.

F. Como foi a elaboração dos cadernos? Como foram as correções desses cadernos? E qual a importância das correções desses cadernos?

C. Cada disciplina elaborou sua apostila com qualidade e não quantidade, postava no Classroom por semana, os alunos que não tinham acesso, o coordenador juntava tudo e fazia a apostila e eles buscavam na escola. Agora, por semana ficou bem legal, porque não ficou pesado para eles, não ficou.

As vezes tinha 6 atividades, as vezes tinha 3 atividades porque nós diminuimos com o decorrer do ano, e fazia a devolutiva, corrigia e mandava de volta, e na correção eles diziam é verdade né professora esse exercício eu fiz errado, no próximo conteúdo, eles lembravam e faziam corretamente, por isso a importância da devolutiva.

O que eu fazia, baixava no Whatsapp web, tirava um print da atividade e circulava aonde estava errado e mandava pro menino, tinha menino que pedia para enviar a apostila pelo Whatsapp, eu mandava, também tinha menino que era só no Classroom, eu só não recebi atividade por carta, porque pelo resto tudo que é jeito eu aceitava e recebia.

Eu tinha uma aluna especial com pouco comprometimento, Thaisa o nome dela, ela tem o professor de apoio que acompanha ela, o professor ligou pra mim e disse Cris a Thaisa não quer fazer as atividades de matemática comigo, eu liguei pra ela, ela não quer falar comigo e a mãe dela faltou me bater, me tratou muito mal, então não consigo fazer as atividades de matemática com ela.

Eu liguei para ela, na hora ela me reconheceu como professora dela, ela não aceitou outro professor, porque no começo do ano ela ia para escola sem o professor apoio normal, eu nem percebi que essa menina era especial, então liguei pra ela e ficávamos conversando pelo telefone, e no último bimestre na verdade na última apostila eu ligava para ela e a mãe estava junto, a mãe não tem um pingão de paciência, eu dizia quanto é 5 tira 1, a menina demorava para responder, eu dizia pega a calculadora, a mãe ficava gritando do outro lado, não está vendo que é 4, eu de um lado falando com a menina a mãe retrucando do outro lado, pensa em um sufoco que passei, e assim era o atendimento uma hora no telefone, pois a menina demorava para fazer e a mãe mais atrapalhava que ajudava.

F. Como foi feita a devolutiva das correções dos cadernos para os alunos?

C. Tinha sim devolutiva, eu baixei todas as atividades, e joguei no Drive, cada sala tinha sua pasta, e cada aluno tinha uma pasta dentro desta e colocava as atividades lá, dentro desta dividida por bimestre 1º, 2º, 3º, 4º ficou bem organizado, eu sabia exatamente quantas atividades os meninos entregaram e arquivava nas pastas, pegava atividade abria no print, circulava o erro e mandava para o aluno, o meu celular não presta pra nada, tenho telefone de todo mundo, todos os alunos e um monte de atividades, depois no final o meu filho trocou o celular dele e deu o celular velho pra mim, aí melhorou um pouco, mas meu celular antigo não aguentou.

F. Como foi o diálogo da SED com os professores? Como foi o diálogo com as escolas?

C. O estado foi bem organizado, nós tínhamos Live toda semana, sobre os programas novos, tínhamos e-mail institucional, toda quinta-feira tínhamos reuniões na escola, as três horas da tarde e os coordenadores repassavam tudo que era para ser feito naquela semana, qualquer tipo de problema era só avisar os coordenadores que eles resolviam tudo.

O que eu gostei na SED, apesar de toda essa loucura foi um ano leve, não tinha pressão do diretor e secretaria de educação, fomos valorizados o tempo todo, não foi pesado pra gente, do tipo dos coordenadores e diretores ficarem em cima da gente cobrando o tempo todo.

F. Qual sua opinião sobre a TV SED, E TV REME?

C. Os alunos não param para assistir na tv, só fica na tv para jogar videogame, os meninos não pararam para ver ala nenhuma, na minha opinião essa tv foi perca de tempo, mas também é bom para o pai não reclamar, pelo menos passava alguma coisa e eles não assistiram porque não quiseram.

F. O que mais te marcou neste ano escolar?

C. O que ficou muito forte foi a condições dos alunos, porque estamos acostumados a ver os alunos arrumadinhos na sala de aula, a gente não tem ideia de como eles vivem, o menino vai para escola só para comer que na casa dele não têm comida, e ele têm vergonha desta situação, muita gente na situação de buscar alimentos na escola, precisando mesmo do auxílio do governo, pelas fotos a gente via a carinha deles, sabe um ambiente escuro, sem alimentação, como se estuda desse jeito! Às vezes você conversando com eles por telefone, e uma gritaria na casa uma barulheira. Uma vez estava conversando com uma menina, e a mãe gritando por de trás, dando tapa, um horror, se você não tem paz e calma dentro de casa, não têm como estudar.

Olhamos muito superficial para nossos alunos, tinha aluno que ligava pra mim pedindo para arrumar um serviço porque não tinha o que comer dentro de casa, é muito triste a realidade deles. Essa menina mesmo teve um dia que fui no mercado ela estava lá trabalhando, todo feliz. Sabe que o ano não foi perdido, estamos aqui vivos, e esse ano de 2021 vamos começar sem nem olhar pra carinha dos nossos alunos, mas temos que pensar assim, temos muito tempo.

*Textualização da terceira entrevista realizada com a professora Cristiane no dia 07 de janeiro de 2021, na cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, a qual teve duração de 37 minuto*

## **5 CAPÍTULO V - TRAVESSIAS EM CONVERSAS COM PESQUISADORES SOBRE SALA DE AULA E AVALIAÇÕES**

Neste capítulo, produzimos uma discussão a respeito de determinadas problemáticas a respeito de avaliações no âmbito escolar. Nesse sentido apresentamos algumas ideias e problematizações a respeito das avaliações de aprendizagem, de avaliações externas e de práticas avaliativas em tempos de pandemia.

Sabendo-se que a avaliação se desponta como o fio condutor desta pesquisa, neste tópico apresentamos explicitar os atravessamentos vivenciados no decorrer dos caminhos trilhados enquanto professora da Educação Básica e pesquisadora da área da avaliação no campo da Educação Matemática.

### **5.1 UM OLHAR PARA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM**

Segundo a autora Buriasco (2000), a atividade de avaliar é uma prática corriqueira, nas empresas e nas universidades, pois quase nada sobrevive sem a avaliação e sem a sua conseqüente influência na tomada de decisão, tendo em vista um melhor funcionamento e produtividade.

Em decorrência histórica de avaliação e de atos pedagógicos escolares, em relação a avaliação da aprendizagem, muitas vezes esta prática se limita à “provas e exames”, sendo reprodutoras de punição e exclusão. A avaliação tem sido usada apenas para dar nota ao aluno, e como tal, instrumento para disciplinar a turma. Neste sentido, “é o braço autoritário do professor que mais atinge o aluno” (BURIASCO,1999, p.162).

A maioria das escolas públicas da educação básica do nosso país possui uma cultura de política de avaliação de sala de aula que apresenta certa aparência com avaliação do rendimento escolar, muito autoritária, atuando geralmente na classificação, presa à dicotomia aprovação/reprovação. Muitas vezes, a prática escolar acontece em um modelo que enxerga a educação como um mecanismo de conservação e reprodução da sociedade padronizada (BURIASCO,1999).

Quando a avaliação escolar passa a ser praticada como ato somente de classificação, ela é absolutamente empobrecida, deixa de ser processo e passa

somente a ser uma etapa final, um número que pode permitir a exclusão. Assim, consiste em verificar a retenção ou não das competências e habilidades trabalhadas. Além disso, uma avaliação mal orientada por parte dos professores, como por exemplo, questões muito longas, difíceis e padronizadas pode ser um dos maiores fatores causadores do fracasso escolar que levam os alunos a desanimarem e abandonarem a escola.

A avaliação se desvia de sua função diagnóstica e volta-se, quase que exclusivamente, para a função classificatória, que é incentivada no modo de vida de uma sociedade que valoriza a competição. Com isso, define, muitas vezes, a trajetória escolar do aluno, não só em termos da sua manutenção ou eliminação da escola, como também no tipo de profissão que terá no futuro. Assim, ao decidir sobre quem fica ou sai da escola, a avaliação demonstra fortemente sua função seletiva. (BURIASCO, 1999, p. 158)

A avaliação do rendimento escolar tem assumido a direção das avaliações de sala de aula como forma de se verificar se o aluno domina bem as competências e habilidades que fazem parte do objeto estudado, capaz de situar o aluno em um momento de processo de aprendizagem, mas incapaz de orientar o estudante nas suas escolhas escolares, por seguir processos padronizados, técnicos. A avaliação é um julgamento de valor sobre manifestações relevantes da realidade, tendo em vista uma tomada de decisão. Portanto, as decisões atuais nunca se distanciam do número desejado.

Uma função da avaliação está em permitir um ajustamento que envolve o movimento de ensino e aprendizagem que efetivamente possa acontecer, possibilitando a compreensão dos alunos e de suas maneiras de aprender. Esse processo deve prender-se ao fato de que cada pessoa aprende no seu tempo, observando-se a ação pedagógica, estabelecendo-se os critérios de observação e avaliação qualitativa, possibilitando compreender os acontecimentos no processo de ensino e aprendizagem; logo, a avaliação deve ser sempre formativa, nunca classificatória/excludente (BURIASCO, 1999).

Alguns pesquisadores defendem a ideia e a importância de trabalhar com os erros dos alunos (BURIASCO, VIOLA DOS SANTOS e CIANI, 2008; LUCKESI, 2011). Eles argumentam a importância de trabalhar o erro sem a ideia de castigo do aluno ou sem ridicularizá-lo frente à turma; a ideia do erro só existe frente à existência do padrão correto. Neste sentido, sem padrão, não há erro. Na produção do conhecimento científico, a ideia de tentativa e erro sempre foi muito comum, para

produzir conhecimento, ia-se tentando; se desse certo, obtinha-se um conhecimento; caso contrário, não há conhecimento e há de tentar novamente, por “acerto e erro”. Essa caracterização é útil para o esforço de alguém que busca construir seu conhecimento. As salas de aula de matemática reproduzem as duas ideias de erro, a do padrão e a da busca por solucionar seguindo um caminho estratégico dado.

Porém, se nos atentarmos, de fato, para o que acontece nas escolas públicas, veremos essa ideia ser desprezada. Ainda nos dias atuais existem muitos professores que castigam seus alunos, determinando que eles fiquem sem aula de educação física, sem o recreio ou que permaneçam em sala copiando conteúdos após o término da aula. Já presenciei colegas professores punirem estudantes com notas baixas, colocando toda a responsabilidade pela não aprendizagem sobre os discentes e suas famílias.

Nem sempre a escola é a única responsável por todo o processo culposos que cada um de nós carrega, mas reforça muito isso. Muitos professores corrigem as provas dos alunos com cores berrantes. Assim, por exemplo, se o aluno erra, rabiscam a prova com caneta vermelha e escrevem a nota baixa de cor rubra, fazendo com que todos da sala saibam que aquele aluno saiu mal na prova, contribuindo para baixa autoestima dos estudantes.

Como a escola está distante de suspender a responsabilização e a punição, trazendo consigo a ideia do erro, é possível, e muito desejável, intensificar o uso do erro como oportunidade de aprendizagem. Nesse sentido, no caso de uma atuação malsucedida, o fato de o aluno não chegar à solução correta imposta por um padrão indica que podemos estabelecer uma nova etapa neste processo. Não há motivos para o estudante ser castigado, podendo-se utilizar positivamente dessa avaliação, para avançar na busca da solução pretendida.

[...] assim sendo, o erro não é fonte para castigo, pois é mais um suporte para o crescimento. Nessa reflexão, o erro é visto e compreendido de forma dinâmica, na medida em que contradiz o padrão, para, subsequentemente, possibilitar uma conduta nova em conformidade com o padrão ou mais perfeita que este. O erro, aqui, é visto como algo dinâmico, como caminho para o avanço. (LUCKESI, 2011, p. 198)

Se os professores partirem do pressuposto de que o erro é um sinalizador para chegar aos acertos e que o importante são os pequenos avanços diante das dificuldades, as avaliações poderiam produzir interações entre professores e alunos

em sala de aula. Sendo assim, é necessário que avaliação da aprendizagem sirva de suporte àquilo que acontece com o educando, diante dos objetivos que há, de modo a estabelecer possibilidades sobre como agir com os alunos para ajudá-los a alcançar aprendizagem possível de ser alcançada.

A avaliação não deve ser fonte de castigo, mas sim de decisão sobre um caminho do crescimento. Neste entende-se que, diante do insucesso do aluno, nunca se deve acrescentar a culpa e o castigo, devendo os professores aprender a retirar do educando os melhores e mais significativos benefícios. As inadequações devem ser vistas como percalços de travessia, com os quais podemos positivamente aprender e evoluir.

Entretanto, ainda se continua utilizando a palavra “erro” para se referir a um tipo de resolução do aluno que, olhando mais detalhadamente, nada mais é que diferente daquela considerada correta. Algumas vezes, quando se fala em “erro”, mesmo tomando-o como constituinte da aprendizagem, resultado das concepções prévias, entre outros fatores positivos, está se referindo ao que o aluno não fez em relação ao que ele deveria ter feito. Caracterizam-se os alunos pelo que lhes falta e não pelo que eles já têm. É nesse ponto nossa discordância e, por conta dela, buscamos uma outra maneira de caracterizar o “erro” (VIOLA DOS SANTOS, 2007, p. 22)

O erro pode ser entendido como uma etapa necessária para nossos alunos vencerem e construir o conhecimento pretendido. Quando o professor deixar de punir o aluno por meio da nota e compreender a importância dessa etapa, a evasão escolar também será menor, pois, como já explica um dito popular, “*é errando que se aprende*”.

De qualquer maneira que se aborde a questão do erro na escola, o professor precisa diferenciar as distintas naturezas desse problema e conduzir diferentes atos pedagógicos que busquem fazer os alunos superarem isso.

Para a análise/interpretação dos erros que ocorrem numa avaliação da aprendizagem, no nível da sala de aula, muitos dos atuais estudos em educação matemática apontam para uma perspectiva que se baseia numa situação didática descrita pelas relações existente no triângulo: “professor-aluno-saber” [...] A relação aluno-saber (concepções do aluno), ou a relação professor-saber (escolhas didáticas). E com isso, a interpretação de um mesmo erro pode ser múltipla (BURIASCO, 1999 p.172).

É tarefa docente fazer com que os alunos observem seus erros, para que os mesmos tomem consciência. Cito como exemplo minha experiência enquanto professora de Matemática esfera da Educação Básica, a quantidade de vezes em

que olho as provas dos alunos e vejo erros simples de tabuada que passam despercebidos para o aluno, mas que, no momento em perguntar para o mesmo estudante: “Joaquim, quanto é 6 vezes 9? ”, ele responde corretamente o que, na prova, escreveu errado. Isso é só um exemplo para dizer que muitas vezes os instrumentos avaliativos mostram apenas algumas “coisas”.

As provas, aplicadas hoje nas escolas, revelam-se de pouca utilidade, já que são concebidas quase que essencialmente em vista mais do desconto do que da análise dos erros, mais para a mera classificação dos alunos do que para a identificação do nível de domínio de cada um, mais para a comparação entre eles do que para a comparação de cada um consigo mesmo. Uma prova dessas apenas penaliza os erros cometidos, sem que o professor busque meios para compreendê-los e para trabalhar com eles, transformando-os em estratégias de aprendizagem (BURIASCO, 1999, p. 175).

Na literatura em Educação Matemática, alguns autores, entre eles Viola dos Santos e a autora Buriasco (2008) apresentam como a análise de produções escritas significa um meio com potencial para o complexo movimentos de ensino e de aprendizagem em matemática. Essa análise apresenta um caminho promissor, porque, por um lado, oportuniza outros olhares para a sala de aula e, por outro, está ao alcance dos professores da Educação Básica em formação e em exercício. A análise da produção escrita é um caminho para conhecer o que os alunos sabem sobre um conceito matemático e é muito utilizada em trabalhos que se preocupam com a problemática da avaliação, funcionando também como uma possibilidade para o professor se orientar na sua prática pedagógica.

A avaliação como prática de investigação é uma alternativa defendida por Viola dos Santos e Buriasco (2008), pois permite a reconstrução do processo de avaliação, articulado à prática pedagógica comprometida com a inclusão, na qual os professores passam a conversar com os alunos sobre suas resoluções matemáticas, sempre com questão aberta para o aluno explicar o raciocínio dele, que, muitas vezes, é diferente do raciocínio do professor de matemática. Assim, a avaliação é vista como um processo de investigação, ou seja, como uma atividade compartilhada por professores e alunos de uma maneira dinâmica:

Uma estratégia a serviço de conhecer as maneiras como os alunos e professores lidam com questão aberta de matemática; oportunizar atividades para a formação (inicial e continuada) de professores; analisar os erros dos alunos; investigar o papel do contexto das tarefas de avaliação, é

a análise da produção escrita. Ao encontro da avaliação como prática de investigação, esse tipo de análise tem possibilitado conhecer as estratégias que os alunos elaboram, os procedimentos que utilizam, os modos de interpretação que fazem do enunciado, as características dos problemas que constroem a partir da sua interpretação do enunciado original, ao resolver uma questão (VIOLA DOS SANTOS e BURIASCO, 2008, p. 37).

Algumas pesquisas têm mostrado que alunos e professores não têm problemas em algoritmos, como é o caso da publicação “Análise das dificuldades na resolução de problemas matemáticos”, de Araújo (2015), sendo que, neste trabalho, a autora entende que a maior dificuldade entre os alunos é compreender os enunciados das atividades e/ou avaliações em sua dissertação. Segundo (BURIASCO, 1999, p. 169) “Os erros ocupam um lugar importante para os alunos, já que, na maior parte do tempo é pago um preço por eles (nota, repressão)”.

Essa estratégia de análise serve para os professores, em todos os níveis de ensino, engajarem seus estudos com erros matemáticos dos alunos, para não apenas os corrigirem, mas, ao invés disso, preocuparem-se com as explorações positivas que esses erros podem motivar para fazer o aluno ir além daquelas estratégias apresentadas. Sendo assim, valoriza-se o correto, desconsidera-se o errado na dinâmica da sala de aula deixando o professor de ser o detentor do saber matemático. Nesse sentido:

[...] A avaliação deve ser encarada como uma prática de investigação pelos professores e alunos em sala de aula, e a análise da produção escrita se apresentam como uma estratégia para sua implementação. A avaliação deve ser tomada como uma “câmera digital” dos trabalhos dos alunos, um processo de apresentar indicativos de suas aprendizagens, indicativos incompletos, imprecisos, sempre com a possibilidade de remediação, de retomada (VIOLA DOS SANTOS, 2007, p. 96).

Em minha prática de sala de aula, como professora da educação básica, já tenho realizado com meus alunos esse tipo de estratégia que conheci participando de grupo de trabalho com uma proposta de realizar análise de produções escritas, na instituição de ensino UFMS. Converso com os alunos, a fim de analisar as atividades deles, parar para escutar o pensamento do estudante, descobrindo o que ele pensou para responder tal questão. Muitas vezes, apesar de o aluno cometer o “erro”, seu pensamento e sua estratégia de resolução estão no caminho correto, apesar de não estarem no padrão considerado correto estipulado pelo professor de matemática. Podemos chegar à resposta correta, porém muitos fazem por caminhos

diferentes, isto é, “diferentes do que aquele imposto pela autoridade do professor de matemática” (LINS, 2012).

Muito do que discutimos nos grupos de trabalho sobre análise de produção escrita foi de grande ajuda na rotina das aulas. Hoje, durante este período de pandemia do Coronavírus, estamos atendendo os alunos a distância, por meio de grupo de WhatsApp, no qual postamos as atividades, conversamos com os alunos e discutimos as atividades matemáticas por áudios. Entretanto, tenho presenciado que, analisando a situação vivenciada na escola aonde atuo e converso com meus colegas professores, muitos professores de matemática estão com dificuldade em fazer esses atendimentos, porque a maioria dos professores de matemática não têm o hábito de analisar e conversar, tendo somente a prática de fazer e refazer atividades no quadro para os alunos copiarem e reproduzirem no caderno.

Em minha leitura, é uma pena que nem todos os professores de matemática em exercício possam participar de grupos de trabalho. Acredita-se que estratégias como a análise da produção escrita, bem como outras, possam contribuir positivamente no processo de aprendizagem, como explicam Buriasco e Viola (2008):

[...]podem ser utilizadas por professores nos trabalhos com alunos, explorando as potencialidades da análise da produção escrita, a qual se apresenta como um caminho para implementação da avaliação enquanto prática de investigação, na medida em que o professor foca mais seus objetivos na formação do aluno e menos na sua certificação. (BURIASCO e VIOLA DOS SANTOS, 2008, p. 43)

A avaliação é uma das práticas educacionais presentes na sala de aula e não podemos pensar em mudanças na escola, na educação, se não começarmos a produzir mudanças nelas, as avaliações (Buriasco,1999). Para repensar a avaliação que está presente hoje nas escolas, primeiro precisamos repensar o papel do professor de matemática, como acontece o processo de ensino e aprendizagem, como lidar com os conteúdos, como lidar com os alunos, como lidar com produções “erradas” dos alunos, sem que esses alunos sejam excluídos e engolidos por uma prática de avaliação que somente classifica e por professores autoritários.

O ato de avaliar, para Luckesi (2011), deve ser visto como “*avaliação de aprendizagem escolar como um ato amoroso*”. Quando você convida amigos para passar uma tarde juntos, você está incluindo as pessoas, pois esse fato reúne

pessoas de todo conhecimento. Assim, o ato de avaliar também deve ser de inclusão. Avaliar alunos com dificuldades é criar a base de modo a incluí-lo no processo de ensino e aprendizagem, nas escolas, junto com os colegas, pois um fator muito importante nas escolas é a interação entre todos os estudantes.

A avaliação nas escolas tem que ser entendida pelos professores como algo a auxiliar o educando no seu desenvolvimento pessoal. Para isso os educadores devem entender a avaliação como diagnóstica, tendo por objetivos mais evidentes como aquilatar atos, situações, pessoas, tomar decisões, no sentido de criar condições para obtenção de uma maior produtividade do que se almeja alcançar.

É muito importante que os professores, em sua prática de sala de aula, tenham interesse em uma avaliação amorosa, do tipo diagnóstica, que não se destina a um julgamento definitivo. O objetivo desse processo deve ser a inclusão e a melhoria do ciclo de vida dos estudantes, com o poder de resgatar o conhecimento que se pretende alcançar, pois:

Uma forma de no limitado campo de ação da escola, dar nova perspectiva ao trabalho pedagógico é: “botar as cartas na mesa” clareando qual é a teoria de ensino-aprendizagem considerada, já que sem ela não é possível repensar os métodos, procedimentos e estratégias de ensino a fim de enfrentar as dificuldades encontradas; elaborar um projeto pedagógico bem definido, com condições de ser aplicado para contribuir na reflexão sobre o papel social da escola e nas implicações inerentes ao processo de avaliação desenvolvido, quer no nível da sala de aula, quer no da escola ou sistema. (BURIASCO, 1999, p.166-167)

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica mostram, sobre os processos avaliativos, que:

Quanto aos processos avaliativos, parte integrante do currículo, há que partir do que determina a LDB em seus artigos 12,13,14, cujos comandos genéricos prescrevem o zelo pela aprendizagem dos alunos, a necessidade de prover os meios e as estratégias para a recuperação daqueles com menor rendimento e consideram a prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos, bem como os resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais. A avaliação do aluno, a ser realizada pelo professor e pela escola, é redimensionada da ação pedagógica e deve assumir um caráter processual, formativo e participativo, ser contínua, cumulativa e diagnóstica. (DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA IN MEC, 2013, p. 123)

Assim, em minha perspectiva compreendo que a avaliação é considerada como um processo democrático que promove as transformações da prática educativa, levando à autonomia pedagógica. Acredito que os professores vivam em

busca de um avanço na área educacional, tanto para a permanência dos alunos nas escolas, quanto para a aprendizagem deles.

Não parece possível mudar a escola, se o processo avaliativo continuar o mesmo, com avaliação de larga escala, ranqueando as escolas, e com avaliação do rendimento escolar, excluindo os alunos, atropelando a todos, alunos e professores, como se verifica atualmente.

Para uma mudança efetiva no sistema escolar, primeiro precisamos mudar a avaliação do sistema, pois gradativamente uma afeta a outra, interferindo em todos na área educacional. Como professora da educação básica, não posso mudar o sistema ou a escola onde atuo, mas tenho consciência de que posso colaborar para sua melhoria e aperfeiçoamento. Acredito que uma primeira mudança é com as produções escritas de meus alunos, os erros de meus alunos, minhas práticas e instrumentos avaliativos.

## 5.2 UM OLHAR PARA AVALIAÇÃO EXTERNA COMO UMA ESTRATÉGIA DE VIOLÊNCIA CONTRA O TRABALHO DO PROFESSOR

Caracterizar qualidade na educação não é uma tarefa simples, porém essa palavra tornou-se um conceito estratégico nas formulações de políticas educacionais em vários países. Em relação à qualidade das escolas, é possível reconhecer, nas políticas educacionais, a associação de indícios de qualidade aos resultados das avaliações externas.

Por avaliação externa ou de larga escala, compreendo a realização de provas padronizadas por agentes ou instituições externas à escola, contemplando amplo número de alunos participantes e resultando num conjunto de informações que podem orientar ações das mais variadas ordens nas políticas educacionais, para todos os níveis da federação.

O Programa Internacional de Avaliação (PISA) está entre as avaliações globais da educação mais reconhecidas. A proposta do programa consiste em avaliar o desempenho dos alunos na faixa de 15 anos de idade em três grandes áreas do conhecimento: leitura, matemática e ciências. O Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) é um conjunto de avaliações externas em larga escala que permite ao Instituto Nacional de Estudo e Pesquisas Anísio Teixeira (INEP) realizar um diagnóstico da educação básica brasileira e de fatores que podem interferir no

desempenho do estudante. O SAEB permite que as escolas e as redes municipais e estaduais de ensino avaliem a qualidade da educação oferecida aos estudantes. O resultado da avaliação é um indicativo da qualidade do ensino brasileiro e oferece subsídios para a elaboração, o monitoramento e o aprimoramento de políticas educacionais com base em evidências.

O IDEB surgiu oficialmente com o Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação, por meio do Decreto nº 6.074, de 24 de abril de 2007, e foi enfatizado como um dos aspectos mais relevantes do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), proposto por Fernando Haddad (2008), então Ministro da Educação. Como indicador, o IDEB combina os resultados de desempenho nas provas do SAEB com as taxas de aprovação de cada uma das unidades. Assim:

O que confere caráter diferenciado ao IDEB é a tentativa de agir sobre o problema da qualidade do ensino ministrado nas escolas de educação básica, buscando resolvê-lo. E isso veio ao encontro dos clamores da sociedade diante do fraco desempenho das escolas à luz dos indicadores nacionais e internacionais do rendimento dos alunos. Esses clamores adquiriam maior visibilidade com as manifestações daquela parcela social com mais presença na mídia, em virtude de suas ligações com a área empresarial. Tal parcela só mais recentemente vem assumindo a bandeira da educação, em contraste com os educadores que apresentam uma história de lutas bem mais longa. (SAVIANI, 2007, p. 1242-1243)

Assim, a avaliação externa está, cada vez mais, fazendo parte do cotidiano das escolas pelas ações dos diversos entes federativos e impactando mais ainda a gestão escolar. Algumas ações comandadas por desejos espontâneos podem chegar a termos satisfatórios, mas, tanto para o professor quanto para os alunos, por caminhos cheios de espinhos.

O desejo de alcançar uma meta manifesta-se nas escolas na prática, especificamente em estratégias pedagógicas que são implementadas no cotidiano na sala de aula de matemática. Como o professor é orientado pelo seu coordenador (e este é orientado pelo gestor que, por sua vez, é orientado pelo pessoal da Secretaria da Educação), muitas vezes, os professores devem trabalhar as habilidades em que os alunos apresentarem mais dificuldades nas provas do SAEB, num processo estritamente sistêmico.

As escolas que pretende atingir alguma meta impostam por uma Secretaria de Educação, ou mesmo manter um índice, têm isso muito evidente, tendo suas ações direcionadas a conquistar o desejado. Esse desejo reflete diretamente nos

professores que estão à frente das turmas que realizaram a prova do SAEB. Esses professores são muito pressionados nas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática, foco desta avaliação externa.

Por intermédio desta escrita especifica-se quais aspectos são relevados no tangente a avaliação na perspectiva da disciplina de matemática, da qual ministro aulas. Também trago algumas considerações apresentadas em uma entrevista que concedi ao meu colega Edivagner Santos, doutorando em Educação Matemática e membro do FAEM.

Posso dizer que nos anos de avaliação SAEB, aplico tanto simulado, que a cota toda de xerox da escola utiliza-se para as aulas de matemática e português. Além de aplicar esses simulados, comento cada questão no quadro com os alunos, para ter a certeza que os alunos vão entender o processo de leitura, resolução e achar a resposta final.

O ano inteiro conversando com os alunos sobre essa prova, que é importante eles fazerem, lerem a prova direitinho, não faltar no dia da prova, de tanto massacrar os alunos e falar com eles, no dia que acontece a avaliação externa todos os alunos aparecem na escola, e os poucos que não aparecerem, a coordenação liga para casa do aluno, dizendo que precisa comparecer urgentemente na escola, para realização da prova.

No meu primeiro ano de trabalho nesta escola, teve uma aula que o vice-diretor foi até a minha sala de aula corrigir as atividades comigo, ou melhor, me ensinar como deveria proceder às correções dos simulados frente a turma. Esse tipo de situação é muito estranho! Só ocorre em escolas onde os gestores são pressionados a manter o índice do IDEB.

Desde o ano de 2005, na atuação do prefeito Nelson Trad Filho, a Prefeitura Municipal de Campo Grande/MS tem investido fortemente na melhoria da Rede Municipal de Ensino de Campo Grande, por meio de várias ações como: valorização salarial dos professores, formação continuada, cursos de especialização para os professores, uniforme completo para os alunos, material didático básico, conhecido como kit escolar. Entre essas ações, implantou-se o Programa de Avaliação Externa de Desempenho de Alunos (PROMOVER).

Com o slogan “Promover uma Educação de Qualidade”, iniciou-se a prática de avaliação interna da Secretaria Municipal de Educação (SEMED). O Promover constitui-se em um programa de avaliação que gera dados valiosos para os técnicos

da SEMED, para os gestores e professores. Nessa perspectiva, um aspecto de fundamental importância a ser:

Contemplado é o da avaliação, isso por que o cenário educacional brasileiro desenhado pelo Ministério da Educação mostra-se profundamente voltado à busca da melhoria da qualidade de ensino, já que a questão quantitativa de acesso à escola está praticamente resolvida. Essa busca da qualidade passa necessariamente por processos avaliativos que diagnostiquem situações e possam servir para implementar ações interventivas e potencializar ações eficazes que ocorrem nos ambientes avaliados. (CAMPO GRANDE, 2011, p. 9)

A Secretaria Municipal de Educação avalia de modo a obter informações pertinentes do Projeto Político Pedagógico da REME, para verificação em cada escola do quanto os alunos estão alcançando as habilidades esperadas, definida no seu referencial curricular, como o mínimo para aprendizagem. Dentre este aponta-se três objetivos do programa PROMOVER:

Contribuir para o professor modificar sua prática pedagógica, tendo como referência os dados coletados, com vista a levar o aluno a exercitar suas habilidades de forma a adquirir as competências necessárias à sua formação; domínio de linguagens; soluções de problemas e elaboração de proposta;  
Melhorar a qualidade dos processos de ensino e de aprendizagem,  
Construir um banco de informações que possibilitem análise histórica dos dados quantitativos que referenciem uma interpretação qualitativa da realidade. (CAMPO GRANDE, 2011, p. 30)

O PROMOVER também teve suas atribuições para os professores e, nesse processo, coube a esses profissionais:

- Identificar causas e fatores que interferem na aprendizagem dos alunos;
- Identificar os alunos que não dominam habilidades, competências e conteúdos exigidos para o ano avaliado;
- Buscar subsídios teóricos que o auxiliem na reconstrução do planejamento, tendo como base os dados das avaliações. (CAMPO GRANDE, 2011, p. 33)

Nesse contexto, a avaliação assume importante relevância. Tenho presenciado movimentos internos que colocam professores a passarem por situações mais difíceis, sendo até mesmo, em específico caso, repreendidos em uma reunião, na frente de todos os colegas, além de a própria gestão querer que professores e turmas distintas venham a disputar quem vai tirar a melhor nota na

prova. Os professores escutam palavras muito abrasivas em ano de provas do SAEB, como um ato de responsabilização. Esse desrespeito, essa competitividade, essa responsabilização e essa mudança da dinâmica da escola em anos da Prova é algo que ficou naturalizado.

Essa situação pode ser muito mais difícil para os professores que estão nas escolas que foram rebaixadas no índice. Para essas escolas, a Secretaria de Educação faz uma intervenção durante dois anos, com ação pedagógica para melhorar a aprendizagem dos alunos. Isso é muito mais difícil, pois os professores ficam durante seus planejamentos fazendo cursos com ações pedagógicas pontuais e retornam às escolas com várias atividades direcionadas às habilidades a serem alcançadas. O resultado atingido com as avaliações externas é entendido como uma deficiência na atuação do professor.

Ocorre, assim, uma transformação no trabalho do professor, de acordo com o valor que a sociedade atribui e conforme a mídia valoriza o número do IDEB, atrelando a relação de qualificação escolar diretamente à atuação dos profissionais da escola. Isso produz a sensação de que estes se sentem agredidos, desmotivados, desrespeitados e perseguidos. Dessa forma:

As políticas de qualificação de educação formal são extremamente elitistas, mesmo sob o slogan democrático, mas que perpetua os padrões civilizados através dos responsáveis por educar e governar. Paralelamente excluem a esmagadora maioria da humanidade no âmbito da ação como sujeitos, condenando-os a serem meros objetos, em nome da suposta superioridade meritocrática, tecnocrática, empresarial. A estrutura atual da educação formal destina-se a ser guardiã e induzir conformismo generalizado, de forma a subordinar as exigências da ordem estabelecida. (SILVEIRA e FERRON, 2012, p. 2)

A avaliação do SAEB junto com o IDEB, o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, ranqueia as escolas colocando-as em comparação, ou seja, em disputas sobre qual escola será mais bem avaliada. Esse fato, frente à Secretaria de Educação e aos gestores das escolas, gera minucioso planejamento, execução e avaliação, que direcionam a ação pedagógica do professor em sala de aula. Assim, nós, professores entregues a essa ação que praticamos juntos aos alunos, construímos um resultado satisfatório com o auxílio do controle (planejamento, execução e avaliação).

A educação que estamos levando para nossos alunos é pautada somente em testes, sem debater os ressaltos e os efeitos indesejáveis dessa modalidade de avaliação, por se afastar das pretensões de uma avaliação para a aprendizagem. Logo, não se tem indagado se efetivamente constitui um ponto para a inclusão de todos os alunos pertencentes à unidade escolar, e muito se vem refletindo sobre onde usarmos esses testes “no” e “além” do ambiente escolar. D’ Ambrósio (2012) ressalta que:

Nenhuma pesquisa é convincente para dizer o quanto as avaliações, da maneira como são atualmente conduzidas, são indicadores de rendimento escolar. Importantes pesquisas têm mostrado que os resultados obtidos num ano escolar têm pouca relação com o desempenho em anos posteriores, contrariando expectativas. Principalmente em matemática, a incapacidade de transferir conhecimento para uma situação nova é constatada. (D’Ambrósio, 2012, p. 61)

As avaliações de sistema, conhecidas como avaliações externas, procuram avaliar o produto de aprendizagem visando à verificação de qual medida estão os alunos dominando as competências e habilidades previstas no transcorrer do ano letivo. Esse modelo de avaliação foca os alunos, as escolas e as redes/sistemas, possuindo uma metodologia específica aplicada por meios de testes padronizados. Muitas escolas realizam ações político-pedagógicas que estimulam o fazer repetitivo, de treinamento, privilegiando resultados que respondam aos padrões estabelecidos pelo sistema de ensino.

Considerando as realizações das avaliações do sistema SAEB nos anos finais do Ensino Fundamental de matemática, as práticas escolares continuam excluindo pessoas por condições limitadas de permanência e qualidade na aprendizagem. Isto demonstra o quão distante estão as escolas e, conseqüentemente, o Brasil dos parâmetros internacionais de qualidade da educação, que denuncia sutilmente o quanto a inclusão social está distante da realidade do país.

As políticas de avaliação externa educacionais, materializa-se com ambigüidades, uma vez que, a ausência de rigor metodológico e dificuldades de natureza política na recepção, apropriação e envolvimento da comunidade escolar e acadêmica nas práticas avaliativas, tornam a avaliação bastante criticado, desvirtuado e pouco compreendido na implementação das políticas educacionais. (SILVA L. A. e GOMES M. A., 2019, p. 100)

O protagonismo que a avaliação externa tem assumido dentro da escola é assustador, é um movimento de controle do trabalho de gestores escolares e docentes, fica muito evidente para os professores de matemática, os impactos, significados e efeitos que estas avaliações produzem dentro da escola. Interfere no cotidiano escolar direto no trabalho do professor, mudando a direção do contexto da sala de aula, sua rotina.

O papel do professor fica restrito em cobrar o que “cai na prova”, desta maneira ficamos com o currículo empobrecido, competitividade entre os alunos de mesma classe, a turma do matutino e a turma do vespertino, a comparação com o professor do 9A e o professor do 9B, usamos de estratégias de preparação para os testes para alcançar ou manter a meta imposta pela Políticas Educacionais.

É preciso apontar caminhos alternativos de responsabilização e de regulação da qualidade da escola pública que se constituam como reação aos modelos de avaliação centrados em resultados dos estudantes em teste padronizados. (Amaro, 2017, p. 433)

Essa dinâmica de eficácia, exigida pelos gestores, em cima do trabalho pedagógico do professor, cria cada vez mais um processo de responsabilização dos docentes, pais, alunos e da escola pelos resultados. Esquecendo o compromisso do Estado com investimento na educação básica pública, que atende a maioria dos alunos das classes de baixa renda, que por várias vezes seriam necessárias umas aulas de reforço e acompanhamentos de português e matemática, aula no contra turno de música, dança, teatro, natação, um investimento pesado, para desenvolver as habilidades de nossos alunos.

### 5.3 UM OLHAR A RESPEITO DE EFEITOS DA AVALIAÇÃO EXTERNA NA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

A escola e, de modo geral, o sistema educacional, compõem-se por diversos sujeitos em relação/interação: professores, alunos, pais, gestores, coordenadores, dirigentes educacionais, sempre marcados por um coletivo heterogêneo. Fazem parte desse processo o PPP (Projeto Político Pedagógico) de cada instituição escolar, que é construído junto com a comunidade escolar, valorizando a cultura de cada região.

No PPP estão as ações pedagógicas, e devem traduzir a proposta educativa construída coletivamente, garantindo a participação efetiva da comunidade escolar e local, bem como a identidade entre a escola e o território no qual está inserida. Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (2013, p.117), sobre avaliação no PPP de cada escola, em seu artigo XI, avaliação da aprendizagem, com diagnóstico preliminar, é entendida como processo de caráter formativo, permanente e cumulativo.

Os professores, grupo ao qual me incluo, geralmente não têm acesso aos resultados de avaliações externas que seus alunos fazem. As informações dos dados de erros e acertos dos alunos não chegam nas mãos dos professores, que basicamente são os maiores interessados para poder diagnosticar o erro do aluno e trabalhar este erro como fonte de virtude. Por mais que se discuta que as avaliações externas focam em descrever, identificar, analisar os sistemas educacionais e não os alunos, na prática profissional não é bem assim que acontece. De maneira distorcida, as avaliações externas atravessam as práticas pedagógicas de professores e alunos em sala de aula e ocupam um lugar ao qual elas não foram construídas.

A avaliação da aprendizagem pode ser caracterizada como uma avaliação de processos: de ensinamentos, aprendizagens, dinâmicas, etc. Segundo (Fernandes, 2008) a avaliação centrada na aprendizagem, com ênfase na aprendizagem dos alunos, está orientada para melhorar a aprendizagem dos alunos, em oposição ao controle e classificação. A avaliação está presente no cotidiano das escolas, dos professores e alunos há muito tempo. Os professores têm a função de avaliar seus alunos para conhecer suas possibilidades e dificuldades, o que foi apreendido durante uma etapa escolar, de forma a auxiliá-los no processo de ensino e aprendizagem.

Nas ações pedagógicas temos vários instrumentos avaliativos que são definidos com base em sua modalidade e intenção: avaliação formativa, avaliação somativa, avaliação diagnóstica, para citar algumas. Todas estas avaliações devem e podem fazer parte do processo escolar de ensino e aprendizagem de alunos e professores. Entretanto, muitas vezes na escola, a avaliação se relaciona a uma prática de: prova, nota, recuperação, aprovação, reprovação. Uma palavra que traduz bem a prática avaliativa na escola, muitas vezes, é a punição. Este é um olhar a respeito da avaliação da aprendizagem em algumas escolas.

Se por um lado, temos as avaliações externas com intuito de fazer uma regulação dos sistemas e por outro, temos as avaliações das aprendizagens como estratégias político-pedagógicas para auxiliar professores e alunos nos processos de ensino e aprendizagem, ainda em um suposto terceiro lado, temos efeitos de avaliações externas nos contextos educacionais, em práticas profissionais de professores em direções de criar pavor nos professores, controle sobre suas práticas, homogeneizações dos processos, ou seja, muitas vezes uma sala de aula voltada para os resultados dos alunos nas avaliações externas.. Essas avaliações servem muito mais para produzir informações para os gestores de redes educacionais e ranquear as escolas, do que ajudar os professores a analisarem os resultados, buscando rever seus métodos de ensino e práticas de avaliação.

Para a revista Nova Escola, a análise dos resultados das avaliações externa: possibilita a criação de um painel da Educação no país, ferramenta fundamental na elaboração de políticas públicas para a área. Em uma perspectiva política, elas contribuem para definir qual o direito de aprendizagem básico que todo aluno deve ser assegurado. Esses parâmetros são essenciais para que as redes e as escolas reflitam quais são as estratégias para promover uma Educação de qualidade. Avaliação Externa Como Compreender e Utilizar os Resultados (NOVAESCOLA, 2019).

Apesar desta narrativa em torno das avaliações externas, pesquisas têm mostrado que muitas Secretarias de Educação estão fazendo suas próprias avaliações externas e que direta ou indiretamente, estão colocando suas escolas em concorrências, bem como instituindo um dispositivo de controle e de vigilância.

Nos últimos anos, muitos países vêm investindo significativos recursos na realização de avaliações externas constituídas, entre outros instrumentos, por provas aplicadas aos alunos com o objetivo de verificar se eles estão adquirindo os conhecimentos e as competências necessárias para a conclusão de um nível ou ciclo do sistema educativo. Poderíamos identificar dois pressupostos que orientaram a realização dessas avaliações. Primeiramente, os ministérios de educação desses países estariam indicando de forma objetiva os referenciais de qualidade que deveriam ser seguidos pelas escolas. O outro seria uma preocupação com as provas aplicadas pelos professores, que não mais permitiriam avaliar com objetividade os conhecimentos e as competências adquiridos pelos alunos. Qualquer que seja a premissa que oriente essas avaliações, é inevitável identificar nessas concepções alguma intenção de desenvolver mecanismos de controle sobre os processos educacionais (HORTA NETO, 2010, p. 86).

É muito comum que professores de Língua Portuguesa e Matemática passem boa parte do ano escolar se preparando para avaliações externas, fazendo de suas aulas, laboratórios de treinamentos para que a escola alcance os sonhados índices.

Alguns efeitos das avaliações externas na escola é fazer com que professores desconsiderem a importância em diagnosticar as dificuldades dos alunos, avaliá-los com diversos instrumentos e considerar a particularidade de cada um, pois, muitas vezes, o que importa é aumentar o índice.

As avaliações somativas estariam considerando apenas os resultados da aprendizagem e não os processos que estariam sendo construídos durante ela, portanto, não teriam nenhum significado importante, já que a educação seria um fenômeno essencialmente qualitativo. Além disso, não respeitariam a diversidade de aprendizagem que se apresenta em diferentes contextos, nem mesmo a diversidade dos alunos. Assim, elas sinalizariam que todos os discentes deveriam aprender o mesmo e que todos os professores deveriam ensinar o mesmo. Esse tipo de avaliação estaria, portanto, fortalecendo o poder nas mãos do Estado e, com isso, limitando a atuação dos agentes locais (HORTA NETO, 2010, p. 88).

Dentro do ambiente escolar, os professores estão utilizando dois pesos e duas medidas para lidar com seus estudantes. Digo isso pela minha experiência como professora, quando estamos em frente das turmas que realizaram as avaliações externa, esses alunos têm um trabalho somente relacionado com o conteúdo escolar matemático trabalhamos as habilidades cobradas na prova SAEB, e praticamente posso dizer que uso toda a “cota de xerox” da escola para treinar meus alunos.

Existe um investimento por parte da gestão escolar nos professores e alunos destas disciplinas. Entretanto, outros alunos dos anos diferentes de 9 anos, não têm direito a atividades xerocopiadas. Assim, temos dois pesos e duas medidas para o trabalho dos professores com os alunos.

Para Barreto (2001), diante da escassez de recursos, o alto custo desses sistemas tem consumido os recursos que poderiam ser utilizados para realização de estudos e pesquisas menos custosos, que também teriam potencial para melhorar o sistema escolar. Outro ponto que é importante destacar refere-se a forma como devem ser:

Divulgados os resultados das avaliações. Os responsáveis pela avaliação devem cuidar para que os resultados sejam apresentados para as autoridades/decisores com clareza, para que permitam oferecer uma visão ampla dos problemas levantados. É importante salientar que os resultados apurados não são suficientes, para a tomada de decisões e que é necessário aprofundar os aspectos mais problemáticos apontados pela avaliação (HORTA NETO, 2010, p. 92).

Vale ressaltar que, qualquer que seja o processo avaliativo, tanto em relação às avaliações externas ou da aprendizagem, precisa oferecer possibilidades para professores e alunos tomarem decisões e repensar o processo educacional. A avaliação precisa orientar o professor na condução de sua prática de sala de aula, bem como ajudá-lo em relação aos seus alunos.

#### 5.4 UM OLHAR PARA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM DURANTE AS AULAS REMOTAS

No contexto mundial, quando fomos atingidos pelo vírus da covid-19, com a impossibilidade de realizar os encontros presenciais entre professores e alunos, devido ao isolamento social, as aulas remotas surgiram como uma alternativa, para continuar o ano letivo. Não se configurou como uma Educação a Distância, que requer uma estrutura e uma prática profissional muito diferenciada da educação presencial. Aulas remotas, ensino remoto entre outros nomes que caracterizaram um período no qual professores tiveram que ter outros tipos de interação com seus alunos (Oliveira, 2020).

As escolas públicas foram designadas para trabalhar remotamente, uma situação bastante complicada pois os professores, os gestores, os coordenadores, as secretarias não tinham experiência alguma, todo o trabalho foi realizado em cima do acerto e erro, da noite para o dia, lidando com dificuldades e contextos quase nunca pensados.

Algo que ficou marcado foi o desafio enfrentado pelos professores, gestores, alunos e pais, com relação ao uso das tecnologias digitais, pois era necessária uma formação, mas não houve tempo, por conta que precisamos prosseguir com o ano letivo.

As aulas remotas foram subsidiadas pelas tecnologias digitais, mas no modelo da aula presencial, na qual o professor fica disponível durante a aula presencial para atender as dúvidas dos alunos.

A organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), no dia 18 de março de 2020, confirmou que 85 países fecharam totalmente as atividades presenciais para amenizar o contato com o novo coronavírus, atingindo 776,7 milhões de jovens e crianças estudantes, sendo assim, foi optado pelo ensino completamente a distância, decisão

tomada após discussão ocorrida em evento que os governos de 73 países participaram virtualmente (UNESCO, 2020).

Uma frase muito movimentada, “educação se reinventou”, deveria ser reconstituída para “os professores se reinventaram, mas não conseguiram alcançar a todos os alunos”. Os alunos da escola pública não são da família tipo propaganda de comercial de margarina, onde existe um pai que trabalha e sustenta toda a família, com uma mãe que tem empregada doméstica que passa grande parte de seu dia auxiliando seus filhos, estudando junto com eles. Nossa realidade é outra, pelo menos a minha em minha escola com meus alunos.

A sugestão de educação remota na rede pública como um todo, pode ser percebida como um grande equívoco, pois, inviabiliza o acesso ao conhecimento da classe social menos favorecida, por não ter acesso às tecnologias digitais ou não possuírem condições de moradia adequada para acompanhar de maneira satisfatória os momentos de aulas virtuais, pois, moram em residências pequenas com poucos espaços apropriados para poder estudar. Outro ponto de vista é que durante o isolamento social, os familiares estão confinados dentro de casa causando, por muitas vezes, estresse e até violência física e/ou psicológica. Os pais encontram várias dificuldades para ensinar as atividades escolares, dificultado pelo grau de escolaridade familiar, principalmente, os pais de estudantes da rede pública (ALVES, 2020, p.355).

Avaliar nesse contexto, é algo complexo, porque a escola tem uma cultura focada na prova, que precisa ser realizada individualmente sem ajuda de outras pessoas, ou de alguma tecnologia, qual a melhor maneira para avaliarmos nesse contexto?

Em primeiro lugar, precisamos esquecer a maneira que lidamos com as provas tradicionais. Já que existe um slogan do “novo-normal” um dos maiores desafios marcado nesse período de forma provisória é a modificação das estratégias educativas. Não dá para pensar em avaliar como se estivéssemos presencialmente, tudo mudou, então precisamos mudar também a maneira de avaliar.

Quando falamos de avaliação na educação básica em tempo remoto, precisamos entender o processo avaliativo de modo contínuo e diversificado, tanto como metodologias como em ferramentas avaliativas.

Precisamos priorizar a qualidade, frente a quantidade, ensinar a aprender, buscar, desafiar, retomar, adaptar, avaliar e reavaliar, é uma verdadeira reorganização do cotidiano. A palavra empatia precisa ser mais valorizada, pois é muito importante, se colocar no lugar do outro, um olhar para cada aluno, de como

aquele aluno, aquela família vai conseguir se organizar para realizar as atividades escolares, pois estamos atribuindo mais uma tarefa para os pais.

Alguns instrumentos avaliativos são mais indicados para esse período, autoavaliação, questionários discursivos, teste objetivos, seminários, lista de exercícios, participação nas aulas, pesquisas científicas. Inovar a maneira de avaliar, romper com a cultura das provas é muito difícil, porém necessário nesse momento.

De acordo com a autora, as atividades devem desafiar os alunos para que possam criar, se autorizar, participar e interagir com seus professores e pares, pensando e discutindo o momento que estão vivendo, escutando-os.

As práticas docentes que vêm sendo realizadas reproduzem o que tem de pior nas aulas presenciais, utilizando um modelo de interação broadcasting, no qual os professores transmitem informações e orientações para um grupo de alunos que nem sempre consegue acompanhar o que está acontecendo nesses encontros virtuais e participar. Esse é um clássico exemplo de uma perspectiva instrumental da tecnologia. (ALVES, 2020, p.361)

A avaliação é uma ferramenta, necessária, se bem aplicada, ela garante o aprendizado dos alunos, mas essa ferramenta precisa estar bem organizada e ser usada de forma motivadora e não repressora (Salmon, 2004), durante a quarentena ou as aulas remotas precisamos olhar para o currículo, analisar, qual são os conteúdos necessários ou vou chamar de básico, para os estudantes conseguir prosseguir nos estudos.

Para uma “boa avaliação”, precisamos de uma boa aula, pelo menos deixar claro para nosso aluno, o objetivo daquela aula, o que esperamos deles. Vamos focar nas avaliações formativas, que mostram para nós os professores como está acontecendo a aprendizagem. O importante na pandemia, não é explorar todo conteúdo, e suas múltiplas aplicações, mas sim, verificar que os alunos estão engajados em aprender a aprender de uma forma diferente, mesmo que o conteúdo seja o básico para aquela etapa escolar.

A avaliação formativa, é importante neste contexto pois o foco do professor é viabilizar o processo dos alunos, para melhorar o processo de ensino e aprendizagem, como acontece, e não para rotular ou nivelar. Devemos pensar em estratégias de avaliação, como um processo de coletas de dados, sobre o aluno e desempenho deles, de variadas metodologias para entender a evolução, que os alunos conseguiram durante esse período remoto. Lembrando que cada aluno

progrediu na sua maneira, no seu tempo, e esquecer um pouco o ditado “ o aluno não aprendeu porque não se esforçou o suficiente”.

Não podemos simplesmente abandonar a avaliação, precisamos sim entender, onde nosso aluno conseguiu avançar, quais alunos não conseguiram ter essa evolução, quais alunos regrediram por estar longe dos professores e não se adaptar nesse modelo imposto de escola, mas deixo claro que precisamos fazer a avaliação formativa, e diagnóstica, para que os professores traçam um objetivo de recuperação das habilidades não alcançada.

Os alunos carentes, já antes mesmo da pandemia não têm muito apoio dos pais, é claro que com essa situação pandêmica eles e seus familiares são os que estão mais expostos a esses vírus. Se os pais saem para trabalhar, a maioria utiliza transporte público, não conseguem ajudar seus filhos, e em muitos casos, quando os filhos devem sair também para trabalhar, pois estão contratando pessoas jovens que é menos arriscado.

Toda essa situação que aconteceu no ano de 2020, precisa ser levada em consideração. Não dá para simplesmente nós professores fazer uma avaliação de múltipla escolha padronizada, e postar no Google Forms, e pensar que a educação remota é uma maravilha.

## **6 CAPÍTULO VI - TRAVESSIAS OUTRAS: AVALIAÇÕES E SALA DE AULA DE MATEMÁTICA**

Neste capítulo produzo alguns desdobramentos das travessias que foram realizadas com as textualizações das entrevistas com professores que ensinam matemática e com as discussões com pesquisadores que tem a temática da avaliação como parte de suas pesquisas.

Por meio de uma leitura plausível de meus movimentos ao longo desses três anos, atravessada por essas discussões, produzo algumas discussões e teço considerações sobre como as avaliações atravessam práticas profissionais de professores de Matemática. Analisamos como professores que ensinam matemática no Ensino Fundamental lidam com avaliações externas, avaliação da aprendizagem e avaliação da aprendizagem em tempos de pandemia em suas práticas profissionais. Produzimos, então, três desdobramentos com nossas discussões, as textualizações das entrevistas e nossas leituras com pesquisas que focam a avaliação no contexto escolar.

### **6.1 EFEITOS DE AVALIAÇÕES EXTERNAS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DE PROFESSORES QUE ENSINAM MATEMÁTICA**

Entre tantas questões que se levantam quando o assunto é “sala de aula”, ou seja, a dinâmica cotidiana de processos de ensino e de aprendizagem de matemática em interações entre professores e alunos, a “avaliação” destaca-se como um “núcleo” de reflexões e produções.

Tema polêmico, a avaliação tem sido motivo de conflitos entre professores e alunos, pois, muitas vezes, traz consigo uma relação hierárquica e autoritária do processo educativo no cotidiano da Educação Básica, mesmo escamoteado e muito discutidos sob uma perspectiva de uma escola democrática.

No Brasil, a avaliação externa da Educação Básica vem acontecendo desde a década de 90 (Neuhaus, 2016); sendo que, atualmente, o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB) caracteriza-se como o principal sistema de avaliação externa em nível nacional. As avaliações externas produzem modos de existir e rotinas nas práticas profissionais de professores que ensinam matemática.

Em nossas textualizações é explícito e notório como essas avaliações afetam de maneira a controlar o trabalho do professor em sala de aula.

Sobre o discurso da qualidade da educação, que está amplamente naturalizado dentro das escolas públicas, existe uma cultura dos exames e simulados, a qual o currículo é abandonado, as falas sobre avaliação formativa, somativa e diagnóstica são desconsideradas. Treino, controle, cobrança, vigilância são atravessamentos que acontecem nas escolas como efeitos de avaliações externas. Segundo a professora Cristiane e o professor Ivanei.

*“O menino ele grava ou decora, não sei, ou cola mesmo passa aquilo para prova, dois dias depois ele não sabe o que ele fez, não consegue nem reproduzir o que ele fez, quanto mais generalizar aquele conhecimento em uma situação problema, utilizando aquele conteúdo. Não há aprendizagem, estamos errando muito na forma de passar isso, na verdade eu não sei onde, mas, a gente está errando, porque não está havendo aprendizagem” (PROFESSORA CRISTIANE, 2020).*

*“Tentamos implantar algumas coisas em sala de aula, tentamos acrescentar os jogos, tentamos melhorar nossa aula, mais com relação se houve mudança ou não, eu acredito que não. Na minha prática quando a gente começa a lecionar temos aquela vontade maior de estar ali com os alunos, mas, de falar que você consegue auxiliar os alunos na aprendizagem realmente, com o passar do tempo você vai vendo que existe alguns detalhes que não depende só de você. Eu tento motivar os alunos, com algumas aulas diferenciadas, focar em algumas coisas que vai atrair os alunos, muitas vezes você é mais um motivador em sala do que um professor que tenta ensinar” (PROFESSOR IVANEI, 2019).*

Em minha leitura há problemas maiores em relação às estruturas e ao modo como as escolas se organizam. De certo modo, as avaliações externas explicitam esses problemas maiores, em seus efeitos sobre a prática profissional de professores. Tocar nesses “vespeiros” de efeitos de avaliações, por vezes desdobram discussões a respeito de estrutura das escolas, dinâmicas de sala de aula e a formação e atuação de professores nas redes de ensino. Dando continuidade a esses desdobramentos, temos que a desigualdade econômica entre os alunos que habitam escolas, se explicitam cada vez mais, por efeitos de avaliações externas. Além de se preocupar com processos de ensino e

aprendizagem, a escola precisa trabalhar com os alunos para não os perder para rua, droga, tráfico, prostituição entre outros males.

Portanto, dentro deste processo complexo de escola, família e aprendizagem existe uma prova de múltipla escolha padronizada, pela qual acredita-se ser capaz de dizer tudo sobre aquela instituição escolar. A prova única remete-se a avaliação da aprendizagem dos 9 anos de estudo dos discentes na sua instituição. E por seu intermédio institui-se uma nota para o IDEB que simplesmente ranqueia as escolas, ou seja, a escola é desqualificada e desvalorizada, ou é premiada. Colocam as escolas em concorrências, provocando uma enorme pressão nos professores de Matemática e Língua Portuguesa. Segundo Amaro (2017):

No contexto brasileiro, articuladas às definições internacionais, as políticas de avaliação em larga escala, ou também chamadas de avaliações externas, assumem centralidade como direcionadoras das políticas dos processos educacionais, das estratégias voltadas para a ampliação do controle, de consecução de metas quantitativas no cenário nacional/internacional e de regulação do sistema educacional, bem como de controle do trabalho de gestores escolares e docentes. Neste quadro, já é possível identificar possíveis impactos, significados e efeitos que estas avaliações vêm produzindo no sistema educacional brasileiro e, de forma mais específica, no trabalho docente (AMARO, 2017, p.418-419).

Os efeitos que uma Avaliação Externa exerce dentro das escolas é algo impressionante: os gestores cobram os professores, e os professores massacram os alunos, como se fossem máquinas de realizar provas, tudo isso na finalidade de alcançar o IDEB sonhado. Em nossa leitura, os professores explicitam isso ao falarem sobre:

*“Existe toda uma pressão além do ensinar e, essa preocupação que pesa em cima do professor depois do resultado negativo da Prova Brasil. Se o resultado é positivo aí é só elogios, enquanto time está ganhando tudo vai bem, acontece um pequeno detalhe ali como um resultado negativo, aí a pressão vem em cima do professor da disciplina. O que está acontecendo? O que você não está ensinando certo?” (PROFESSOR IVANEI, 2019).*

*“Porém, acredito que também exista o lado negativo que é a preparação em específico. Já presenciei momentos em que, onde a coordenadora aconselhava seus professores a preparar os alunos, especificamente, para esse tipo de avaliação. Perde-se um pouco da autonomia da educação, você está preparando o seu aluno, não para aprender aquele*

*conteúdo, aquela informação, mas sim para aprender a responder àquelas questões da Prova Brasil” (PROFESSOR LEONARDO, 2019).*

*“Esse ano eu fiz diferente, ano passado nós trabalhávamos o conteúdo de aplicação que está na grade, mas este ano trabalhei os descritores, descritores de área que caem na Prova Brasil, mas não está na grade de aplicação. Esse ano a aplicação vai ter uma influência, sim, retomei área, volume, sistema de medida, aí sim, valeu a pena” (PROFESSORA CRISTIANE, 2019)*

*“A Prova Brasil, hoje, como estão postas as questões, está mais ligada a aplicação. Por trás disso tudo tem uma cobrança, por parte da instituição, não é somente avaliar os alunos, nós professores somos cobrados e ficamos treinando o aluno a fazer provas para ter um bom resultado na avaliação da Prova Brasil, às vezes deixamos de passar o conteúdo da ementa para trabalhar conteúdo da Prova Brasil” (PROFESSOR LEANDRO, 2019).*

Segundo (AMARO, 2017, p. 426), a eficácia e eficiência das escolas e dos docentes “evidenciam as novas funções a serem assumidas e impõem uma autoimagem que desvaloriza as subjetividades envolvidas no processo educacional”. De acordo com Fernandes (2009), diversos países pressionados a cumprirem certas metas, para o alcance da tal “qualidade da educação”, estão atribuindo as avaliações padronizadas, as responsabilizações de produzir dados confiáveis sobre os desempenhos dos alunos. Ainda com Amaro:

As críticas recaem, substancialmente, sobre os processos de empobrecimento do currículo, tendo em vistas que os conhecimentos desenvolvidos no espaço da escola reduzem-se “ao que cai no exame”. Além do estreitamento curricular, outras críticas se evidenciam: incremento da competitividade entre docentes e escolas; pressão sobre o desempenho dos alunos e preparação para os testes; estratégias fraudulentas para alcançar maiores índices; aumento da segregação socioeconômica em diversas esferas; precarização da formação docente; destruição moral do professor; destruição do sistema público de ensino e, por fim, ameaça da própria noção liberal da democracia (AMARO, 2017, p.419).

Na fala da professora Cristiane, pressões, desprezo, fracassos, insucessos são explicitados:

*“A pressão psicológica é muito grande, agora, na escola, eu já passei por uma dessa, na outra escola, lá, quando eu entrei, eles já tinham feito a Prova Brasil e a nota foi 3,8, aí o*

*pessoal da SEMED sempre fazia visitas, a gente ficava com aquilo, que a escola estava ruim, tinham sempre supervisão da SEMED, ficamos com gente observando durante o ano inteiro. Nós sofremos intervenção da SEMED, o clima é horrível, como se nós professores fossemos burros, pessoal fica cuidando, eu estava no oitavo e nono e ficamos trabalhando, trabalhando, passou para 4,2 e depois chegamos no 5,0, foi uma alegria. Quando a nota é boa, todo mundo fica contente, só alegria, agora, se saírem-se mal, as pessoas olham com desprezo, como se você não soubesse fazer nada. É horrível, horrível, as reuniões começam assim “olha, passamos por um problema, a nossa nota caiu, agora teremos acompanhamento por parte dos técnicos da SEMED”. Tem que cuidar melhor as avaliações, até material nós tínhamos mais acessos” (PROFESSORA CRISTIANE,2019).*

É muito restrito caracterizar uma educação de qualidade apenas tomando como referência resultados de avaliações externas. É necessário focar em movimentos que acontecem nas escolas, estruturas das salas, formação de professores, diálogos entre os profissionais da escola com a comunidade. Segundo Amaro (2017), pensar que a qualidade envolve a valorização das relações entre as pessoas, ou seja, os resultados quantitativos são consequências das relações e não o inverso.

Práticas avaliativas fazem parte do processo pedagógico de maneira formativa articulando os objetivos e finalidades da educação, superando a competitividade. É preciso um compromisso do estado por valorização e investimento nas escolas. Antes isto, do que ranquear escolas, e direcionar a culpa ou para nós professores, ou para os alunos.

## 6.2 PRÁTICAS AVALIATIVAS E INTERAÇÕES ENTRE PROFESSOR E ALUNOS EM TEMPOS DE PANDEMIA

A expressão “novo normal”, durante a pandemia da Covid-19 no ano de 2020, apareceu no dia a dia das escolas, e de parte da comunidade como um todo, indicando que mudanças vieram para ficar. Talvez, seja uma expressão que mascare mais uma vez esses problemas, ou mesmo que estabeleça outros critérios de qualidade ou de práticas pedagógicas a serem implementadas nas escolas. De toda forma, “novo normal” nos parece desconsiderar demandas e problemas centrais da escola e apenas constrói um “novo” naquilo que é “normal” nas escolas.

Em nossa leitura, a pandemia Covid-19 sob a ótica de um “novo normal” se caracteriza apenas como mais um problema de nossa sociedade, bem como de nossa escola, e não como um sintoma de nossas relações entre humanos, não humanos.

As práticas avaliativas e interações em sala de aula entre professor e alunos em tempos de pandemia modificaram muito. Com o fechamento das escolas, em meados de março de 2020, um dos maiores desafios foi manter contato com os alunos por intermédio da comunicação no âmbito dos espaços promovidos pelas tecnologias digitais. Considerando que ninguém estava preparado para esse cenário, todos os atores envolvidos, especialmente alunos, docentes e pais passaram por períodos adaptativos para construir um espaço escolar nas casas. Infelizmente, apenas famílias estruturadas com um certo poder aquisitivo, com acesso à internet e um computador, conseguiram corresponder a algumas expectativas e ter algum tipo de interação.

Antes de pensarmos em ensino remoto, é necessário pensar em estruturas e condições de nossos alunos para participar dessa “nova” modalidade de ensino. Em uma palestra no SESEMAT<sup>4</sup>, um coordenador de uma escola estadual de Mato Grosso do Sul ressaltou que vinte mil alunos da rede pública de Mato Grosso do Sul não estavam tendo acesso às interações, pois, não têm condições mínimas de acessibilidade à internet, nem mesmo computadores disponíveis em suas casas. Nas textualizações dos professores que entrevistamos, algumas dessas discussões também são explicitadas:

*“Depende muito da realidade da família também, porque tem família que não tem condições, tem 4 ou 5 crianças e um celular para família que o pai leva para trabalhar, e tem outros que não têm interesse, têm turmas minhas que participam 7 alunos de 30 alunos, aí vem a participação da família, e outra o poder aquisitivo, não é só cobrar a família. O aluno que tem uma família com condições um pouco melhor, e uma base familiar que os pais têm um conhecimento para ajudar, esse aluno deslança” (PROFESSOR LEANDRO,2020).*

*“Olha eu tenho um aluno que tem um celular para família inteira, eu tiro dúvidas pelo celular, eu tenho que esperar a mãe chegar do emprego, tem que esperar ela chegar, e também*

---

<sup>4</sup>Seminário Sul-mato-grossense de Pesquisa em Educação Matemática disponível <https://www.youtube.com/channel/UC4Wklhv3uUu3KYJ96JbAGXQ> acesso 23/11/20

*não posso encher o celular de mensagem se não o celular dela trava” (PROFESSORA CRISTIANE,2020).*

O ensino remoto aconteceu em muitas realidades de escolas municipais de Campo Grande, com poucas possibilidades de interações entre professores e alunos. Os professores propuseram atividades, por meio do caderno de atividades, e os alunos entregavam, quando isso acontecia, as atividades resolvidas. Falta de estrutura tecnológica, falta de espaço familiar para acolher os alunos e suas atividades escolares foram características marcantes das dinâmicas escolares deste período. Deste ponto de vista é que precisamos fazer nossa leitura das possibilidades da realização de uma avaliação da aprendizagem. O que avaliar se o que tenho é apenas um caderno que supostamente foi produzido pelos alunos? O que posso fazer com isso? Esses, entre outros questionamentos, se alinham a problematização desta cortina de fumaça de um novo normal que desconsidera essa triste realidade. Houve poucas interações, com poucas possibilidades de aprendizagens para os alunos. Que fazemos com isso?

Por outro lado, em nossas leituras das textualizações, também foi produzida uma ideia de que foi possível extrair algo positivo dessa pandemia, visto que os alunos vão aprender sozinhos, em uma nova forma de manter os processos de ensino e de aprendizagem. Segundo o professor Leonardo esse contexto se constituiu como uma oportunidade para os estudantes descobrirem-se autodidatas, desenvolvendo habilidades como procurar vídeos instrutivos, ler os livros didáticos que eles possuem em casa, conversar com familiares, pai, mãe, primo, avós. Basta só ter vontade de aprender. Segundo o professor Leonardo:

*Mas, trabalhar de uma forma que eles consigam aprender o máximo possível com qualidade, e trabalhar para que tenhamos alunos mais questionadores, porque passaram períodos que eles não tinham nosso acesso, eles precisam aprender algo com isso, que eles não precisam necessariamente de nós, nós somos vetores que já sabem o conteúdo, podemos auxiliá-los a conseguir, mais não transmissores de conteúdo, somos alguém só para auxiliá-los, isso vai ser difícil, porque eles já estão acostumados com isso, agora na pandemia já desacostumaram, espero que eles consigam mudar esse ideal” (PROFESSOR LEONARDO,2020).*

Ao realizar uma leitura deste cenário, observa-se a necessidade de um pouco de cautela com essa ideia, pois muitas vezes, com essa narrativa podemos “tirar” das escolas e dos professores algumas de suas responsabilidades, como por exemplo, a de oferecer um espaço no qual os alunos possam vivenciar processos de ensino e de aprendizagem, do ponto de vista cognitivo, político, cultural, ético. Entretanto, entende-se que esses professores também falam na direção de algumas mudanças das ações pedagógicas que acontecem na escola, como esses trechos das textualizações:

*“Acredito que o aluno que estuda, independentemente do local, se é particular ou público, aquele tipo participativo questionador, se é presencial ou é a distância ele aprende [...]. Alguma coisa vai ficar, mais que o ensino à distância é comprometedor, e afeta muito a aprendizagem do aluno. Eu gravo vídeo e posto no Facebook, alguma coisa boa vai sair desse filtro” (PROFESSOR IVANEI, 2020).*

Tenho a impressão, como professora, que os alunos estão ausentes, pois percebo uma grande evasão escolar durante o horário das aulas remotas, o que causa certo pânico. Entretanto, quando recolhemos os cadernos de atividades que montamos para os alunos, percebo também que a maioria entregou atividades realizadas. Contraditório? Algo estranho acontecendo? Talvez, as famílias se organizam no seu horário e não no horário que a escola disponibiliza.

*“É engraçado, eu peço atividade para o aluno lá no Classroom, tem menino que desaparece chega lá no final do bimestre, aí aparece com as atividades. Porque ele espera os outros fazerem, aí né, ao invés do abençoado fazer a atividade pelo menos, pegar o conteúdo do colega e copiar e enviar pra mim, não, ele pega a foto mesmo com o nome do outro aluno e posta pra mim” (PROFESSORA CRISTIANE, 2020).*

Acreditamos que é necessário promover mudanças estruturais nas estratégias político-pedagógicas de professores, bem como em toda a ideia de uma escola ainda focada em conteúdos e em suas aprendizagens pelos alunos. Porém, isso deve ser feito não na direção de isentar responsabilidades de professores e alunos, mas sim em mudanças de todo o sistema. Durante a pandemia, por exemplo, nós, professores da escola básica, tínhamos que entender a avaliação de outra maneira, não a tradicional, como provas e testes individuais e realizados em

um único momento. Este foi um dos grandes desafios dessas aulas remotas, pois, um modelo de avaliação no contexto escola brasileiro ainda está culturalmente relacionado às provas escritas estáticas, realizadas de maneira única ao fim de um período. Assim:

No atual contexto da COVID-19, em que a convergência entre o virtual e o presencial não permite mais lançar mão da educação convencional e, conseqüentemente, dos princípios de uma avaliação também convencional, só nos resta configurar a subjetividade individual e social para a continuidade das ações. (PASCHOALINO, RAMALHO e QUEIROZ, 2020, p. 127)

De certa forma, lemos nas textualizações que os professores fizeram o que lhes foi possível: sobreviveram junto aos alunos esse momento que o país inteiro atravessou. De maneira geral, os professores consideram a avaliação, desproporcional nesse momento, pois, eles apontam que os alunos não têm acesso à internet e nem suporte da família. Eles acreditam que a família está preocupada em garantir os elementos básicos da vida, pois muitos pais perderam os empregos, neste contexto, pensar em avaliação de matemática fica sem sentido. Os professores Cristiane, Ivanei e Leandro, explicitam isso em um trecho da textualização de uma de suas entrevistas:

*“Não tem sentido em pensar na avaliação agora. Nós humanos somos um misto de várias coisas, tenho que estar bem emocionalmente para poder produzir, tenho aluno que alguém da família pegou Coronavírus e esse aluno só chora, tenho aluno com problema de emprego, que precisa trabalhar porque não tem o que comer dentro de casa, tem aluno com depressão pois está isolado faz tempo e não aguenta mais” (PROFESSORA CRISTIANE,2020).*

*“É difícil pensar em avaliação justamente porque para você avaliar alguém à distância igual nós estamos, você tem que ter mais parâmetro, textos, sentimentos do aluno ver o que ele está passando, avaliar principalmente no contexto da matemática não tem sentido de construção de conhecimento nenhum” (PROFESSOR IVANEI,2020).*

*“Não se tem um sentido pensar em avaliação nesse momento, porque essas avaliações você não sabe realmente se é o aluno que está fazendo, se é um familiar, e também é cultura nossa a avaliação ser individual, lá o aluno tem acesso as mídias, aos livros, ao pai,*

*a mãe, o tio, nesse momento a avaliação tradicional não faz sentido” (PROFESSOR LEANDRO,2020).*

Em minha leitura destas falas dos professores, o currículo neste ano letivo, deveria passar por uma mudança profunda. A maioria de nossos alunos são da classe trabalhadora, logo, é preciso realizar um trabalho de conversas com eles em relação a construir novas relações sociais no convívio familiar. Muitos alunos estão praticamente isolados, visto que, seus pais precisam trabalhar e não têm com quem deixá-los. Uma mudança, mesmo que temporária no currículo, em temáticas que são possíveis de algum tipo de discussão em tempos de pandemia, seria necessária para assegurar pelo menos algum tipo de educação escolar remota, que pudesse acontecer e não ficar de algum modo apenas como um discurso vazio. Que tipo de educação seria possível? Quais conteúdos poderiam ser extraídos? Como pensar em algum movimento de trabalho após a pandemia com os alunos? De acordo com as textualizações:

*“Pior matemática que é puxado, dar aquelas apostilas imensas conteúdo, conteúdo, conteudista, que não visa nada, estou trabalhando situações problemas, para ficar mais leve para eles ter uma conexão com o dia a dia, vamos pensar em sobrevivência” (PROFESSORA CRISTIANE,2020).*

*“O currículo teria que ser diferenciado, e também não dá para colocar o pai de culpado, mas, a defasagem da família, esse ano o aluno fica prejudicado, nem pode colocar que é perdido porque tem alguns alunos que vão aproveitar” (PROFESSOR LEANDRO, 2020).*

*“Os demais alunos que quando estão em sala de aula o professor falando com ele o tempo todo: “pega o material, presta atenção”, esse aluno que você tem que estar sempre em contato com ele, como vai ficar esse aluno? Acredito que essa dificuldade em sala de aula, agora nesse momento ficou maior, nesse período de pandemia, nem todos os alunos vão aprender, vamos ter uma série de alunos com um mínimo de aprendizagem ali ou nenhuma aprendizagem” (PROFESSOR IVANEI,2020).*

É preciso tentar não causar mais apavoramentos nas famílias, sendo que uma possibilidade seria realizar avaliações diagnósticas, para acompanhar o desenvolvimento dos alunos, o que eles conseguiram realizar, como fazem e o que

fazem. Diagnósticas na direção de oferecer uma leitura mais detalhada para o período pós pandemia, quando os alunos voltarão para as escolas e terão que de alguma forma dar conta dessas temáticas que foram trabalhadas remotamente. É muito importante os professores, gestores, compreendam que nesse contexto pandemia, os alunos não desaparecem por que querem, mas sim porque muitos não têm acesso a tecnologia, as bibliotecas das cidades estão fechadas, os pais não têm conhecimento e pouquíssimos são os alunos das escolas públicas que conseguem acompanhar as aulas remotas. Infelizmente com a pandemia, os alunos mais pobres foram os mais excluídos, pelo fato de não terem as mínimas condições para acessar os materiais enviados pelos professores.

*“O ano de 2020 é sobrevivência, temos de agradecer a Deus por estar vivo, que temos emprego, temos o que comer dentro de casa, que não estamos doentes e ninguém da nossa família doente, isso em primeiro lugar, depois pensar em aprendizagem” (PROFESSORA CRISTIANE, 2020).*

*“O ano letivo de 2020, ficou comprometido totalmente, nós iremos classificar? Vai atribuir nota, qual é o aluno que pode ser considerado aprovado, qual aluno que pode ser considerado reprovado, quais os parâmetros que vamos ter para aprovar ou reprovar os alunos?” (PROFESSOR IVANEI, 2020).*

Como pensar em dinâmicas de ensino e aprendizagem de matemática, quando é a sobrevivência que está em jogo em muitas famílias de Campo Grande? Que sentido e qual posicionamento político, nós professores podemos construir frente à essas realidades?

Se a aprendizagem é um processo dinâmico, é fundamental a existência de também um sistema de avaliação dinâmico. Não dá para avaliar da mesma maneira como se faz no presencial, ou reuplicar a avaliação no formato à distância. Os instrumentos avaliativos precisam ser produzidos levando em consideração as realidades escolares de cada aluno, sala e escola. De certo modo, a pandemia obrigou uma mudança nos processos avaliativos ou mesmo nos mostrou o quão estreitos eles são frente às demandas. Infelizmente, muitos professores e escolas, pouco se adaptaram ou mesmo tentaram produzir outros instrumentos. Muito além

de punir alunos, precisamos entender como eles estão sobrevivendo a essa pandemia.

Pensar em instrumentos avaliativos em tempos de pandemia faz sentido se, primeiramente, olharmos em detalhes para as dinâmicas que foram implementadas nas salas de aula, nas relações de ensino e aprendizagem, sob uma leitura ética e política das potencialidades de cada aluno em participar de aulas. Após essas leituras detalhadas, podemos pensar em instrumentos e meio de se implementar uma avaliação como prática de investigação. Não se trata de um novo normal, mas sim de uma oportunidade para tocarmos nos problemas centrais das escolas e produzir estratégias para produção de outras escolas.

### 6.3 DESAFIOS ENFRENTADOS POR PROFESSORES E ALUNOS NO ANO LETIVO DE 2020

Muitos desafios foram enfrentados neste último ano de 2020, que marcou a história mundial em relação a pandemia, quarentena, isolamento social, todo esse contexto em torno da biossegurança. Porém nada se compara ao desafio que os professores e as famílias dos alunos enfrentaram para ensinar alunos em tempos de aula remota.

A mudança de aula presencial para aula remota modificou a forma efetiva do trabalho docente, a maneira como avaliamos, o feedback que damos aos alunos, a autonomia do professor. As famílias também tiveram suas vidas atingidas, porque com as escolas fechadas atribui-se mais uma tarefa para os pais, tios, avós: a de acompanhar a vida estudantil dos filhos diariamente.

Tais mudanças exigem, ao mesmo tempo, (re)inventar novos processos que dialoguem: com a legislação educacional brasileira, com as condições institucionais e regionais e ainda resguardar todos os envolvidos no processo de formação na modalidade a distância sem, no entanto, colocar nenhum destes em situação de risco e vulnerabilidade frente aos perigos da contaminação. Nesse contexto, ocorreu o posicionamento do Conselho Nacional de Educação, que por meio do parecer CNE/CP Nº/ 2020, que modifica a avaliação de forma presencial em caráter excepcional, abrindo a possibilidade para a “realização de testes online ou, por meio de material impresso entregue ao final do processo de suspensão das aulas”. A mencionada legislação amplia ainda a possibilidade de utilização de mídias sociais de longo alcance (WhatsApp; Facebook, Instagram, e outras instâncias midiáticas) para estimular e orientar os estudos e projetos. Esse novo contexto, sem dúvidas, torna a ação de avaliar ainda mais desafiadora (PASCHOALINO, RAMALHO e QUEIROZ, 2020, p. 121).

Um dos efeitos da educação remota emergencial imposta aos professores do dia para a noite foi a busca por conhecimentos relacionados às tecnologias digitais, aprender de uma maneira muito rápida a adaptar ou migrando as práticas pedagógicas do presencial para online. Muitos professores se inventaram como Youtubers, gravando vídeos-aulas; aprenderam a utilizar aplicativos de videoconferência, Zoom, Google Hangout, as plataformas de aprendizagem, Moodle, Microsoft Teams, Google Classroom, bem como aulas na TV aberta.

Nas urgências, oportunidades foram construídas. A questão agora é como produzir uma escola outra com um planejamento e que olhe com cuidado para esse período em que os alunos pouco puderam interagir com professores e colegas.

*“Foi um ano cheio de inseguranças, se olharmos pela visão de professor contratado, vai ter aula, vamos parar, será que vai ter emprego o ano inteiro. E uma segunda insegurança é pelo novo, novos desafios, lidar com a tecnologia, o modo que lidamos nessa pandemia, não é o que estávamos habituados em sala de aula, no decorrer do ano todo sempre foi a insegurança” (LEANDRO, 2020).*

*“Foi um ano cheio de novidades, cheio de conhecimentos desafios. Conhecimento porque tivemos que nos adaptar da saída da sala de aula para o método online, primeiro era quadro giz ou canetão se for quadro branco, agora tudo no computador conhecimento tecnológico, conhecimento de aplicativos, adaptação da sua casa, tivemos que abrir as portas da nossa casa, isso impactou tanto, no conhecimento do professor agregou o conhecimento do professor não devemos negar isso” (IVANEI, 2020)*

Nesse contexto, os alunos e as famílias também aprenderam utilizar as ferramentas sem orientações adequadas, porém, aparentemente adaptaram-se de maneira rápida e fácil ao manejo das tecnologias sem auxílio. O papel do professor transformou-se em aprender e se reinventar, mais do que transmitir conhecimentos.

Neste momento, aulas organizadas por meio de plataformas digitais revelam-se um pouco cinzentas, escuras e quietas, muitas vezes servindo apenas como orientação, ou para recados e dúvidas de alunos. Observa-se que a ferramenta que eles, os alunos, mais utilizam é o WhatsApp. Apesar das salas de aulas, através de grupos de Whatzapp terem suas regras, terem chamadas, o professor estar presente, em muitos grupos não se identificam interação entre professores, alunos e colegas de sala.

*“Pra falar sobre interação, precisamos falar sobre a participação dos alunos, que é muito realidade de escola, eu vejo na escola do meu filho que é uma escola central a participação é alta. Agora colégio de bairros mais afastados, eu tive 15% dos alunos participando, têm uma diferença muito grande, e um dos fatores é o recurso das famílias, bairros mais carentes, falta de recurso, isso afeta diretamente no resultado” (LEANDRO, 2020)*

*“Temos a minha interação com os alunos, que são mais próximo de mim, que interage, conversa, e os que estão distantes que não houve interação nenhuma, temos também alunos que somente entregaram as atividades na escola, no caso do município caderno, e temos os que abandonaram” (LEONARDO, 2020).*

*“A interação professor-aluno teve duas situações, porque eu trabalho em duas redes a pública e a privada, na rede pública tudo foi muito restrito, entre vários fatores entre eles a condição social de ter ou não o recurso, a interação foi bastante difícil, no início era novidade os alunos entravam nos grupos e tinham uma certa participação, depois de um certo tempo os alunos foram se acomodando, entrava menos para conversar com o professor, para estudar tirar dúvidas essas coisas, então a falta de comprometimento desse requisito do aluno dar o retorno para o professor, porque o professor estava disponível o tempo todo para atender o aluno, foi muito ruim porque o aluno não deu esse retorno” (IVANEI, 2020).*

*“A interação entre eles, só teve para passar cola de um para outro, essa foi rápida. Tinha menino que mandava foto do caderno de atividades, com o nome do outro, eu pensava meu Deus! O menino não quer nem copiar no próprio caderno, nos grupos os alunos falavam só bobeira, tinham muito palavrão, e nós não podíamos falar nada, cada coisa Jesus amado!” (CRISTIANE, 2020)*

Neste sentido, as atividades de orientação remotas enviadas para os alunos precisam ser bem selecionadas, o professor deve escolher bem a habilidade que gostaria de trabalhar, porque se enviar uma atividade muito complicada os alunos não realizarão, além constranger a família do aluno, pois as vezes os pais também não conseguem ajudar os filhos. Entretanto, não podemos deixar de lado a ideia de uma escola que se constitui um espaço de formação coletiva de seres humanos. Não é apenas aprender conteúdos matemáticos, mas sim aprender em grupos, trocando e dialogando com colegas, lidando com frustrações, aprendendo a construir

atitudes que envolvem se mostrar perante a um grupo, dialogar, ceder, apresentar uma opinião, defender um ponto de vista.

Nesta perspectiva didática, as atividades mais adequadas são aquelas que convidam à construção de conhecimento, experimentação e resolução de problemas, em escala individual e grupal, que visam relacionar o conhecimento prévio dos estudantes com os novos conteúdos, estimulando a reflexão e análise do que foi aprendido. Estimulam ainda processos de tomada de decisão, negociação e de significados e o uso de ferramentas de comunicação que facilitam a aprendizagem colaborativa. (SALMOM, 2004)

Frente a um projeto político de uma escola, ou mesmo uma atitude de um professor é necessário que em uma aula, seja ela presencial, remota, ou distância, a construção de um processo de avaliação, que possa se constituir como aliado de professores e alunos em suas tomadas de decisões, que possam servir como um meio de investigar práticas de ensino e de aprendizagem.

*“A avaliação da aprendizagem no município não, só acompanhamento do caderno, e não é muito seguro, porque não temos certeza se foi o aluno que fez. Agora pela rede estadual nós avaliamos os alunos, provas impressas com formulários, trabalhamos no Classroom com provas online, mas acompanhar a avaliação e o progresso desse aluno já não é algo seguro. A gente não sabe quem está desenvolvendo essas atividades” (LEANDRO, 2020).*

*“Só uma observação, seria muito difícil utilizar os mesmos instrumentos das aulas presenciais. Então recorri a interação com os alunos e aos resultados das atividades que eles devolvem. A interação são as dúvidas e os questionamentos, ou seja, do aluno que fala o que ele não sabe resolver naquela atividade. Também na correção dos cadernos, atividades completas, parcialmente, e em branco. Conseguimos verificar aquele aluno que aprendeu um pouquinho, e também aquele que não aprenderam nada. Somente pela escrita acho muito complicado, porque as vezes não entendemos o que aluno fez, o pensamento do aluno” (LEONARDO, 2020).*

*“O sistema de avaliação nas duas redes é semelhante, sistema método de exame perguntas e respostas ali, porém com os recursos tecnológicos Google Meet, na escola particular tínhamos um retorno de interação melhor, o que faltou na escola pública mesmo foi a interação professor-aluno, na escola particular os alunos faziam as provinhas no Docs, havia participação e alta, enquanto na pública havia pouca participação ou quase nenhuma” (IVANEI, 2020).*

*“A avaliação era, dividida por semana, se tinha 5 semanas eu dava dois pontos para cada atividade, e gerava uma nota e era somatória, assim foi o tempo todo, eles me mandavam a foto, eu anotava, agora quando chegou o terceiro bimestre ninguém fez mais nada, aí tivemos que mudar essa estratégia, como, fazer recuperação paralela, mandávamos três exercícios, os alunos não entregaram, aí no quarto bimestre era resumo, resumo, mandava apostila, livro e aluno não fazia, no quarto bimestre foi assim. E no conselho de classe foi assim, se o aluno tivesse mandado uma atividade de qualquer disciplina, ele não estava ausente, então não poderia ficar com zero, das outras disciplinas” (CRISTIANE, 2020)*

Um ponto de destaque nessas falas dos professores é um olhar para avaliação realizada em sala de aula como algo que certifica o que o aluno aprendeu ou não aprendeu. Esta prática educativa tem muitos potenciais que podem oferecer outras estruturas para as dinâmicas de sala de aula. Diante das falas dos professores que participaram desta pesquisa, existe uma necessidade de uma reflexão sobre a prática docente, no propósito de direcioná-la para cada realidade, de cada escola, voltada ao interesse e as necessidades dos estudantes. Portanto, é indispensável esquecer, ou tentar deixar de lado, na medida do possível, um currículo apenas conteudista, e estimular os alunos a leitura e resolução de problemas. Construir uma escola em que os objetivos sejam construir seres humanos que não se limitam em aprender para ir bem em uma prova ou passar de ano.

Um grande desafio futuro é tentar construir uma escola outra com a qual possamos aprender com essa escola que aconteceu durante a pandemia da Covid-19. Durante esse período tão difícil, talvez nossos alunos aprenderam algo que não se ensinou na escola e que talvez nem eles consigam ter um detalhamento.

Educar matematicamente nossos alunos em tempos de pandemia foi algo desafiador, com demandas imediatas sem muito tempo para planejamentos ou mesmo reflexões mais aprofundadas sobre possibilidades didáticas. Entretanto, em um futuro próximo escolas, diretores, professores, alunos, pais e toda uma comunidade que se constrói ao redor de escolas podem construir novos projetos de escolas que possam se colocar como espaços privilegiados na formação de humanos. Nestes projetos, as práticas avaliativas necessitam ser reformuladas e construídas em consonância com atitudes políticas e éticas de todos que habitam esses espaços.

Parafreseando, Regina Buriasco, educar é um ato de escolha, compromisso e solidariedade. Nessa direção é preciso produzir avaliações, tanto em larga escala, quanto avaliações de aprendizagens que sigam esses três valores tão importante em nossa sociedade contemporânea.

## 7 CAPÍTULO VII - UMA TRAVESSIA FINAL

Esta pesquisa foi motivada e iniciada, quando tive os primeiros contatos com o grupo de trabalho do professor João Viola, um grupo com professores, na direção de construir espaços de discussões com o que acontece em salas de aulas. Naquele momento, algumas possibilidades da construção deste trabalho brotaram o que culminou em todas essas travessias.

Sou uma professora do chão da escola, sendo que todos os dias estou com meus alunos com muitos desafios. A dinâmica da sala de aula muda o tempo inteiro, sendo que novas gerações de crianças trazem demandas para o trabalho do professor. Será adequado tratarmos essa geração de crianças do mesmo modo de sempre? Se o mundo mudou, se transformou, porque a escola ainda continua praticamente igual?

Quando descobri que poderia fazer uma pesquisa envolvendo avaliações externas, com o olhar do professor da escola básica, dizendo sobre seus atravessamentos em relação a “Prova-Brasil”, fiquei encantada pelo tema, pois também são meus atravessamentos. Assim, essas narrativas em travessias que produzi nesta dissertação apresenta acontecimentos que estão em sala de aula.

Nesses dois anos e meio que frequentei o mestrado, realizei os créditos e participei do grupo FAEM, muitas leituras foram realizadas. Construí como objeto de estudo as avaliações que acontecem na escola: avaliação externa, avaliação da aprendizagem e avaliação da aprendizagem durante as aulas remotas na pandemia da covid-19.

A História Oral, como metodologia de pesquisa permitiu produzir meus dados a partir de entrevistas realizadas com quatro professores de matemática que atuaram na escola municipal Padre José Valentim. Por meio das textualizações, inseridas no corpo desta dissertação, produzi juntos aos professores um rico material, no qual contam dilemas, problemas, realizações e possibilidades sobre a prática da sala de aula de matemática, as avaliações externas, as pressões para manter o índice do IDEB.

Posso dizer que a pandemia atravessou minha pesquisa, bem como minha vida como professora. Logo, aproveitei esse atravessamento para produzir juntos aos professores a respeito de como aconteceram as aulas remotas envolvendo os alunos e professores da escola públicas e como foram as avaliações durante esse período.

A primeira consideração que apresento neste trabalho e que considero fundamental é em relação a um modo como os professores podem lidar com a avaliação da aprendizagem: ela deve ser considerada pelos professores de matemática como algo que faz parte da construção do trabalho de ensino e de aprendizagem dos alunos em sala de aula. As avaliações oferecem diagnósticos do trabalho a ser realizado pelo professor, de tomada de decisão, ou seja, como uma investigação do que precisa ser trabalhado com cada aluno, das dificuldades deles com as atividades realizadas em sala de aula.

Quando um aluno faz uma avaliação e não se sai muito bem, ele não deve ser punido ou ridicularizado em frente à sala. Penso que o professor deve se aproximar dos estudantes tentando conversar e incentivá-los para o estudo. É preciso também considerar que a nota final dos alunos da Educação Básica não precisa e

não deve ser construída somente por meio de provas escritas, um instrumento ainda muito utilizado. Há necessidade de produzir múltiplos instrumentos, na produção de outros olhares para cada turma, para cada aluno.

A segunda consideração é a respeito de como a avaliação externa afeta a sala de aula. Ela impõe dinâmicas, força o professor a realizar trabalhos com seus alunos. Os professores são diretamente afetados em todos os sentidos na forma como vão conduzir as aulas em relação às turmas que realizarão as avaliações. Logo se a nota for boa, ótimo; parabéns para a gestão que trabalhou muito para conseguir manter a nota. Entretanto, se acontecer o contrário, os professores passam por intervenção escolar por parte da Secretaria Municipal de Educação, na qual muitas vezes eles são desrespeitados, em função de pressões em relação ao seu trabalho pedagógico.

Esse número do IDEB não é apenas um mero número. Para professores, ele representa angústias, dores de cabeça, tempo de treinamento em atividades matemáticas, ranqueamento das escolas, insatisfação por parte dos alunos. A nota do IDEB atravessa muitas dinâmicas que acontecem nas escolas.

Assim, diante de todas minhas travessias penso que é preciso um repensar de como as avaliações externas habitam as escolas. Não podemos ficar em um ambiente de competição entre escolas, somente se interessando pelos resultados finais, situação que não leva em consideração o fato de que cada escola é parte de uma cultura e que elas são diferentes, cada aluno é único e aprende de maneira diferente. Na atualidade, tudo o que se tem é uma prova de múltipla escolha que funciona como um instrumento de avaliação que diz ao governo como está cada escola, evidenciando um resultado norteado por uma *única prova*. São necessário outros usos, bem como outros formatos para como as avaliações externas afetam as escolas.

Uma terceira consideração é em relação à movimentação dos professores em função das aulas remotas. De certa forma, um ponto positivo com a pandemia foi que os professores aprenderam a lidar com tecnologias digitais, e os vários aplicativos como por exemplo o Meet e o Google Forms. Gravar vídeo-aulas, produzir materiais diferenciados, postar nos grupos de WhatsApp, e Facebook. Apenas fazendo uma ressalva, os professores trabalharam com seu próprio recurso, seu celular, seu computador, sua internet. Isso explicita uma fraca estrutura de trabalho para o professor.

Pelas narrativas dos professores, eles tiveram que aprender a lidar com essa tecnologia do dia para noite, não houve tempo necessário para um aperfeiçoamento ou curso, o professor mais uma vez correndo atrás de aprender o desconhecido para tentar atingir o aluno. Também não posso deixar de fazer uma consideração a respeito dos cadernos, as apostilas, as atividades complementares, que os professores prepararam durante este ano escolar. Infelizmente a TV REME não foi um sucesso e mesmo sendo um canal de televisão aberto que alcançava quase todos os alunos, este recurso não foi organizado adequadamente e com isso, não conseguimos atingir os alunos pelo canal 4.2 da TV REME.

A quarta consideração é dizer como aconteceram as aulas remotas. Pelas entrevistas com os professores de matemática e também pela minha experiência (nunca esquecendo que sou professora da educação básica), concordo com os professores que dizem a respeito desta modalidade de ensino: ***aula remota é bonita só na foto***.

Aula remota é a maneira mais excepcional de excluir os alunos das escolas públicas, pois muitos alunos não têm acesso aos links e aos vídeos postados, visto

que a maioria não tem computadores. Quando tem, não há acesso à uma internet de qualidade. Se os alunos não têm acesso às informações dos professores, como podemos pensar em avaliar por meio de provas formais? Também quero ressaltar que não podem punir os pais trabalhadores, dizendo que é responsabilidade dos pais ensinarem os alunos neste tempo de pandemia, pois o pai não é professor e tem conhecimento suficientes para ajudar os filhos. Muitos deles estão mais preocupados em trazer o alimento para casa, considerando que a Covid-19 trouxe muito desemprego, pelas orientações de segurança.

Sei que existem leis dizendo que a avaliação formal é a obrigatória para aprovação de uma série a outra, porém essas leis nunca foram pensadas em uma época que seria necessário distanciamento entre as pessoas. Se os professores forem obrigados a aplicar provas escritas tradicionais durante as aulas remotas para os alunos da escola pública, será a maior exclusão já vista, em anos de trabalho.

A quinta consideração é sobre uma visão dos professores: um entusiasmo sobre a educação pós-pandemia. Os professores consideram que a educação vai sofrer mudanças e que essas ferramentas tecnológicas, muitos destes aplicativos vão continuar em sala de aula. Os professores terão um grande desafio ao retornar, recuperar o conhecimento perdido, mas não de uma forma que vamos passar cem exercícios por aula. É preciso que os professores estejam próximos da realidade do aluno, desenvolvendo neles a vontade de aprender, pesquisar. O professor é auxiliador no processo de ensino e processo de aprendizagem.

Acredito que todos os envolvidos na escola, gestores, coordenadores, professores, alunos, pais, tiveram uma experiência única em toda essa pandemia, pois as dificuldades encontradas explicitaram que educar matematicamente alunos do Ensino Fundamental não é uma tarefa simples e requer muita reflexão, paciência, persistência. Outro efeito de todo esse processo foi a valorização do professor, pois pais sentiram na pele a importância da escola e de todo o acompanhamento dos professores com os alunos.

Talvez, para terminar esta uma última travessia, que considero apenas como um movimento de fechamento deste trabalho, fico com uma pergunta: o que vai acontecer com os alunos da escola pública em um mundo pós-pandemia? Como será a escola pós-pandemia?

Entre efeitos de avaliações que acontecem nas escolas e nas aulas de matemática, atravessados por um momento singular na história da humanidade, produzi (sendo produzida) algumas travessias que explicitam algumas dinâmicas e características de práticas profissionais de professores de matemática, bem como construí (e fui construída) em narrativas de uma escola e uma sala de aula que acontece.

## REFERÊNCIAS

ALVES, L. Educação remota: entre a ilusão e a realidade. *Interfaces Científicas Educação*, v. 8, n. 3, p. 348-365, 2020.

AMARO, Ivan. Avaliação em larga escala e trabalho docente: da lógica eficientista à lógica contrarregulatória. *Quaestio*. Sorocaba, SP, v.19; n.2; p.417-436; ago. 2017.

ARAUJO, N. K. S. **Análises das dificuldades na resolução de problemas matemáticos por alunos do 5º ano do Ensino Fundamental**. Dissertação de Mestrado em Ensino de Ciências Naturais e Matemática-Universidade Federal de Sergipe, 2015.

BARRETO, R.G. (Org.). **Tecnologias educacionais e educação a distância: avaliando políticas e práticas**. Rio de Janeiro: Quartet, 2001.

BURIASCO, R. L. C. de. Avaliação em Matemática: um estudo das respostas de alunos e professores. 1999. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Marília. 1999.

BURIASCO, R. L. C. de. Algumas considerações sobre avaliação educacional. **Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo, n.22, p.155-177; jul. /dez. 2000

CAMPO GRANDE (MS). Secretaria Municipal de Educação. Superintendência de Gestão Estratégica. **Promover Educação de qualidade: programa municipal de avaliação externa de desempenho dos alunos da Rede Municipal de Ensino de Campo Grande-MS /organizadoras, Soraya Regina de Hungria Cruz, Marcia. Regina Teixeira Mortari Végas, Maria Elisabete Calvacante**. – Campo Grande: SEMED, 2011.

CURY. G. F., SOUZA. A. L., SILVA. H. Narrativas: um olhar sobre o exercício historiográfico na Educação Matemática. **Bolema**, Rio Claro (SP), v. 28, n. 49, p. 910-925, ago. 2014. DOI:<http://dx.doi.org/10.1590/1980-4415v28n49a23> . ISSN 1980-4415.

D'Ambrósio, Ubiratan; (1932). **Educação matemática: Da teoria à prática/Ubiratan D Ambrósio**.- 23ªed. – Campinas, SP: Papyrus, 2012. – (Coleção Perspectivas em Educação Matemática)

FERNANDES, D. **Para uma teoria da avaliação no domínio das aprendizagens; Estudos em Avaliação Educacional**. v.19, n.41; set. a dez. 2008.

FRANCISCO, Carlos Alberto. **Uma leitura da prática profissional do professor de matemática** / Carlos Alberto Francisco. - Rio Claro: [s.n.], 2009 189 f.: il.

GARNICA, A. V. M. História Oral e Educação Matemática: proposta metodológica, exercício de pesquisa e uma possibilidade para compreender a formação de professores de Matemática. In: III Simpósio Internacional de Educação Matemática (SIPEM), 2006, Águas de Lindóia. **Anais do SIPEM**. Águas de Lindóia/ Curitiba : SBEM, 2006.

GARNICA, M. V. A. Outras inquisições: apontamento sobre História Oral e História da Educação Matemática. **ZETETIKÉ-Cepem-FE-Unicamp**-v.18 n.34-jul/dez-2010

GARNICA, M. V. Registrar oralidades, analisar narrativas: sobre pressupostos da História Oral em Educação Matemática. Ci. Huma. e Soc. em Rev. **Seropédica** v.32 n.2 Julho/Dezembro 29-42 2010

GARNICA, A. V. M., FERNANDES, D. N.; SILVA, H. Entre a Amnésia e a Vontade de nada Esquecer: notas sobre regimes de historicidade e história oral. **Bolema**, 25(41), 213-250, 2011.

GARNICA, M. V. A. História oral em educação matemática: um panorama sobre pressupostos. **HISTÓRIA ORAL**. v.18, n.2,p.35-53, jul./dez.2015

HORTA NETO, João Luiz. Avaliação externa de escolas e sistemas: questões presentes no debate sobre o tema. R. bras. Est. Pedag; **Brasília**, v.91, n.227, p. 84-104, jan./abr.2010

LINS, R. C.; GIMENEZ, J. **Perspectivas em aritmética e álgebra para o século XXI**. Campinas: Papirus, 1997.

LINS, R. C. Por que discutir teoria do conhecimento é relevante para a Educação Matemática. In: Bicudo, M. A. V. (org). Pesquisa em Educação Matemática: concepções e perspectivas. São Paulo: Editora da UNESP, 1999. p. 37-60.

LINS, R. C. **A diferença como oportunidade para aprender**. In: Peres, E. et al. (orgs.). Processos de ensinar e aprender: sujeitos, currículos e cultura: livro 3. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008, p. 530-550.

LINS, R. C. **O Modelo dos Campos Semânticos**: estabelecimentos e notas de teorizações. In: Angelo, C. L. Barbosa, E. P. Santos, J. R. V. Dantas, S. C. Oliveira, V. C. A.. (Org.). Modelo dos campos semânticos e educação matemática: 20 anos de história. 1ed. São Paulo: Midiograf, 2012. Lins constrói a noção de legitimidades em relação à essa discussão.

LINS,R.C.; VIOLA DOS SANTOS, J. R. Movimentos de teorizações em Educação Matemática, **Bolema**, Rio Claro (SP), v.30, n.55, p. 325-367, ago. 2016.

LUCKESI, C. C. **Avaliação de aprendizagem escolar**: estudos e propositores/Cipriano Carlos Luckesi. – 22.ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

MEC. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

OLIVEIRA, M. V. **Período de aulas remotas faz o professor reassumir o papel do professor**. São Paulo – SP. Acessado em 22 de nov. 2020. Disponível em: <https://porvir.org/periodo-de-aulas-remotas-faz-o-professor-reassumir-papel-de-aprendiz/>

PARO, J. C. Movimentos em grupos de trabalho: especificidades e singularidades em ações com professores que ensinam Matemática. In: EBRAPEM - ENCONTRO BRASILEIRO DE ESTUDANTES DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 20. 2016, Curitiba. **Anais**. Curitiba. UFPR, 2016. [9] p. Disponível em: [www.ebrapem2016.ufpr.br/anais/](http://www.ebrapem2016.ufpr.br/anais/). Acesso em: 01 dez. 2019.

PASCHOALINO, J. B. de Q.; RAMALHO, M. L.; QUEIROZ, V. C. B. Trabalho docente: o desafio de reinventar a avaliação em tempos de pandemia. **Revista Labor**, n 23, v.1, p 113-130, 2020.

PAULO, J.P.A.de. **Compreendendo formação de professores no âmbito do Modelo dos Campos Semânticos** / João Pedro Antunes de Paulo. -- Rio Claro, 2020 294 p. : il., tabs. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2020.

Seminário Sul-Mato-Grossense de Pesquisa em Educação Matemática (SESEMAT) (10.: 2016: Campo Grande, MS). **Anais do X Seminário Sul-Mato-Grossense de Pesquisa em Educação Matemática**, 18 e 19 de agosto de 2016 / organizadores dos anais do evento, Thiago Pedro Pinto ... [et al.] ; coordenação do evento, Edilene Simões Costa. – Campo Grande, MS: UFMS, 2016. 217 p.: il.

SAVIANI, D. Trabalho e educação: Fundamentos ontológicos e históricos. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. **Revista Brasileira de Educação**. v.12 n.34 jan/abr.2007

SALMON, G. (2004). E-actividades. El factor clave para una formación en línea activa. Barcelona: Editorial UOC.

SILVEIRA, A. L. C. e FERRON, A. **Reflexões sobre a avaliação no Contexto de uma Rede Municipal de Ensino: Elemento para pontuar a qualidade na Educação** - IX ANPED - SUL 2012, UPF/RS.

SILVA, Amarildo Melchiades da. **Sobre a dinâmica da produção de significados para a matemática**. 2003. iii, 243 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2003. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/102156>>.

SILVA, H. da; SOUZA, L. A. de. A história oral na pesquisa em Educação Matemática. **Boletim de Educação Matemática**, v. 20, n. 28, p. 139-162, 2007.

SILVA, Carla Regina Mariano da. **Uma, nove ou dez narrativas sobre as licenciaturas em ciências e matemática em Mato Grosso do Sul/** Carla Regina Mariano da Silva. – Rio claro. 2015. 369f.:il. Tese (doutorado) -Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas.

SILVA, L. A. GOMES. M.A. Avaliar para aprender no Brasil e em Portugal: perspectiva teóricas, práticas e desenvolvimento/ Maria Isabel Ramalho Ortigão, Domingo Fernandes, Talita Vidal Pereira, Leonor Santos (organizadores), Alice Casimiro Lopes, Elizabeth Macedo (coordenadores)-Curitiba: CRV, 2019. 278p.Série:Temas em currículo, docência e avaliação-volume 6.

UNESCO. ChildrenWithDisabilities. 2012. Disponível em:

<https://en.unesco.org/themes/inclusion-in-education/>. Acesso em: 9 de jan. 2021.

VIOLA DOS SANTOS, R.J.; BURIASCO C. L. R.; CIANI, B. A. A Avaliação como prática de investigação e análise da produção escrita em matemática. **Revista em Educação PUC-Campinas**, Campinas, n. 25, p. 35-45, nov. 2008.

VIOLA DOS SANTOS, J. R. **Legitimidades possíveis para a formação matemática de professores de matemática (ou: assim falaram Zaratustras: uma tese para todos e para ninguém)**. / João Ricardo Viola dos Santos. - Rio Claro: [s.n.], 2012 355 f.: il.

VIOLA DOS SANTOS, J. R. **O que alunos da Escola Básica mostram saber por meio de sua produção escrita em matemática**. 2007. 114 p. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual de Londrina.

VIOLA DOS SANTOS, J. R.; LINS, R. C. Movimentos de Teorizações em Educação Matemática. **Bolema** [online]. 2016, vol.30, n.55, pp.325-367. ISSN 1980-4415. <https://doi.org/10.1590/1980-4415v30n55a02>.

VIOLA DOS SANTOS, J. R., BURIASCO, R. L. C. Uma análise interpretativa da produção escrita em Matemática de alunos da escola Básica. *Zetetike (UNICAMP)*, 2008 v. 16, p.11 – 43.

VYGOTSKY, L. S.; **A formação social da mente**. 7.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. VYGOTSKY, L. S.; *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. Versão para eBook. Ed. Ridendo Castigat Moraes. Disponível em: Acesso em: 9 fev. 2010.

## ANEXOS

### Carta de Cessão

Eu, Cristiane de Oliveira Maia, RG: 578115, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minhas entrevistas, gravada por Leonor Fernanda Volpato de Moraes, RG. 1170114 SSP/MS, para que ele possa usá-la integralmente ou em parte, em áudio, transcrição e textualização (a mim apresentada e por mim conferida e validada), sem restrições de prazos e limites de citações desde a presente data. Da mesma forma, autorizo terceiros a utilizar as fontes geradas a partir dessa entrevista.

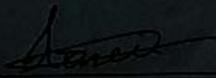
Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente carta.

Assinatura: Cristiane de Oliveira Maia

### Carta de Cessão

Eu, Waneir Gomes Plácido, RG: 986506, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minhas entrevistas, gravada por Leonor Fernanda Volpato de Moraes, RG: 1170114 SSP/MS, para que ele possa usá-la integralmente ou em parte, em áudio, transcrição e textualização (a mim apresentada e por mim conferida e validada), sem restrições de prazos e limites de citações desde a presente data. Da mesma forma, autorizo terceiros a utilizar as fontes geradas a partir dessa entrevista.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente carta.

Assinatura: 

### Carta de Cessão

Eu, Leandro Schuelter Barbosa, RG: 2572.163, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minhas entrevistas, gravada por Leonor Fernanda Volpato de Moraes, RG. 1170114 SSP/MS, para que ele possa usá-la integralmente ou em parte, em áudio, transcrição e textualização (a mim apresentada e por mim conferida e validada), sem restrições de prazos e limites de citações desde a presente data. Da mesma forma, autorizo terceiros a utilizar as fontes geradas a partir dessa entrevista.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente carta.

Assinatura: Leandro Schuelter Barbosa